

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

HEVELIN DE SOUZA FARIAS

MOVIDAS POR PAIXÕES, EDUCADAS PARA O LAR: O PERFIL DE MULHER NA
REVISTA CARIOCA FUTURO DAS MOÇAS, 1917-1918

CURITIBA

2024

HEVELIN DE SOUZA FARIAS

MOVIDAS POR PAIXÕES, EDUCADAS PARA O LAR: O PERFIL DE MULHER NA
REVISTA CARIOCA FUTURO DAS MOÇAS, 1917-1918

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Linha de Pesquisa de História e Historiografia da Educação, Setor de Educação, da Universidade Federal do Paraná, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof^a Dr^a Liane Maria Bertucci

CURITIBA

2024

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DO CAMPUS REBOUÇAS

Farias, Hevelin de Souza.

Movidas por paixões, educadas para o lar : o perfil de mulher na revista carioca Futuro das Moças, 1917 -1918 / Hevelin de Souza Farias. – Curitiba, 2024.

1 recurso on-line : PDF.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação.

Orientadora: Prof^a Dr^a Liane Maria Bertucci

1. Mulheres – Educação. 2. Educação não-formal. 3. Revista feminina (Rio de Janeiro, RJ). 4. Futuro das Moças (Revista). I. Bertucci, Liane Maria. II. Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

Bibliotecária: Tania de Barros Baggio CRB-9/760

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação EDUCAÇÃO da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **HEVELIN DE SOUZA FARIAS** intitulada: **MOVIDAS POR PAIXÕES, EDUCADAS PARA O LAR: O PERFIL DE MULHER NA REVISTA CARIOCA FUTURO DAS MOÇAS, 1917-1918**, sob orientação da Profa. Dra. LIANE MARIA BERTUCCI, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestra está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 09 de Abril de 2024.

Assinatura Eletrônica

09/05/2024 17:05:21.0

LIANE MARIA BERTUCCI

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

09/05/2024 13:52:59.0

SERGIO ROBERTO CHAVES JUNIOR

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

12/05/2024 16:40:31.0

ROSA LYDIA TEIXEIRA CORRÊA

Avaliador Externo (PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ - PUC/PR)

Dedico o presente trabalho ao futuro que meu amado irmão Lucas não pôde vivenciar, mas que suas memórias permaneçam eternas em nossos corações.

AGRADECIMENTOS

A escrita de um trabalho acadêmico não é feita de uma maneira desembaraçada. Ela é o resultado de um processo de planejamento das ideias, de textualização e principalmente de revisão, um reexame crítico, com possibilidades de modificações. Nesse processo, o conhecimento histórico foi construído, afinal não há história sem aplicação rigorosa das regras de uma profissão. (BOUTIER; JULIA, 1998), mas tão importante quanto isso, foi ter nessa jornada pessoas especiais que me fizeram chegar até aqui.

Por isso, começo agradecendo à minha orientadora Liane Maria Bertucci. Sua acolhida calorosa, disposição para me escutar, capacidade de me acalmar e orientar, sempre pelos melhores caminhos, foram essenciais para o meu desenvolvimento. Obrigada, Liane! Principalmente por sempre estar disposta a ouvir meus raciocínios loucos, compreendê-los e me "puxar" quando estes deixavam de fazer sentido.

Gostaria de agradecer ao Cassio de Souza Farias, aquele que escolhi para ser meu companheiro de vida. Sua presença constante, a disposição para me ouvir em cada processo da pesquisa e principalmente o seu apoio incondicional foram fundamentais para eu chegar até aqui. A confiança que você depositou em mim, muitas vezes foi maior do que a que eu tinha em mim mesma.

Expresso também minha gratidão aos professores e professoras da linha de História e Historiografia da Educação por compartilharem seus conhecimentos, cuja contribuição foi fundamental para o meu crescimento acadêmico.

Agradeço também aos professores Sergio Roberto Chaves Junior e Rosa Lydia Teixeira Corrêa que tanto contribuíram com seus conhecimentos para o desenvolvimento desta dissertação.

Aos colegas de turma, com quem pude dividir medos e angústias, meu sincero obrigada. Larissa Portes, Renato Barbizan, João Pedro, Kelyn Bueno, Kevin Lino, Daniele Martinez e Celso Rocha, cada um de vocês foi importante para criar um ambiente de apoio mútuo, onde pudemos trocar experiências e conhecimentos. Agradeço por todo o suporte e pela amizade construída nesse percurso.

Por fim, não posso deixar de mencionar a CAPES pelo apoio financeiro concedido durante o período do mestrado.

A todos vocês, meu mais profundo agradecimento. Sei que esta conquista não teria sido possível sem cada um de vocês ao meu lado. Sou imensamente grata por todo apoio, incentivo e contribuição que recebi ao longo dessa jornada. Obrigada!

Essa “nova Eva” [...] suscita o fervor daqueles - poucos que sonham com companheiros inteligentes e livres, porém mais generalizadamente o medo daqueles que temem ser desbancados e veem nessa ameaça do poder feminino o risco de degenerescência da raça e a decadência dos costumes (PERROT, 1988, p.192).

RESUMO

Esta dissertação foi realizada com o objetivo de compreender como, a partir da coluna As Paixões e os Sentimentos na Mulher elaborada por Salomão Cruz com trechos do livro *La femme: physiologie, histoire, morale* (1843) de Paul Belouino, a revista carioca *Futuro das Moças*, publicada entre abril de 1917 e fevereiro de 1918, fez circular uma representação de mulher emocionalmente frágil, instável e facilmente dominada por paixões devido às características de seu sistema nervoso. Permeando os textos da revista, essas noções do século XIX eram assim reafirmadas no tempo da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), que impulsionava a ampliação e diversificação da atuação feminina na sociedade, algo visto como inadequado por parcelas da população do Brasil. Os escritos publicados na *Futuro das Moças* não condenavam explicitamente o trabalho da mulher fora do espaço doméstico, mas demarcavam os limites de suas ações a partir da “natureza feminina” procurando educar a conduta das leitoras; nesse sentido, a revista condenou o voto feminino e o divórcio, tanto quanto a dedicação exagerada de jovens e senhoras às festas ou ações caritativas, e valorizou a função de professora e as atividades relacionadas ao cuidado, principalmente de crianças ou doentes. O estudo apresentado foi balizado pelos conceitos de circulação e representação de Roger Chartier, e seu *corpus* documental foi formado pelos dois volumes da coleção *Futuro das Moças* disponíveis na Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin da USP, foram também utilizados exemplares de jornais e outras revistas do mesmo período; Considerações do livro *A mulher é uma degenerada* de Maria Lacerda de Moura; e da obra de Belouino (edição de 1853); artigos do Código Penal (1890) e Código Civil (1916) brasileiros, e verbetes dicionários (1789 e 1913).

Palavras-chave: revista feminina; educação feminina; educação informal; Futuro das Moças.

ABSTRACT

The aim of this dissertation was to understand how the Rio de Janeiro magazine *Futuro das Moças*, published between April 1917 and February 1918, through the column "As Paixões e os Sentimentos na Mulher" by Salomão Cruz, with excerpts from the book "La femme: physiologie, histoire, morale" (1843) by Paul Belouino, disseminated a representation of women as emotionally fragile, unstable and easily dominated by passions due to the characteristics of their nervous system. These nineteenth-century notions, which permeated the magazine's texts, were thus reaffirmed during the First World War (1914-1918), which promoted the expansion and diversification of women's roles in society, something that was considered inappropriate by parts of the Brazilian population. The writings published in *Futuro das Moças* did not explicitly condemn women's work outside the domestic sphere, but defined the limits of their actions on the basis of "feminine nature" and sought to educate the behavior of its readers; in this sense, the magazine condemned women's suffrage and divorce, as well as the excessive dedication of young women and ladies to parties or charitable activities, and valued the role of the teacher and activities related to care, especially of children or the sick. The study presented was based on Roger Chartier's concepts of circulation and representation, and its documental corpus was consisted of the two volumes of the *Futuro das Moças* collection available at the Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin at the University of São Paulo (USP), copies of newspapers and other magazines from the same period were also used; Reflections from the book *A mulher é uma degenerada* by Maria Lacerda de Moura; and from Belouino's work (1853 edition); articles from the Brazilian Penal Code (1890) and Civil Code (1916), and entries from dictionaries (1789 and 1913).

Keywords: women's magazine; women's education; informal education; *Futuro das Moças*

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - FUTURO DAS MOÇAS, Nº 1	15
FIGURA 2 - O FUTURO DAS MOÇAS, Nº 40.....	19
FIGURA 3 - FOTOGRAFIA DE CONSUELO FERNANDEZ.....	54
FIGURA 4 - QUER SABER DO SEU FUTURO?.....	63
FIGURA 5 - POSTAES.....	67
FIGURA 6 - MODAS.....	73
FIGURA 7 - PASTA RUSSA.....	74
FIGURA 8 - TRABALHOS FEMININOS PAGINAS DE MLLE. GABY - MODELO PARA SANDALHA.....	96

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - COLUNA: AS PAIXÕES E OS SENTIMENTOS NA MULHER – número da revista, data de publicação, subtítulos (temas)	31
--	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
CAPÍTULO I - O CONTROLE DAS PAIXÕES E A BOA CONDUTA FEMININA	28
1.1 PERCEPÇÕES SOBRE A MULHER.....	29
1.1.1 Curiosidade e vaidade, a mulher “desregrada”. Inveja, uma paixão masculina.....	33
1.1.2 Um olhar sobre as paixões fé, esperança e caridade, o sentimento gratidão e a importância da prudência.....	42
1.2 DE LEITORAS A COLABORADORAS: A CIRCULAÇÃO DE IDEIAS PARA/SOBRE MULHERES	48
CAPÍTULO II- DA SECÇÃO DE FELICIDADE AO VOTO FEMININO, VISLUMBRES DO DESTINO DA MULHER	61
CAPÍTULO III - EDUCAÇÃO FEMININA: TRABALHO DE MULHER	85
3.1 IDEAIS DE FEMINILIDADE: EDUCAÇÃO, OCUPAÇÕES E DESAFIOS SOCIAIS	86
3.2 ANGELICAL E ATUANTE: A MULHER IDEAL.....	98
3.3 PATRIOTISMO COMO PAPEL FEMININO	105
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	110
FONTES	114
REFERÊNCIAS	122
APÊNDICES	130

INTRODUÇÃO

Em 1917 um artigo da revista *Futuro da Moças*, editada no Rio de Janeiro, afirmava: “[A] jovem de hoje será a mãe de família de amanhã e o filho de amanhã será o homem do futuro”¹ (OLIVIA, 1917a). Seria esse o destino das jovens mulheres do final da década de 1910 no Brasil? Para a autora do texto, sim. Ser mulher no final dos anos 1910 significaria, primordialmente, bem criar os filhos e assim concorrer para um futuro próspero da família e da sociedade. Mas como se traduziria ou seria moldada a conduta feminina ideal?

O objetivo desta dissertação é discutir como ideias que, reforçadas no século XIX por estudos sobre o corpo feminino (MARTINS, 2004), identificavam as mulheres como movidas por paixões, foram difundidas e balizaram textos publicados na *Futuro das Moças*. Destacamos a coluna As Paixões e os Sentimentos na Mulher², escrita por Salomão Cruz, como meio organizador e de circulação de tais ideias, que concorreram para traçar o perfil feminino na *Futuro das Moças* fornecendo argumentos para a demarcação de quais os espaços e formas de atuação social seriam próprios para as senhoritas e jovens senhoras dos Novecentos.

As primeiras décadas do século XX no Brasil foram marcadas por mudanças socioeconômicas que impactaram a mulher de maneira peculiar. Notadamente no sudeste do país, o crescimento de cidades e a remodelação urbana, em grande parte impulsionados pelas riquezas geradas pela exportação do café, resultou no progressivo aumento de oficinas, fábricas e atividades comerciais e, em consequência, na necessidade de trabalhadores, homens e mulheres (CHALHOUB, 2001; MOURA, 1982; SILVA, 1985). Nesse sentido, se a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) resultou em um impacto inflacionário no país, principalmente com o aumento de preços dos produtos alimentícios (com graves consequências para os mais pobres³), foram também com as notícias sobre o conflito mundial que chegaram

¹ Nesta dissertação a grafia das palavras foi atualizada, exceto os nomes de pessoas, títulos de periódicos (e de seus artigos, colunas e seções) e de livros.

² Para facilitar a identificação pelo leitor, no corpo da dissertação usei a primeira letra maiúscula nas palavras dos títulos de artigos, colunas e seções. Coluna pode ser de um autor ou temática é um artigo regularmente publicado na revista ou no jornal, com ideias do autor ou seu ponto de vista, tais como, As Paixões e os Sentimentos na Mulher e Perfis de Normalistas. Seção é uma parte da revista ou jornal que recebe textos com ideias diferentes ou formatos, de diversos autores, como as Alfinetadas e Telegrammas.

³ Nesse período, o descontentamento com as condições de trabalho nas fábricas, os baixos

no Brasil informações sobre o “esforço de guerra” feminino, com jovens e senhoras norte-americanas e europeias realizando atividades antes vedadas às mulheres. Algo que impulsionou discussões e posicionamentos sobre a atuação feminina na sociedade (RAGO, 2001; SEVCENKO, 1999).

Na cidade do Rio de Janeiro, então capital federal, centro comercial e fabril, local de chegada de muitos imigrantes, com uma população de mais 900.000 indivíduos, eram várias as publicações que tinham como alvo principal o público feminino, entre elas o *Jornal das Moças*⁴ que surgiu em 1914. Segundo o Censo de 1920, quando a população já passava de 1 milhão de pessoas, do total de 559.506 mulheres 55,77% sabiam ler e escrever (das alfabetizadas 56,13% eram brasileiras e 53,72 % estrangeiras) (SOIHET, 1989). Foi nesse cenário que foi criada e começou a circular, em abril de 1917, a revista *Futuro das Moças*, com o subtítulo “semanário ilustrado”. (Figura 1).

FIGURA 1: CAPA – *FUTURO DAS MOÇAS*, Nº 1



FONTE: *Futuro das Moças*, Rio de Janeiro, nº 1, 4 abr. 1917.

salários, o emprego dos chamados “menores”, além da carestia, culminaram na Greve Geral de 1917 (com importante ação dos anarquistas) em São Paulo, algumas localidades do interior paulista, no Rio de Janeiro e outras cidades brasileiras (LOPREATO, 2000).

⁴ O *Jornal das Moças* foi uma revista que pertenceu a empresa carioca Menezes, Filho & C. Ltda. Começou a circular em 1914 e foi encerrada em 1965 (ALMEIDA, 2008).

O título da revista deve ter despertado a atenção de várias pessoas, tanto quanto a capa pode ter mobilizado a atenção de possíveis leitoras(res). A capa, com desenho colorido, apresenta uma jovem leitora bem arrumada, mas sem exageros, provavelmente no jardim de sua casa, tendo atrás de si, acima de sua cabeça, a figura de uma criança (um querubim?) jogando flores. A imagem da jovem parecia prefigurar o futuro desejado para as moças: serem letradas, bem informadas e recatadas (como sinalizavam a vestimenta da jovem e o local onde estava), ideal feminino e moderno, o “belo sexo” homenageado. O desenho dos olhos, voltados para o observador, com expressão alegre, um tanto provocadora, parece destoar da configuração como um todo⁵. Teria sido elaborado para despertar o interesse das jovens para a leitura da revista que começava a ser editada?

Desde o primeiro número, vários textos da *Futuro das Moças* apresentaram viés educativo, cumprindo a intenção da revista de se destinar ao desenvolvimento “literário, científico e culto da mulher” (A REDACÇÃO, 1917). Vários mecanismos podem exercer ações educativas, incluindo aqueles que se propõem a noticiar, entreter, debater, sob as formas de impressos semanais. Um tipo de material que, como escreveu Pallares-Burke (1998, p.145), tem “muito a dizer sobre o modo complexo pelo qual as culturas são produzidas, mantidas e transformadas”.

Nesse sentido, o semanário pode ser colocado na perspectiva de práticas educativas no âmbito informal, exercendo uma força difusa e cotidiana para moldar práticas sociais, a partir da veiculação de representações de mulher.

A *Futuro das Moças* era propriedade da Empresa Cosmopolita (PROPRIEDADE...1917)⁶, cada número era vendido por \$300 (300 réis)⁷, e os exemplares tinham em média 30 páginas. Apesar de ter como foco principal o público

⁵ Conforme Jean-Jacques Courtine e Claudine Haroche, ao longo dos séculos XVI-XVIII, a forma de expressar ou calar emoções faciais foi se transformando no Ocidente. No século XIX, a expressão facial socializa o indivíduo por meio de olhares, gestos, etc “voltados para o exterior e provenientes ao mesmo tempo do mais íntimo do indivíduo, obedecendo a códigos e limites regidos pelas convenções e significando ao mesmo tempo o singular e inefável de uma interioridade” (COURTINE; HAROCHE, 2006, p.247).

⁶ Não foi localizada informação sobre esta empresa.

⁷ Na década de 1910 a moeda brasileira era o real, plural, réis: \$300 (300 réis), 300\$000 (trezentos mil réis), 300:000\$000 (300 contos de réis), 3.300:000\$000 (três mil e trezentos contos de réis). No Rio de Janeiro, o ingresso mais barato, das galerias e da geral, do Theatro Republicano, custava 1\$000 (THEATRO REPUBLICANO, 1917); o valor da dúzia de ovos variava entre 1\$100 a 1\$200 (PEQUENOS MERCADOS, 1917), e um sapato em “pelica envernizada” era vendido por 20\$000 na Casa Amazonas, do bairro Méier (CASA AMAZONAS, 1917).

feminino, a revista era dirigida por homens com experiência na imprensa, e também foi lida por homens. Um dos diretores foi Publio Pinto, que, entre outras ações no meio jornalístico, era diretor-proprietário do *A Capital* (NOTAS SOCIAES, 1917). Entre abril e dezembro de 1917, o redator-chefe foi Raul Waldeck, com várias atuações na imprensa, entre elas a de redator-secretário, entre 1916 e início de 1917, da revista carioca *Jornal das Moças* (RAUL WALDECK, 1917). Entre os colaboradores da *Futuro das Moças* estavam: o literato Nestor Guedes, que foi redator-secretário da revista até junho de 1917 (NESTOR GUEDES, 1917); o engenheiro agrimensor, autor de livros didáticos (escreveu o primeiro com 21 anos) e professor Mario da Veiga Cabral (1894-1969) (SILVA, 2014), que ocupou o cargo de redator-secretário dois números depois da saída de Guedes, e Salomão Vergueiro da Cruz (1899-1964), estudante da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro à época, colaborador e correspondente da *Futuro das Moças* na cidade de Niterói (INSTRUCÇÃO PUBLICA, 1915; FUTURO DAS MOÇAS, 1917)⁸. Em 1917 Salomão Cruz (como assinava na revista) tinha 18 anos e Raul Waldeck, o mais velho do grupo citado, 32 anos⁹.

A *Futuro das Moças* contou também com leitoras colaboradoras, ou seja, jovens e senhoras do Rio de Janeiro e de outras partes do país que escreviam para a revista, fazendo algum comentário ou enviando textos autorais, que passaram a publicar regularmente no periódico. É preciso considerar que nomes femininos poderiam ser utilizados por homens, entretanto, até mesmo essa estratégia é indicativa de um esforço para atingir o público-alvo da revista.

Algumas colunas e seções da revista eram assinadas com pseudônimos, como a *Carnet de Moça* assinada por Repórter, o que dificultava ainda mais a provável identificação da autoria dos textos. Homens também colaboravam com a revista, assinando artigos ou enviando e recebendo mensagens, mas os nomes masculinos foram em menor número que os de mulheres, desconsiderando os dos membros da redação da *Futuro das Moças*.

Assim como era comum nos periódicos do início do século XX (SOARES; BARROS, 2014), as propagandas ocupavam diversas páginas da revista *Futuro das*

⁸ Em edições dos anos 1910-1920 do *Jornal do Brasil*, pontuam informações sobre Salomão Cruz (em geral como Salomão da Cruz), atuando em apresentações teatrais, engajado em ação humanitária, membro da Academia Fluminense de Letras e dedicado especificamente à medicina, por exemplo, como inspetor sanitário em Niterói em meados dos anos 1920 (ESTADO DO RIO, 1925).

⁹ Confira os redatores, diretores e gerente da *Futuro das Moças* no Apêndice A.

Moças com anúncios que abrangiam de artigos de moda, que seguiam as atualizações europeias, até medicamentos e serviços médicos. Coadunando com a proposta educativa e com as atividades de alguns de seus colaboradores, notadamente Mario da Veiga Cabral, a revista também veiculava propagandas de professores que ministravam cursos preparatórios para o exame de admissão na Escola Normal e de mestres que davam aulas particulares.

Conteúdos de entretenimento também eram divulgados pela revista, como filmes e a programação de peças de teatro que estavam em cartaz no Rio de Janeiro. Além disso, o periódico saudado pelo jornal *A Razão*, de Niterói, por ter como autoras de seus textos “moças da nossa melhor sociedade” (A “FUTURO DAS MOÇAS”, 1917), cobria eventos apresentados como da “alta sociedade” ou “elite carioca”, um grupo de pessoas ricas e/ou cultas, politicamente influentes¹⁰, que frequentava locais como o Brazil Club e o Club Syrio Brasileiro (DIABO AZUL, 1917). Tal qual outros semanários, e não apenas os dedicados às mulheres, na *Futuro das Moças* eram encontradas publicações de imagens e comentários de festas, bailes e outros acontecimentos sociais com informações sobre a organização desses eventos, considerações sobre as vestimentas, especialmente das jovens e senhoras, e sobre o comportamento de mulheres e homens “da sociedade”. A seção Atravez dos Salões, assinada por Diabo Azul, era especializada nesses quesitos e assim concorria para a circulação de modelos sociais entre as leitoras e eventuais leitores.

O último número localizado da revista *Futuro das Moças* (com o título pouco alterado desde o número 33) foi o de número 40, publicado em fevereiro de 1918, o que sugeriu que a publicação deste número coincidiria com o encerramento do periódico. Mas, uma informação encontrada indicou que os proprietários da revista não pretendiam parar com sua edição, pois em março de 1918 o jornal carioca *A Razão* anunciou a contratação de um novo redator para o semanário (DIVERSOS, 1918), entretanto, nenhuma outra notícia sobre a *Futuro das Moças* foi encontrada. Aparentemente, a capa monocromática reproduzindo uma jovem com semblante pensativo e mãos postas, encerrou, de maneira um pouco melancólica, as edições da revista (Figura 2).

¹⁰ Considerações sobre o termo elite e seus desdobramentos teóricos no século XX, veja: Bottomore (1996).

FIGURA 2: CAPA – O FUTURO DAS MOÇAS, Nº 40



FONTE: *O Futuro das Moças*, Rio de Janeiro, nº 40, 13 fev.1918

Editada na capital federal, a *Futuro das Moças* circulou em outras regiões do país, como indica, por exemplo, a seção Postaes com a publicação de comentários e informações de leitores de outros estados brasileiros. Os textos da revista discutiam temáticas que, em maior ou menor proporção, começavam a impactar o dia a dia de muitas jovens brasileiras. O voto feminino e as implicações morais e religiosas do divórcio pontuaram como temas de colaboradores e entre as leitoras da revista, em um período em que as mulheres ampliavam sua inserção social e que os espaços para a atuação profissional se expandiam (DUARTE, 2003).

Ao longo dos números semanais da *Futuro das Moças*, foram editados artigos, poemas, colunas e seções que tinham como tema e como alvo primordial a mulher. Alguns dos textos, como os da Secção de Felicidade, falavam sobre o que deveria esperá-las (marido, filhos, casa); outros eram utilizados para tecer opiniões sobre os assuntos que estavam em voga (saúde, moda, voto feminino, etc.), como os da coluna

Chronicas; outros tinham como objetivo fazer alertas ou admoestações sobre os comportamentos femininos, como a coluna Alfinetadas.

Entre esses textos, permeados de intenções educativas, estavam os 18 artigos, publicados na coluna As Paixões e os Sentimentos na Mulher, elaborados por Salomão Cruz a partir de trechos do livro *La femme: physiologie, histoire, morale* (1843), obra de Paul Belouino (1812-1876). Cruz não informou o nome do livro e mencionou apenas uma vez seu autor, cujo sobrenome foi impresso erroneamente como Belonino¹¹; entretanto, o cotejamento de partes dos artigos com parágrafos do livro *La femme: physiologie, histoire, morale* (edição 1853) indica a origem dos escritos publicados na *Futuro das Moças*.

Em linhas gerais, os artigos editados por Salomão Cruz defendiam o argumento de que as ações femininas não eram guiadas pela razão, mas sim pelo sentir, pois era essa a natureza feminina (“frágil e instável” (DAVIS, 1990)) que deveria ser considerada para balizar as funções da mulher na sociedade.

Ao traduzir os textos da língua francesa para a língua portuguesa e organizá-los como artigos, o aluno de medicina Salomão Cruz assumiu o papel de produtor de significados, assim como um leitor que constrói sentidos em sua leitura. Sua tradução não pode ser considerada uma mera reprodução dos escritos de Belouino, visto que o processo da tradução não é apenas como a transportação de palavras de uma língua para a outra, e sim a organização e compreensão de sentidos do texto ao passar de um idioma a outro. Como alerta Trindade (2003), quem traduz é responsável pela interação entre o texto e o leitor; a tradução é feita de acordo com o público que se quer atingir, nesse sentido, tanto o texto em seu idioma original, quanto a tradução, possuem características culturais e sociais e o tradutor é a ponte entre essas duas esferas ao traduzir um conjunto de sentidos.

Ao analisar tais artigos, é preciso se atentar às relações de tempo e de espaço de Salomão Cruz e também as de Paul Belouino, visto que ao traduzir e reordenar trechos da obra do médico francês, Cruz, um jovem do início dos Novecentos com algum conhecimento médico, ressignifica as principais concepções do autor traduzido. Portanto, Salomão Cruz não foi elaborador do conteúdo dos artigos, mas pode ser

¹¹ O nome do médico com a grafia P. Belonino aparece uma vez na revista, na edição de número 5, de 1917 (CRUZ, 1917d). Salomão Cruz se referiu ao médico outras três vezes, mas sempre como “o autor” (CRUZ, 1917f; CRUZ, 1917h; CRUZ, 1917i).

considerado redator/escritor dos textos publicados na coluna As Paixões e os Sentimentos na Mulher.

Conforme o primeiro dos textos dessa coluna, que não tem autoria, mas informa “Tradução de Salomão Cruz”¹², a mulher teria inclinações a certos sentimentos e também a ser dominada pelas paixões, o que afetaria o seu agir.

Nos artigos, o sentimento é apresentado como uma sensibilidade da alma, a partir de uma percepção de sensibilidade como a qualidade de ser sensível ou vulnerável às impressões e também a ofensas e intrigas.

No século XVIII o *Diccionario da língua portuguesa*, de Bluteau e Silva (obra de singular importância para sistematização do português), apresentava as sensações humanas como os sentimentos que a alma tem por meio das impressões que os objetos externos produzem na pessoa, a partir de seus órgãos sensoriais ou do sentido: o olhar, o ouvir, o cheirar, o tato e o paladar (BLUTEAU; SILVA, 1789). No século seguinte, estudos sobre o cérebro humano e questões relativas à degeneração, ampliaram e deram outros contornos para tais considerações (STIKER, 2008), entretanto as impressões causadas “na alma” continuaram a ser discutidas, principalmente no caso das mulheres.

Quanto as paixões enfatizadas na coluna da revista, elas eram discutidas pelo menos desde a Grécia Antiga (MEYER, 2000) e podem ser entendidas como estados de espírito que são motivados por situações ou imagens de algo que provocam um reagir de forma inesperada. Ligadas diretamente aos sentimentos, que podem ser de prazer ou sofrimento (positivos e negativos), as paixões são motivadas por eles ou são geradoras deles. Consideradas como parte da existência humana, determinariam o modo de agir em relação ao que é sentido. As paixões abarcam variados sentimentos e emoções, podendo ser consideradas como definidoras de julgamentos e, por serem estados transitórios, têm a possibilidade de mudar hábitos ou situações.

Como escreveu Lebrun (2009), para os aristotélicos, as paixões seriam tudo que o faria variar o juízo, e nem todos os seres humanos atingiriam o equilíbrio entre o sentir e o agir. O mau uso das paixões poderia fazer com que o ser humano deixasse de priorizar coisas consideradas como responsabilidades. Por esse motivo, era preciso saber administrar uma paixão e assim equilibrar tanto o estado de paixão

¹² Salomão Cruz menciona o nome do médico francês, em uma nota, apenas no quarto artigo da série. Em nenhum dos textos da coluna foi citado o nome do livro escrito por Belouino.

como a sua causa, pois apesar de não ser responsável pelas paixões, o indivíduo era responsável por ações decorrentes delas.

As paixões então podem ser entendidas como estados transitórios que mudam conforme os hábitos ou as situações vivenciadas pelos seres humanos (LEBRUN, 2009; MEYER, 2000) ¹³.

Nos textos publicados na *Futuro das Moças*, as paixões são definidas e reiteradamente apresentadas como sendo mais comuns nas mulheres, que seriam propensas e com mais inclinações a serem dominadas, enquanto a razão faria parte das ações dos homens. Assim, os autores do periódico reelaboram e reforçam, no final da segunda década do século XX, tanto a percepção da mulher como naturalmente propensa ao descontrole, como a importância e a necessidade de controlar tais impulsos apaixonados para que as jovens pudessem concorrer para um futuro grandioso, para si, sua família e o seu país.

No Brasil, especialmente a partir da virada para os Novecentos, a crescente urbanização e a multiplicação de fábricas geraram transformações que impactaram a presença feminina nos espaços públicos e de trabalho. Muitas jovens ocuparam as vagas de trabalhos nas fábricas de aviamentos e nas tecelagens, nas de alimentos, nas manufaturas de cigarros e fumos e, também, em metalúrgicas (MATOS; BORELLI, 2013). Além disso, esposas ou filhas de comerciantes, gerentes de lojas ou bancários, também adentraram o espaço social como balconistas, secretárias ou professoras, em um tempo que ser lavadeira ou vendedora ambulante de quitandas (doces, biscoitos, etc.) eram atividades cada vez mais desvalorizadas, pois pressupunham uma circulação no espaço público (BERTUCCI, 2015; MONTELEONE, 2019). No final da década de 1910, a crescente realização de atividades fora do lar por mulheres de diferentes grupos sociais era objeto de reflexão de muitas pessoas, que temiam pelo que viria depois da Grande Guerra (o Brasil declarou o fim de sua neutralidade em maio de 1917; entrou na luta, contra a Alemanha e seus aliados, em outubro de 1917 (CAVALCANTI, 1983)). Como conjugar o que era da natureza feminina com as mudanças sociais? Essa questão pode ser percebida em diferentes textos publicados na *Futuro das Moças*.

¹³ Nesta dissertação não pretendo realizar uma ampla discussão sobre paixões ou sentimentos, mas apenas apresentar considerações que colaborem para o entendimento e contextualização de artigos publicados na *Futuro das Moças*.

Meu primeiro contato com a revista *Futuro das Moças* aconteceu em 2020, quando localizei dois volumes com os números do periódico no repositório on-line da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, da Universidade de São Paulo (BBM-USP). Tinha concluído a graduação em Letras na Universidade Estadual do Paraná (Unespar, *campus* Paranaguá) meses antes e, durante a realização da minha monografia sobre a identidade infantil em dois contos brasileiros, as figuras da mulher-mãe, uma dedicada exclusivamente ao lar e a outra trabalhando fora de casa (SOUZA, 2019), chamaram minha atenção. Interessada sobre como a mulher era percebida na primeira metade do século XX em outras publicações, decidi fazer a pesquisa na BBM-USP e encontrei a revista *Futuro das Moças*. Nesse processo, meu interesse extrapolou o âmbito das letras, enveredei pela história e depois história da educação, das práticas socioeducativas.

O *corpus* documental desta dissertação é formado pelos 38 exemplares da *Futuro das Moças*, que estão reunidos nos dois volumes da BBM-USP: no primeiro estão os números 1 ao 19; no segundo, do número 20 ao 40. Nessa última coleção, depois do número 28, provavelmente devido a alteração no título do periódico (*O Futuro*), os dois números seguintes aparecem como 1 e 2; com a volta do título antigo, com pequena modificação (o artigo O no início do título – *O Futuro das Moças*), os exemplares seguintes receberam impressos os números 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40. Nos exemplares disponíveis na BBM-USP, os números 1, 2, 33 a 40 foram renumerados manualmente na capa do semanário, respectivamente com os números 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37 e 38 (APÊNDICES B e C). Nesta dissertação, utilizo como referência a numeração impressa na revista.

O título do periódico utilizado no corpo da dissertação é *Futuro das Moças*, por ser o original e estar na capa da maioria dos números do semanário, mas nas referências às fontes citadas foi respeitada a grafia do título impresso no número da revista.

É preciso frisar que, apesar das mudanças no título da *Futuro das Moças* a estrutura da revista pouco se alterou. Talvez a maior mudança tenha sido a diminuição de páginas em novembro de 1917, pouco depois da entrada do Brasil no conflito mundial, época de carestia ainda mais generalizada; nesse período a revista mudou o nome para *O Futuro* e houve a ampliação da participação de homens como autores de textos. A situação durou apenas dois números e a revista voltou circular com o nome original um pouco alterado: *O Futuro das Moças*. Entretanto não existiam mais

tantas páginas, fotografias e leitoras colaboradoras como nos primeiros meses do semanário.

Sobre a organização dos números da revista em dois volumes, que estão na BBM-USP, deve ter sido realizada por Mario da Veiga Cabral, que exerceu a função de redator-secretário da *Futuro das Moças*. O nome de Cabral e a data “19-12-918” estão escritos manualmente na contracapa dos volumes. É possível que a renumeração manual dos exemplares finais da revista também tenha sido realizada por ele (Apêndice C) – talvez, além de preservar a *Futuro das Moças*, Mario da Veiga Cabral pretendesse evidenciar a unidade da revista publicada entre abril de 1917 e fevereiro de 1918.

Outros periódicos foram pontualmente utilizados como fontes para a elaboração desta dissertação. Os jornais (acesso Biblioteca Nacional - Digital): *A Razão* (Niterói), *Diário de Pernambuco* (Recife), *Jornal do Brasil* (Rio de Janeiro), *Lanterna* (Rio de Janeiro); além da revista carioca *Jornal das Moças*.

Também foi utilizado o livro *La femme: physiologie, histoire, morale*, de Paul Belouino (1853), o *Diccionario da língua portuguesa*, de Bluteau e Silva (1789) e o *Novo dicionário da língua portuguesa*, de Candido de Figueiredo (1913).

Para elaboração deste estudo me ancorei principalmente nas contribuições sobre a construção de significado e apropriações de significantes propostas na teoria acerca dos impressos e história da leitura construídas por Roger Chartier. Dentro dessas concepções da história cultural foram eleitos os conceitos de representação e circulação. Para o autor, se valer da análise das representações contidas nos impressos, nos fornece vestígios de um mundo social que se apresenta como é, mas que não foi na realidade como está sendo representado.

Nesse sentido, a representação para Chartier (1991), se coloca como construção social de imagens mentais sobre algo ou alguma coisa, que não é tal qual como se apresenta. Já a circulação, segundo o autor, é “constituição de um público sem que as pessoas estejam necessariamente no mesmo lugar, em mútua proximidade” (CHARTIER, 2001a, p. 64).

No caso específico da *Futuro das Moças*, a figura de mulher postulada em vários gêneros textuais, que vão desde crônicas e colunas até ilustrações e pequenas notas, traduz uma percepção do mundo social brasileiro, notadamente o carioca, do início do século XX. A esses significados, podemos colocar no local de produção de símbolos e imagens mentais que divulgam e reiteram uma realidade construída sob a

figura da mulher proposta pelo editorial, pois “todos visam, de fato, a fazer com que a coisa não tenha existência a não ser na imagem que exhibe, que a representação mascare ao invés de pintar adequadamente o que é seu referencial” (CHARTIER, 1991, p. 185).

Os periódicos, por carregarem uma carga de historicidade, são considerados documentos pertinentes para o rastreamento do passado desde o século XIX (MARTINS, 2003). Com textos aparentemente desinteressados que trazem como argumentos um conjunto de justificativas ou compensações, que entre linhas e nos mais simples conectivos linguísticos nos dão indícios de intenções dos autores, isso, pois os impressos são veículos de divulgação de valores, ideais e interesses. Quando os interrogamos procuramos entender o significado que assumem na transmissão das ideias e educam informalmente os leitores (LUCA, 2008).

Como escreveu Capelato (1988, p.21):

A imprensa constitui um instrumento de manipulação de interesses e intervenções na vida social. Partindo desses pressupostos, o historiador procura estudá-la como agente da história e captar o movimento vivo das ideias e personagens que circulam pelas páginas dos jornais [e das revistas]. A categoria abstrata imprensa se desmistifica quando se faz emergir a figura de seus produtores como sujeitos dotados de consciência determinada na prática social.

No Brasil o alargamento da utilização de periódicos foi concomitante a paulatina multiplicação de estudos sobre a história das mulheres que acontecia internacionalmente, nos anos 1980-90, principalmente a partir da influência da Terceira Geração da Escola dos *Annales* e da chamada Nova História Cultural, mais receptivas à presença de pesquisas de dimensão sexuada (PERROT, 2005).

Na década de 1980, estudos como o de Esmeralda Moura (1982), *Mulheres e menores no trabalho industrial*, que abordou aspectos que moldaram a inserção feminina, e de menores, no trabalho industrial, é exemplo das pesquisas que investigaram os impactos dessa dinâmica sobre as vidas das mulheres no início do século XX.

Especialmente a partir da década de 1990 surgem cada vez mais trabalhos centrados na mulher, como é o caso da obra *História das mulheres no Brasil* organizada por Mary Del Priore, na qual destacamos o texto de Guacira Lopes Louro (2001), “Mulheres na sala de aula”, que tematiza a participação e a presença da

mulher na sala de aula, principalmente as transformações sociais, culturais e políticas que influenciaram essa inserção, e o capítulo escrito por Margareth Rago (2001), “Trabalho feminino e sexualidade”, que aborda a condição precária de trabalhadoras no início do século XX, especialmente no contexto industrial brasileiro.

Já nos anos 2000, o artigo de Joana de Moraes Monteleone (2019), “Costureiras, mucamas, lavadeiras e vendedoras: o trabalho feminino no século XIX e o cuidado com as roupas (Rio de Janeiro, 1850-1920)” sobre a expansão do trabalho feminino remunerado, como as costureiras e vendedoras, e ocupações exercidas por mulheres pobres, é exemplo das discussões realizadas sobre a mulher e o mundo do trabalho.

Entre os estudos de história da educação realizados no país que tiveram como tema a mulher e o magistério podemos destacar o livro de Jane Soares de Almeida (1998) *Mulher e educação: a paixão pelo possível*, em que a autora discorre sobre o percurso profissional feminino no campo da educação no estado de São Paulo. Entretanto, a relação mulher/educação não se limita ao universo escolar, práticas educativas acontecem além desse âmbito, e as mulheres foram tanto alvos quanto agentes educativos. Nessa dissertação utilizamos alguns estudos que evidenciam ações educativas da mãe cuidadora e primeira educadora dos filhos, como os de Maria Martha Freire (2009) *Mulheres, mães e médicos* que discorre sobre a circulação da ideia de maternidade científica na década de 1920 no Rio de Janeiro e em São Paulo e o de Sarasvati Conceição (2012) *Educando mulheres, vendendo saúde: propagandas e outros textos de jornais Curitibanos dos anos 1920*, que analisou através de discursos de jornais curitibanos a representação da mulher saudável.

Nesses estudos sobre a mulher a utilização de jornais e revistas, especializados (médicos, educacionais, etc.) ou não, ganhou redobrada importância. Livros, artigos, e outros trabalhos acadêmicos foram elaborados tendo os períodos como fonte, por vezes principal, de reflexões sobre a mulher. A possibilidade do vislumbre de aspectos do cotidiano fez com que se multiplicasse a utilização dos chamados jornais diários e de revistas semanais ou mensais.

Em uma observação acerca dos trabalhos que analisaram a revista *Futuro das Moças*, encontramos o trabalho de Ariza Maria Rocha (2019) intitulado *A educação intelectual, física e moral das normalistas no Futuro das Moças: Semanário Ilustrado (1917-1918)* que analisou o perfil de normalista que era defendido pela

Futuro das Moças, para isso investigou como a revista buscava acompanhar a vida das estudantes oferecendo conselhos e censuras relacionados à conduta moral.

Esta dissertação está dividida em três capítulos. O Capítulo I - **O Controle das paixões e a boa conduta feminina** busquei evidenciar como a coluna As paixões e sentimentos na mulher organizada por Salomão Cruz relacionava as paixões como responsável pela conduta feminina, e seriam a causa da inconstância feminina, considerada danosa para sociedade. Além disso, investiguei qual era o papel dos(as) leitores(as) colaboradores(as) na circulação de ideias para e sobre mulheres que eram utilizados como argumentos para a tentativa de delimitação dos espaços que as mulheres poderiam ocupar.

No Capítulo II - **Da Secção de Felicidade ao voto feminino, vislumbres do destino da mulher** analisei qual representação de mulher ideal que a revista circulou e o que era esperado delas, principalmente em meio às mudanças sociais, um período utilizado como instrumento de educação social.

Já no Capítulo III - **Educação feminina: trabalho de mulher** disserto sobre como era visto o papel e atuação da mulher na sociedade, quais eram as ideias de educação e ocupação para as mulheres. A atuação, principalmente a profissional, era relacionada às paixões, que eram relacionadas em sua maioria à maternidade, e por isso vistas como positivas, e outras negativas, pois afetariam diretamente a representação de feminilidade da mulher.

CAPÍTULO I

O CONTROLE DAS PAIXÕES E A BOA CONDUTA FEMININA

1.1 PERCEPÇÕES SOBRE A MULHER

No dia 14 de abril de 1917 circulou pela primeira vez a revista carioca *Futuro das Moças*. O editorial, intitulado *Ao Bello Sexo*, afirmava:

As moças, ao sexo feminino em geral, sob cuja égide se coloca, apresenta suas credenciais o(sic) *Futuro das Moças*, revista semanal destinada ao desenvolvimento literário, científico e de culto à mulher. Qual o futuro das moças em nosso país, nesse meio social em que vivemos?

Que lhes pode influir na diretriz para o dia de amanhã, povoado de sombras, de dúvidas, de incertezas (...).

Só a instrução em suas diversas modalidades, já nas letras, já nas ciências, já nas artes, poderá fornecer o material para o bom desempenho das funções de que a mulher for investida.

É fazendo aplicação dos conhecimentos adquiridos, que a mulher, escrevendo, discutindo, fazendo valer sua opinião, valorizando enfim a soma de suas aptidões, vai patenteando o talento que possui (...).

Aqui deixamos as nossas páginas franqueadas às gentíssimas senhoras e senhoritas que nos honrarem com a sua colaboração (A REDACÇÃO, 1917)

Mas, de quais funções nas letras, artes ou ciência a mulher poderia ser investida? Ao longo dos números da revista, o escopo da *Futuro das Moças*, sinalizaria tais funções ao procurar atender o que considerava necessidades específicas do público feminino, atualização as leitoras em temas como economia doméstica, culinária e trabalhos manuais (com moldes para pinturas e pirogravuras); debatendo questões relativas ao casamento, atividades no lar e criação dos filhos, abordando a questão do voto feminino e a literatura para mulher (contos e poesias escritos por leitoras foram publicados na revista).

Permeando as considerações e indicações da *Futuro das Moças*, a representação de uma mulher que deveria ter no espaço doméstico o seu lugar por excelência. Como procurava esclarecer a coluna *As Paixões e os Sentimentos na Mulher*, era a natureza feminina que assim determinava.

Editada, com pequenos intervalos, nos primeiros cinco meses de publicação da revista, essa coluna foi escrita pelo acadêmico de medicina Salomão Cruz a partir de trechos do livro *La femme: physiologie, histoire, morale* do médico francês Paul Belouino, editado em 1845.

Publicado no final da primeira metade do século XIX, a obra foi contemporânea de estudos sobre o corpo humano e as causas das doenças que concorriam para a

divulgação da noção de degenerescência, potencializando a preocupação com quaisquer circunstâncias que poderiam corromper a espécie, inclusive a emocional (CAPONI, 2012; STIKER, 2008). Nesse período, os primeiros estudos fisiológicos do sistema nervoso (século XVIII) que informavam a idêntica totalidade sistêmica em todos os seres humanos era questionada, o que concorreria, inclusive, para a representação do sexo feminino no final do século XIX e início do XX (DUARTE, 2010).

A percepção do sexo feminino como emocionalmente “desregrado” tinha raízes antigas, remetendo à medicina hipocrática que atribuía como próprio da mulher os humores frios e úmidos, que indicavam instabilidade, falsidade e engano (DAVIS, 1990, p.107)¹⁴. Na Europa, durante séculos o feminino foi a tradução da insubordinação, da falta da razão que a gerava.

A conjugação de tais teses com os novos estudos científicos associariam facilmente as mulheres às paixões que, descontroladas, poderiam ser danosas para a sociedade. Foi nesse contexto que Paul Belouino publicou a obra que teve excertos traduzidos, reorganizados e publicados na coluna As Paixões e os Sentimentos na Mulher, a revista *Futuro das Moças*.

Nos primeiros anos do século XX, não era difícil encontrar menção ao sistema nervoso em obras de divulgação nacional, como os dicionários, e assim a percepção de seus leitores sobre os sentimentos e paixões humanas foi sendo construída a partir de resumidas noções científicas. Em 1913 o *Novo dicionário da língua portuguesa*, de Candido de Figueiredo, definia sentimento como ato ou efeito de sentir, algo relacionado à sensibilidade, uma propriedade de certas partes do sistema nervoso de perceber as impressões causadas por objetos exteriores, ou as produzidas interiormente. Pessoa sensível, impressionável ou suscetível, revelaria pesar, tristeza, etc. Quanto a paixão, definida como “bom ou mau movimento da alma”, era a tradução superlativa do sentir: do amor excessivo e desejo intenso à cólera, alucinação e martírio (FIGUEIREDO, 1913, p.1456 e 1826).

Desde o primeiro número da *Futuro das Moças*, a coluna escrita por Salomão Cruz apresentou às leitoras da revista definições de paixão que tentavam relacionar essa sensibilidade como responsável pela conduta feminina. Apesar de intitulados paixões e sentimentos, dos 18 artigos publicados entre abril e setembro de 1917, são

¹⁴ Sobre a medicina hipocrática, veja: Cairus; Ribeiro Jr (2005).

poucos os sentimentos abordados por Cruz em item específico. A ênfase são as paixões, nada mais natural, afinal ele estava escrevendo para mulheres e eram elas que facilmente poderiam ser dominadas por essa sensação.

Segundo considerações apresentadas nos artigos, as paixões e os sentimentos provocariam sensações (e ações) boas ou ruins, de prazer ou de dor, em todos os momentos da vida. A percepção aristotélica de que as paixões eram parte da natureza humana (LEBRUN, 2009) pode ser identificada nesses textos. Paralelamente, afirmações sobre como a mulher estaria mais sujeita a algumas paixões, e, principalmente, como na mulher tais paixões seriam danosas, são indicativos da influência de estudos do sistema nervoso na obra de Belouino (BELOUINO, 1853).

Na coluna As Paixões e os Sentimentos na Mulher, Salomão Cruz tematizou 11 paixões e 3 sentimentos (Quadro 1), mencionando, de maneira complementar, os sentimentos alegria (pouco duradoura nas insatisfeitas mulheres, apresentada como contraponto da tristeza) e o ciúme (que não deveria ser confundido com a inveja) (CRUZ, 1917a; CRUZ, 1917c)

QUADRO 1: COLUNA: AS PAIXÕES E OS SENTIMENTOS NA MULHER – número da revista, data de publicação, subtítulos (temas)

Nº DA REVISTA	DATA	PAIXÃO	SENTIMENTO
01	04/04/1917	Cólera	Tristeza
02	11/04/1917	Curiosidade	
03	18/04/1917	Inveja	Gratidão
05	02/05/1917	Fé	
06	09/05/1917	Fé (continuação)	
07	16/05/1917	Fé (continuação)	
08	23/05/1917	Esperança	
09	30/05/1917	Caridade	
10	06/06/1917	Prudência	
12	20/06/1917	Egoísmo	
13	27/06/1917	Vaidade	
15	11/07/1917	Vaidade (continuação)	
16	18/07/1917	Vaidade (continuação)	
17	25/07/1917	Vaidade (continuação)	
18	01/08/1917	Vaidade (continuação)	

20	15/08/1917	Amor próprio	
22	29/08/1917		Desprezo
25	19/09/1917	Preguiça	

FONTE: *Futuro da Moças*, 1917.

Dentre as paixões, a vaidade e a fé ganharam destaque, merecendo comentários em mais de uma publicação. Podendo ser antíteses quando se tratava de definir a boa mulher (esposa, mãe e dona de casa), as duas paixões tinham aspectos positivos e negativos, especialmente se fosse considerada sua eventual conjugação com outras paixões ou sentimentos. A vaidade, assim como a paixão curiosidade, desestruturariam as mulheres, enquanto a inveja, uma paixão masculina por excelência, seria rara e perigosa para o sexo feminino (especialmente se associada com a curiosidade); de outro lado, a fé, a esperança, a caridade, a prudência e o sentimento de gratidão, concorreriam, de maneiras diferentes, para evidenciar o que a mulher tinha, naturalmente, de melhor. Paralelamente ou combinadas com estas estavam, em maior ou menor grau, as paixões cólera, amor próprio, egoísmo, preguiça e os sentimentos tristeza e desprezo.

Cólera e tristeza foram a paixão e o sentimento escolhidos por Salomão Cruz para o artigo de estreia da coluna, editada no primeiro número da *Futuro das Moças*. Uma escolha didática, para começar a evidenciar a instabilidade feminina e o poder destruidor das paixões e também de alguns sentimentos para as mulheres.

Cruz começava afirmando que a fraqueza era uma característica feminina, um ser que “brilha sobretudo pela graça e delicadeza de suas formas, pela doçura e amenidade de seu caráter”. Nesse sentido, nada poderia ser mais nocivo à mulher do que a cólera, paixão que a dominaria devido a “maleabilidade de seu sistema nervoso” e a transformaria de calma a agitada em poucos segundos; “cegueira da inteligência” diante de diferentes situações, essa paixão tornaria a mulher “ridícula” e sem seus encantos naturais. (CRUZ, 1917a). Quanto a tristeza, tal qual a alegria, era um sentimento constante em todo ser humano. Mas advinda da “imensidade” de desejos e da insuficiência das coisas existentes, a tristeza seria mais comum na mulher que, “dotada de uma sensibilidade viva e muito móvel”, passariam com rapidez da alegria à tristeza e vice-versa. Mulheres ficariam entristecidas por pequenos motivos e chorariam com facilidade e falta de emoções e novas sensações também concorreriam para a tristeza feminina (CRUZ, 1917a).

Mas, neste e outros textos da coluna, a redenção do sexo feminino estaria na própria natureza feminina: mulheres eram apontadas como seres encantadores e virtuosos notadamente quando não estavam dominadas pelas paixões. Assim, era preciso evidenciar o problema e encorajar o controle, pois até paixões com aspectos positivos para o sexo feminino, como, por exemplo, as que potencializariam os cuidados com a família ou os mais pobres, poderiam descambar para excessos impróprios.

Nesse sentido, a coluna organizada por Salomão Cruz, editada cerca de metade dos números do periódico pode ser considerada divulgadora de um ideal de mulher que traduziu, e balizou, iniciativas da revista educativas para a mulher, inclusive com a delimitação de espaços femininos, em um tempo que os apelos socioeconômicos estimulavam cada vez mais sua saída de casa. Era preciso incentivar o controle de impulsos que poderiam levar a escolhas desastrosas.

1.1.1 Curiosidade e vaidade, a mulher “desregrada”¹⁵. Inveja, uma paixão masculina

Paixão, em geral, não seria compatível com as qualidades femininas. De acordo com o conjunto de artigos elaborados por Salomão Cruz, elas traziam sofrimento e faziam com que mudassem seus comportamentos e saíssem de si. A inconstância feminina motivada por paixões se expressava, segundo Cruz, na mobilidade das impressões da mulher, que trocavam com facilidade de sentimentos e de pensamentos, e também na fraqueza feminina, uma característica da mulher que seria evidenciada por sua graça natural e formas delicadas. Além disso, a mulher teria a alma com “consistência diminuta”, ou seja, não tinha sentimentos duradouros, era volúvel (CRUZ, 1917a).

Reproduzindo considerações de meados do século XIX, que pareciam reafirmadas por estudos, do final dos Oitocentos, sobre as diferenças anatômicas de órgãos sexuais de homens e mulheres (MARTINS, 2004), a forma como Cruz elaborou os textos, ordenando uma seleção de excertos, fazia circular a percepção da mulher como “encarnação de virtudes contraditórias” (CONCEIÇÃO, 2012, p.38).

Nos artigos que organizou, Salomão Cruz procurou demonstrar que no sexo feminino as sensibilidades eram mais violentas, enquanto que nos homens a razão

¹⁵ Sobre o desregramento, atribuído à mulher há séculos, veja Davis (1990), entre outros.

prevaleceria. Nesse sentido, as mulheres poderiam ser dominadas por algumas paixões que também eram comuns nos homens, como a curiosidade, mas nelas isso era ruim e neles positivo.

A curiosidade, traduzida como um desejo ardente de aprender novas coisas, não era positiva para a mulher por ela não possuir, segundo Cruz, a “curiosidade da inteligência que perscruta os arcanos da ciência, os segredos da natureza (...)”, isso porque o sexo feminino não teria a “perseverança necessária; sua *inconstância natural* a opõe a isso” (CRUZ, 1917b grifo meu).

Além disso, a mulher seria refratária a sistemas e teorias e não iria “(...) queimar as asas nessa luz, [pois] a curiosidade que a domina é diferente. Nela, esta paixão é a causadora da loquacidade” (CRUZ, 1917b). Diferente do homem, a curiosidade feminina seria aquela que penetrava na vida cotidiana, aquela de saber da vida dos outros, de conhecer e avaliar o que as pessoas faziam e como viviam, pouco se importando em saber sobre as descobertas da ciência.

E havia mais, segundo o artigo, a mobilidade do sistema nervoso feminino faria com que as mulheres tivessem também outro tipo de curiosidade: a avidez por emoções, por novas sensações. Nesse ponto, a breve referência feita por Salomão Cruz sobre emoção e sensação, quando escreveu sobre o sentimento tristeza, ganha outra dimensão.

Dominada pela paixão curiosidade, o primordial para a mulher era sentir emoção, fosse experimentando sensações agradáveis ou penosas. Conforme Cruz, a busca por sensação inédita era relacionada tanto ao orgânico, por exemplo, ao ato de experimentar um alimento exótico (o gosto, bom ou ruim, não importaria), quanto era relativa “ao moral” (CRUZ, 1917b).

O entendimento de “moral” é relacionado a atitude da mulher no cotidiano, quando dominada pela curiosidade isto se manifestaria, por exemplo, na exposição/atuação social e política através de discursos e atos considerados naturalmente impróprios. Em um trecho no qual são perceptíveis os tempos e o país de Belouino, são reproduzidas considerações sobre como a busca por emoções conduziria as mulheres “(...) aos perigos de sua época, ao espetáculo das batalhas, para o meio das revoluções” (CRUZ, 1917b).

A época na qual Salomão Cruz vivia era outra, o país também, mas os males femininos da busca desenfreada por emoções, e também por bisbilhotar a vida alheia, continuavam existindo. Entretanto, mesmo comparando a paixão curiosidade da

mulher a uma doença contagiosa, Cruz sinalizava que havia esperança, pois existiriam exceções:

As [mulheres] que estão isentas da curiosidade, são tanto mais notadas, respeitadas e dignas de tal, porquanto precisam muita docilidade e firmeza d'alma, para poderem resistir ao exemplo contagioso dado pela maioria (CRUZ, 1917b).

Assim Cruz, desde o primeiro texto publicado na coluna *As Paixões e os Sentimentos na Mulher*, da revista *Futuro das Moças*, foi realizando um esboço da figura feminina como um ser instável, uma pessoa com ações e reações carentes de discernimento; em contrapartida, foi também estabelecendo o perfil de mulher ideal, aquela “com muita docilidade e firmeza d'alma” (CRUZ, 1917b)

Da curiosidade à inveja. Apresentada nos últimos parágrafos da coluna *As Paixões e Sentimentos na Mulher* do dia 11 de abril (a de número 2), a inveja seria uma paixão que, na mulher, conjugada com a da curiosidade, poderia acarretar consequências funestas, pois as duas unidas “(...) caminham escoltadas por todos os vícios imagináveis”, até para crimes como envenenamento ou assassinato (CRUZ, 1917b).

As palavras finais do texto devem ter chocado várias jovens e senhoras, mas também capturado a atenção feminina, e masculina, para os próximos textos. Um processo educativo se delineava: explicitar, com excertos de livro médico, os males que poderiam acometer a mulher desregrada pelas paixões e, em contrapartida, valorizar aquela que era, ou seria, a “rainha do lar”.

Mas, a paixão inveja era apresentada como masculina por excelência, como rapidamente devem ter percebido leitoras e leitores do artigo de Salomão Cruz publicado no número seguinte da *Futuro das Moças*. O texto começava informando a diferença entre o ciúme, sentimento instintivo e irrefletido, “um punhal existente no coração [humano]”, e a paixão inveja, que exigia raciocínio e tinha sua origem “no espírito” (CRUZ, 1917c).

Nesse sentido, a inveja se desenvolveria mais nos homens, porque às mulheres faltaria “(...) o elemento primitivo necessário para esta paixão: o orgulho da inteligência” (CRUZ, 1917c). Cruz então perguntava se uma mulher poderia invejar um homem ou aquilo que ele poderia possuir ou atingir. A resposta era não, pois só se inveja o que se tem a possibilidade de alcançar, e a mulher por sua natureza não

poderia ter/fazer o que era próprio do sexo masculino. Entre as mulheres o que mais acontecia era um “sentimento ciumento”, por vezes exacerbado.

A inveja estaria muito ligada a atividades sociais, políticas e econômicas, eminentemente masculinas, pois existiria apenas quando houvesse a possibilidade de se alcançar o que era invejado (um cargo melhor, uma posição política mais destacada, etc.). Qual o sentido de uma mãe invejar outra mãe? A posição, ou *status* na sociedade, não se alterava (inveja seria diferente do ciúme, p.ex. quanto ao número de filhos).

A distinção de papéis sociais de homens e mulheres é naturalizada no texto sobre a inveja e ser mulher era praticamente um antídoto contra os perigos desta paixão. Mas, se o século XIX, quando Paul Belouino escreveu sua obra, foi um período no qual a divisão dos papéis sociais e de atuação profissional tornaram-se radicais (PERROT, 2005), a década de 1910 era um tempo em acelerado processo de mudança e espaços antes considerados masculinos eram ocupados também por mulheres.

E parece que foi a percepção dessa transformação que impulsionou as publicações de excertos da obra do médico francês por Salomão Cruz. Além de explicitar as terríveis consequências que poderiam advir da eventual conjugação na mulher das paixões curiosidade e inveja. No terceiro artigo da coluna As Paixões e os Sentimentos na Mulher, está escrito: “para que uma mulher desça do ciúme à inveja é preciso que ela não tenha mais pretensões de agradar (...)” (CRUZ, 1917c).

Impactados diante dos novos espaços ocupados ou reivindicados pelas mulheres, além-mar e no Brasil (do acesso à educação superior e luta pelo direito ao voto), as palavras divulgadas por Salomão Cruz soavam como alerta. Qual o futuro da mulher; da esposa e mãe de família?

Se a inveja era elencada como uma paixão masculina por excelência, a vaidade foi apontada como paixão naturalmente feminina. Tema de cinco artigos publicados na *Futuro das Moças*, entre o final de junho e início de agosto de 1917, segundo Cruz, a facilidade com que a paixão vaidade dominaria o sexo feminino estava relacionada a maneira como as mulheres

[priorizando] coisas exteriores e sem importância, procuram suas satisfações nos pequeninos triunfos da beleza, do toilette, da fortuna e da celebridade nas coisas de elegância, modas e galanteria. Tudo concorre a volta da mulher para fortificar, para aumentar incessantemente esta paixão (CRUZ, 1917k).

Conforme o artigo editado em 27 de junho, um dos papéis da mulher seria se ligar ao homem, na forma de um casamento, e agradar familiares e amigos a partir de seu comportamento como esposa e mãe. Entretanto, quando a mulher era dominada pela vaidade, o ato de agradar para conseguir alcançar o que desejava (elogios, favores, vestidos, etc.), se transformaria de algo positivo para negativo. Mulheres assim dominadas, segundo Cruz, acabariam indignas de serem amadas (CRUZ, 1917k).

Segundo esse e outros artigos sobre a vaidade publicados na coluna da revista, o papel da mãe (rica ou pobre) na formação das filhas era crucial nesse caso. A paixão vaidade seria “nutrida” pelos repetidos elogios da mãe à filha, o que resultaria em uma lição de vaidade. Nos textos elaborados por Salomão Cruz, a questão era que mães mal-educadas, estariam perpetuando nos preceitos passados para suas filhas os malefícios da paixão vaidade, como em um ciclo vicioso: a mãe elogia a filha, que passa a achar que é linda e está acima de tudo; quando cresce, casa, tem uma filha e repete tais ensinamentos para sua prole. As mulheres isentas da vaidade “podem ser citadas como verdadeiramente fenomenais” (CRUZ, 1917k).

Começando pela forma de arrumar o cabelo e usar o chapéu até a ostentação de um vestido, a preocupação da mulher dominada pela vaidade, seria, segundo Cruz, insensata e até irracional (CRUZ, 1917k). Se fosse solteira, teria a necessidade de agradar possíveis pretendentes, se exhibir para amigas ou parentes; se fosse casada, seria de se destacar entre familiares e, caso fosse rica, no espaço social. Perpetuada geração após geração, a paixão vaidade faria de muitas mulheres pessoas também invejosas (CRUZ, 1917l).

Relembrando as considerações elencadas por Cruz sobre a curiosidade feminina e sua eventual associação com a inveja, é possível supor quão terrível deveria ser, para o autor, a vaidade feminina, pois está poderia tornar a mulher invejosa e inveja feminina significava desejar o que era impossível alcançar (CRUZ, 1917b; CRUZ, 1917c).

A mãe, a principal culpada pela vaidade arruinar a vida da maioria das jovens, mereceu críticas contundentes:

[É] deplorável, simplesmente deplorável, as mães quase todas passarem o tempo a ensinar as filhas a arte de agradar, exclusivamente. Quase sempre é objeto a que elas (mães) se dedicam. Ora, que podem adquirir as moças numa educação assim dirigida, se não uma vaidade excessiva? Quando elas — as infelizes morais! — começam, então, a entrar pela vida adiante, outros escolhos bem diferentes, esperam-nas (CRUZ, 1917I).

Mas, se à mãe era imputada a culpa primeira pelo que se tornaria a vaidade feminina desenfreada, outro elemento importante nesse processo seria a leitura de romances que exaltavam relações apaixonadas e vidas idealizadas (CRUZ, 1917I).

A preocupação com o tipo de leitura mais adequando ao sexo feminino não era nova. Desde o iluminismo que a atenção sobre o que e quanto a mulher poderia ler ou saber era discutida com mais regularidade, afinal a esposa ou a filha de um homem ilustrado deveria ter algum conhecimento (GODINEAU, 1997). Mas o crescente número de letradas na Europa do século XIX, e no Brasil notadamente a partir do final dos Oitocentos (LOURO, 2001), resultou também em uma paulatina diversificação das leituras; além de obras de cunho religioso, a literatura romântica catalisava a atenção de muitas moças dos dois lados do Atlântico (CORBIN, 1991; OLIVEIRA, 2011)¹⁶.

O texto de Belouino denunciava justamente os efeitos nocivos desta literatura entre senhoritas e jovens senhoras. Uma discussão corrente naquele período, a tese dos malefícios de tais leituras permearia o livro seminal do realismo *Madame Bovary* (1857), de Gustave Flaubert (1821-1880), e outros textos literários que, escritos sob os impactos das mudanças do capitalismo (HOBSBAWM, 1977), denunciavam os malefícios das leituras românticas sobre a mulher burguesa (FLAUBERT, 2011)¹⁷.

No texto traduzido por Salomão Cruz, a preocupação com as leituras femininas extrapolou a atenção com a mulher de elite ou burguesa e teve como alvo também a

¹⁶ O romantismo foi um movimento cultural-literário que surgiu no século XVIII com a ascensão da burguesia, com enfoque na subjetividade (cultuava a imaginação desenfreada) e no individualismo; privilegiava as emoções e as razões do coração (MOISES, 2013).

¹⁷ O realismo foi um movimento artístico centrado no real, vigente na segunda metade do século XIX. Com origens na França, inicialmente nas artes plásticas e posteriormente na literatura, preconizava um enfoque objetivo do mundo em oposição ao romantismo que era subjetivista. A proposta dos realistas era substituir o sentimento pela razão (MOISÉS, 2013).

jovem de classe média (as filhas de “profissionais de colarinho branco”, como médicos, bancários, acadêmicos, etc. (URRY, 1996)) e as operárias fabris (CRUZ, 1917l; CRUZ, 1917m).

Selecionar e reproduzir nos anos 1910 o texto de Paul Belouino, indicou uma atualização da preocupação, existente há décadas, com a possibilidade de vidas femininas desperdiçadas a partir do impacto de leituras inadequadas, e falta de ações educativas corretas, para as mulheres. Eram justamente tais ações que a *Futuro das Moças* tinha como proposta realizar (A REDACÇÃO, 1917).

No Brasil, o número de jornais, revistas e revistas femininas tinha crescido sobremaneira desde a virada para o Novecentos (BUITONI, 1990; SODRÉ, 1999) e estes impressos eram potencialmente mais acessíveis, pelo preço e pelo uso do português, para jovens de diferentes classes sociais. Se saber francês, e tocar piano, continuavam requisitos para a boa educação de uma jovem, a leitura de autores nacionais e até internacionais (traduzidos ou não), por vezes editados em folhetins, ampliou e diversificou o público leitor (D'INCAO, 2001).

Como alertava o artigo de Cruz, editado no dia 18 de julho, a vaidade não era uma paixão apenas de jovens de famílias com poder aquisitivo mediano ou ricas, a mulher operária, caracterizada no texto como sentimental e romanesca, também poderia se deixar levar pela vaidade, pois muitas vezes tomava a vida burguesa como um ideal (CRUZ, 1917m).

Se o aumento do número de jovens trabalhadoras em fábricas e oficinas era uma realidade em países como a Inglaterra ou a França desde o início do século XIX, no Brasil das primeiras décadas do século XX, cidades como o Rio de Janeiro e São Paulo contavam com um expressivo número de operárias e a presença da mulher no espaço fabril motivou diferentes tipos de preocupação. De militantes operários aos médicos e políticos, a atenção com a trabalhadora, em geral atrelada à família, notadamente aos filhos (BERTUCCI, 2015).

As observações reproduzidas por Salomão Cruz sobre os malefícios da vaidade para as jovens operárias podem ser arroladas com os outros males que afetavam a vida familiar, pois operárias vaidosas desdenhavam o lar que poderiam ter e sonhavam com vestidos e chapéus caros, festas e passeios em carros de luxo; imagens muitas vezes idealizadas e invejadas a partir de notícias e fotos que liam ou viam, por vezes furtivamente, em revistas ou jornais. Tal situação, segundo Cruz, resultaria na infelicidade de perceber que, se não quisessem ficar solteiras,

precisariam casar com um operário de sua semelhança (CRUZ, 1917m; CRUZ, 1917n).

E, considerando que muitas de suas leitoras e também leitores pudessem associar a falta de riqueza com as ações femininas pautadas pela paixão vaidade, Cruz (1917n) esclarecia:

A riqueza não deveria gerar a vaidade, e, entretanto, o que se observa no mundo? Mulheres de *parvenus* que imitam a grandeza, que acreditam que a arrogância e sobranceiras das maneiras pertencem a uma alta linhagem, a uma brilhante fortuna. Não existe nada tão comum quanto esse defeito, denominado entre nós de “aristocracia do dinheiro”.

Ou seja, dinheiro sem educação adequada (algo que poderia acontecer até com mulheres tidas como bem nascidas¹⁸) era desastroso. De maneira inversa daquela mais pobre, que sonhava em usar um vestido que não tinha dinheiro para adquirir, “aristocratas do dinheiro” padeciam de exibicionismo material e arrogância, como se isso indicasse importância social. Dentre essas novas ricas a parisiense levaria vantagem sobre a “da província”, por manter-se mais simples, alinhada com padrões mais elegantes e adequados socialmente devido ao meio que frequentava (CRUZ, 1917n).

Enfatizando comportamentos como a modéstia e a candura, o texto afirmava que a mulher deveria agradar pelo que realmente era, podendo assim “ser amada e estimada pelas suas reais qualidades de coração e espírito” (CRUZ, 1917o). Qualidades essas que poderiam ser desenvolvidas através da educação; conforme o artigo: “É necessário que uma mulher receba a educação que merece um ser inteligente e moral, julgado à altura de sua dignidade e de seus atos” (CRUZ, 1917o).

Assim, os artigos publicados por Cruz, afirmavam tanto a existência de mulheres, de diferentes grupos sociais, que não eram tomadas pela vaidade, quanto indicavam um meio efetivo de escapar dessa paixão (e de outras também): a educação. Mas, no final dos anos 1910, que educação seria essa?

Palavras escritas no artigo sobre a paixão preguiça são reveladoras. O texto, editado na coluna As Paixões e os Sentimentos na Mulher de 9 de setembro de 1917

¹⁸ Conforme o texto: “a arrogância de certas senhoras importantes, demonstra unicamente a fatuidade, o pequeno coração e a má educação de que elas são possuidoras” (CRUZ, 1917n).

tecia considerações sobre os efeitos deletérios da indolência e, depois de lembrar que as ocupações maternas e familiares eram aquelas que, naturalmente, caberiam à mulher, enfatizava que, em casos excepcionais, a mulher “deve escolher, para se ocupar, uma profissão, um trabalho que esteja em relação com as aptidões de seu organismo e com a fraqueza de seu sexo” (CRUZ, 1917s). Ou seja, aquelas que, tal como a de professora primária ou costureira, remetiam ao universo doméstico e ao cuidado com crianças.

Como foi escrito no artigo sobre a paixão amor próprio, editado em 15 de agosto de 1917, era possível pensar em uma “ciência feminina”, desde que esta estivesse ligada às funções maternas, como por exemplo o cuidado com os filhos (alimentação, higiene, saúde) e atividades relacionadas a manutenção e administração do lar (CRUZ, 1917q).

Essas ideias, presentes nos excertos do livro do médico francês, ganhavam novas nuances e entendimento ao serem traduzidas e editadas em um tempo que a puericultura, efetivamente organizada por Alfred Caron a partir dos anos 1860 (BONILHA; RIVOREDO, 2005), e a economia doméstica, cujo primeiro curso aconteceu na Noruega em 1865 (FERREIRA, 2015), já eram amplamente difundidas no Brasil. Exemplares dessa difusão era a multiplicação de ações médico-educativas para mães, ou futuras mães (FREIRE, 2009), e a divulgação de princípios relativos ao bom gerenciamento do lar em revistas destinadas às mulheres, como a *Revista Feminina* de São Paulo (ALMEIDA, 2020).

O amor próprio, apresentado como a paixão que concorria para a conservação da vida humana, geraria um tipo de motivação no homem e outro na mulher. Enquanto no homem era relacionado à razão e personalidade masculina, impulsionando a ação social; na mulher se identificaria com o amor materno e familiar e estaria relacionado aos instintos e sentimentos femininos (CRUZ, 1917q).

Nesse sentido, para a mulher a família era o alvo primordial de seus objetivos e o centro de seus afetos. Conforme Cruz, “a mulher na família é capaz de todos os devotamentos e sublimidades do sacrifício; porque a família e ela formam uma só pessoa” (CRUZ, 1917q). Algo positivo, desde que não fosse desvirtuado pela paixão egoísmo¹⁹. O egoísmo faria a mulher, centrada unicamente na família, descuidar-se

¹⁹ Segundo o texto sobre egoísmo, seriam três as manifestações desse sentimento (duas delas na mulher). O egoísmo “do indivíduo”, ou seja, de todo o ser humano, que se manifestaria na mulher no

de ações para as quais era naturalmente inclinada, como as relacionadas à caridade (CRUZ, 1917n).

Desta maneira, da cólera ao amor próprio, passando pela curiosidade, inveja e vaidade os trechos transcritos da obra de Paul Belouino ganhavam atualidade na publicação da revista *Futuro das Moças*, quando eram evidenciados na tradução e organização de Salomão Cruz aspectos dessas paixões na mulher. Quase como em um quebra-cabeça, foi sendo elaborado, em contraposição aos desvarios femininos, o esboço de uma jovem ideal do século XX. Nesse processo também foram abordadas paixões, e um sentimento, que poderiam até ser favoráveis ao sexo feminino.

1.1.2 Um olhar sobre as paixões fé, esperança e caridade, o sentimento gratidão e a importância da prudência

Se as paixões, em geral, faziam da mulher uma pessoa desgovernada, algumas delas, quando vividas sem extrema intensidade, poderiam ser consideradas como boas paixões. Isso aconteceria, segundo os textos da coluna *As Paixões e os Sentimentos na Mulher*, porque estas desembocariam no amor materno e na generosidade, sendo conjugadas com as qualidades femininas; o mesmo valeria para os sentimentos.

Nesse sentido, considerando que o sexo feminino era movido pelos instintos, pelo coração e raramente iluminada pela lógica e a razão, a mulher seria naturalmente ligada à paixão fé, o que tornaria seu espírito superior ao do homem, um ser racional, orgulhoso, que muitas vezes colocaria a ciência à frente da fé (CRUZ, 1917d).

O primeiro dos três textos sobre a fé, começava com afirmação categórica: “A fé ainda que o orgulho pretenda o contrário, é a base indispensável da vida”. Antes de continuar apresentando a tradução dos trechos selecionados, Salomão Cruz inseriu uma nota: “Nestes artigos, o tradutor respeita as ideias do autor P. Belonino (sic), apesar de, às vezes, não concordar com as mesmas” (CRUZ, 1917d). As palavras iniciais estão no plural e poderiam sinalizar discordâncias pontuais com os outros

espaço naturalmente feminino, o privado, e nas ações relacionadas a este lugar (como ajuda às crianças de lares pobres, p.ex.), e no homem se evidenciaria no espaço masculino, ou seja, o público/social (nas atividades profissionais, na política, etc.); quando exacerbada na mulher, essa paixão, renomeada simplesmente egoísmo, se direcionava para um aspecto do privado: marido-filhos. A mulher também poderia ser dominada pelo egoísmo “pessoal”, que faria com que uma jovem ou senhora abandonasse ou recusasse aquilo que era próprio de sua natureza (CRUZ, 1917j). Outras considerações sobre a paixão egoísmo, veja Capítulo II.

textos sobre a paixão fé? Uma possibilidade plausível, considerando o que Cruz escreveu depois de encerrar a trilogia sobre a fé: “*Post-Scriptum* - O tradutor não adota, às vezes, as ideias do autor d'As paixões e os sentimentos na mulher” (CRUZ, 1917f).

Foram localizadas poucas informações sobre Paul Belouino mas, crescendo nos tempos conturbados pós império napoleônico e no período de difusão de teses ultramontanas (AZZI, 1994; FURET; OZOUF, 1989; HOBBSAWM, 1994), o médico foi um católico conversador, algo evidenciado em livros que escreveu, tais como o *Dictionnaire general et complet des persécutions souffertes par l'Église catholique depuis Jésus-Christ jusqu'à nos jours* (1851) (BNF DATA).

Desta forma, mesmo que Salomão Cruz tenha sido impactado pelas diretrizes católicas ultramontanas que, reordenadas pela encíclica *Rerum Novarum* (1891) de Leão XIII, tiveram grande difusão no Brasil especialmente a partir da virada para o século XX (MANOEL, 2004), é preciso considerar que o jovem estudante de medicina vivia em uma época que a divulgação da medicina experimental e da bacteriologia (além pesquisas neurológicas e fisiológicas) pareciam sinalizar possibilidades superiores para a medicina – com a eugenia anunciando a possibilidade da raça perfeita (STEPAN, 2004).

Assim, entre as novidades da ciência médica e as incertezas sobre como seria o mundo pós-guerra, Cruz selecionou e traduziu ideias sobre a mulher concorrendo para a elaboração de um discurso para as jovens dos Novecentos.

Retomando as considerações do primeiro artigo sobre a paixão fé publicado na coluna A Paixão e os Sentimentos na Mulher, o texto afirmava:

Instintivamente e sem dar por isso, a mulher ama tudo que é bom, belo e grande; por que Deus lhe marcou os limites da inteligência, deu-lhe um deslumbrante poder do coração. Ela é cofre escolhido no qual ele encerrou tesouros de amor e de fé que, partindo de seu coração, se estendem sobre a humanidade, imunizando-lhe, incessantemente os males produzidos pelos desvarios da razão (CRUZ, 1917d).

Conforme o artigo, a ciência teria suas raízes na fé e quem possuísse mais fé seria o mais sábio. A fé seria então uma paixão inata tanto para o homem quanto para a mulher. Nesta se manifestaria na responsável tanto por ensinar aos filhos o respeito às pessoas e o bom comportamento social, quanto por manter a família temente a Deus (CRUZ, 1917d).

A fé era vista como parte do coração da mulher, e se a perdesse, deixaria de ser efetivamente uma mulher, pois não teria o necessário para reconfortar a humanidade. Entretanto, a fé não poderia dominar a mulher a ponto de fazê-la ignorar seus deveres fundamentais na sociedade: ser esposa, mãe e dona de casa. A paixão exagerada as tornaria aferradas às rezas, preces e ritos, com ódio do mundo e seus supostos perigos (CRUZ, 1917e).

A mulher então deveria saber equilibrar sua fé com seus deveres sociais, não fazendo mau uso dessa paixão. Entretanto, não bastaria só praticar seus deveres, agir socialmente, educar e dar bom direcionamento aos filhos, era preciso que compartilhassem as benesses da vida; nesse sentido a religião ensinaria às mulheres como tornar “feliz os que a rodeiam e a suportar os defeitos daqueles com que deve viver” – o desprezo era um sentimento condenável²⁰ (CRUZ, 1917e).

Dever e fé deveriam ser um par, conforme a tradução de Salomão Cruz. E tal qual em uma gangorra, a manutenção do equilíbrio dessa dupla era crucial, pois não era benéfico para a mulher pender para o lado da fé, tanto quanto os deveres femininos não deveriam servir como pretexto para a mulher evitar suas parcas obrigações religiosas²¹. O artigo sugere: “Qual é a mulher que não tem tempo para dispensar com seus prazeres, para gastar com suas lágrimas e infelicidades? Por que não levar seus prantos e desventuras até junto dos altares?” (CRUZ, 1917f)

Assim, mesmo exaltando a mulher como superior em sabedoria proporcionada pela fé (porque a verdade suprema era proporcionada pela fé, para a qual o sexo feminino era naturalmente mais agraciado), o texto, em aparente contradição evidenciava quanto as mulheres era dominada por sua fragilidade e descontrole. Assim, aquela que, com seus cuidados e ensinamentos era primordial para o futuro da prole, da sociedade, também poderia ser facilmente dominada pela sua exacerbada sensibilidade.

²⁰ O sentimento desprezo, foi abordado detalhadamente na *Futuro das Moças* vários números depois, dia 29 de agosto de 1917. Começando o texto com a advertência, “Quando uma calúnia chegar aos vossos ouvidos não vos apresseis a dar-lhe crédito”, o texto pregava o desprezo por atitudes, mas indulgência pelos que a praticavam. Era possível desprezar o ultraje recebido ou o vício de uma pessoa, entretanto, era preciso compadecer-se daquele que ultraja e ser piedoso e indulgente com o viciado. Concluindo: “Fazei aos outros o que desejais que façam a vós” (CRUZ, 1917q).

²¹ Tais obrigações não foram explicitadas no texto organizado por Salomão Cruz, entretanto, considerando o perfil do médico francês, estas deveriam ser as relacionadas ao catolicismo, tais como, participar da missa e rezar o terço.

Outra paixão que seria particularmente evidente na mulher era a esperança. Esperança à qual estava inclinada, pois relacionada ao sentir, levaria jovens e senhoras a olvidar dos deveres naturais, tornando-as crédulas e inocentes. Essa paixão permeava a existência feminina de forma de sonhos incessantes, como uma tendência irrefletida (CRUZ, 1917g)²². Como estava no artigo:

Esses sonhos ocupam bem os 34 [anos]²³ da vida feminina. Continuamente ocupados com os afetos que lhes preenchem todos os deveres da existência. Elas só pensam em aumentar, trocar ou destruir a felicidade que esses afetos fazem nascer. Moças, elas embelezam o futuro com todas as ilusões do coração; como e porque acreditariam na infelicidade? (CRUZ, 1917g)

E, fazendo uma conjugação entre a fraqueza feminina, motivada pela paixão esperança, e os benefícios da fé, uma paixão feminina por excelência, o texto apresentava a redenção:

Deus lhes consola, prometendo-lhes a felicidade para os que elas amam, para seus filhos e esposos. Elas começam, então por identificar os doces sonhos com essas novas vidas que o futuro ainda não desiluiu e em que elas, como outrora, só esperam a felicidade [...] quando a alma experimenta a inutilidade das coisas terrestres, quer pedir a Deus consolo e torna-la feliz. (CRUZ, 1917g)

Ligada à fé, a esperança é definida no artigo como uma virtude cristã. A mulher, que não possuiria tantas virtudes primitivas e tinha sentimentos egoístas inatos, seria dotada de um coração onde os afetos para constituição e manutenção da família vicejavam. Seria devido a essa natureza que o sentimento da gratidão “do coração” era feminino²⁴, pois relacionado, de alguma forma, aos filhos e/ou à família. Assim uma mulher na miséria que recebesse a doação de comida e roupas para os filhos seria tomada pela a gratidão que mergulharia suas raízes no amor materno (CRUZ, 1917c).

²² No homem a paixão esperança era submetida à razão e a experiência, o que o faria perceber e entender que a realidade não corresponderia aos seus desejos (CRUZ, 1917g).

²³ Na década de 1910 a expectativa de vida da população brasileira era de 34,08 e na década de 1920 a expectativa era de 34,51 anos (RISI JUNIOR; NOGUEIRA, 2002).

²⁴ O sentimento gratidão nos homens seria mais intenso e “racional” pois, ao contrário das mulheres, teriam inclinação para serem gratos por benefícios gerais, corriqueiros, e aqueles advindo do trabalho ou proporcionados pela ciência à sua cidade ou nação e para a humanidade (CRUZ, 1917c).

Desta maneira, a maternidade ganhava contornos sublimes, religiosos, e, mais do que parir, também o amor materno era apresentado como algo intrínseco à biologia feminina (BADINTER, 1985). No início do século XX, a força dessa tese, utilizada também para justificar o cerceamento da participação feminina em diversas atividades, concorria para valorizar aqueles trabalhos que, ligados ao ensino dos pequenos e cuidados de pobres e necessitados traduziria socialmente a natureza da mulher.

Tais ações se enquadrariam perfeitamente com a paixão caridade, que, segundo as considerações apresentadas por Salomão Cruz, se manifestaria nas mulheres desde a infância. Era somente em ações impulsionadas por esta paixão que uma jovem deixaria de realizar *stricto sensu* o que seria próprio de sua natureza, sacrificando a vida conjugal e a maternidade. A caridade, nas considerações de Belouino, era o motor do lindo espetáculo das “mães adotivas dos sofrimentos humanos”, das jovens que, nos hospitais ou prisões, desempenhavam “os deveres sagrados da mulher feita para ser mãe”, eram também aquelas que instruía os “fruto[s] de arrependimento”, isto é, as crianças, e jovens, “que o mundo recusa” (CRUZ, 1917h). O artigo não explicita quais seriam esses recusados, mas, provavelmente, Belouino se referia aos deixados na Roda dos Enjeitados e aos filhos de prostitutas.

No final da segunda década do século XX, o grande número de crianças em escolas públicas e privadas e de professoras, evidenciaram uma realidade muito diferente, assim como as várias educadoras sanitárias e o paulatino aumento do número de mulheres estudando medicina no país (ALMEIDA, 1998; RAGO, 2015; ROCHA, 2005). Uma realidade que era estampada na revista *Futuro das Moças* que, além da coluna *Perfis de Normalistas*, anunciou em quase todos os números: “Dra. M. de Macedo. Especialista em moléstias das crianças e senhoras com longa prática, trata de todas as moléstias (...).” (DRA. M. DE MACEDO, 1917).

Assim, eram várias as moças, com namorados ou noivos, e senhoras casadas que se dedicavam, pelo menos parcialmente, às atividades que extrapolavam o espaço doméstico. Talvez a grande questão para Cruz fosse como poderiam as mulheres realizar tais ações, compatíveis com sua natureza, sem comprometer a maternidade e a vida familiar.

Nesse contexto, é possível compreender a discordância de Salomão Cruz de algumas palavras de Paul Belouino. Cruz escreveu em nota: “O tradutor respeita as

ideias do autor, mas não as aprova”. A nota foi inserida no final de um parágrafo no qual o médico francês, depois de considerar que existiriam, “e mesmo quase sempre é assim”, mulheres benfeitoras por vaidade, afirmava: “não existem mulheres caridosas e benfeitoras realmente fora da religião cristã” (CRUZ, 1917h). A observação de Belouino, desaprovada pelo jovem estudante de medicina brasileiro, parece coerente com seu catolicismo conservador; era apenas a paixão fé, e fé cristã (católica?), que poderia legitimar tanto uma ação caridosa feminina quanto o trabalho de uma jovem ou senhora não diretamente relacionado aos filhos e o lar. É possível identificar essas mulheres como irmãs de caridade ou freiras.

Retomando as considerações sobre as paixões editadas na *Futuro das Moças*, a prudência era apresentada como uma paixão não inata do sexo feminino, apesar da mulher ser considerada mais prudente do que o homem, o motivo: a consciência que ela teriam de sua fraqueza, que a afastava dos perigos, fossem físicos ou os da vida social. Vivendo em espaço privado, a mulher teria “pouca experiência das coisas, dos acontecimentos; também, ei-la tímida e prudente desde que uma circunstância imprevista se apresente” (CRUZ 1917i).

A mulher recomendaria prudência às pessoas de maneira incessante, na mesma proporção sentia perigo em toda parte. Nesse sentido, de forma singular, o texto aborda pontualmente a relação mãe-filho, lembrando quanto espantava as mães perceberem o “caráter aventureiro de seu filhinho”, nos jogos infantis, algo que prefigurava o homem corajoso. A prudência também era parte da maternidade.

No âmbito social a prudência feminina, em sua manifestação “moral”, se traduziria tanto na capacidade da mulher de guardar segredos para não se comprometer, para desviar suspeitas ou para conseguir ganhar a confiança de alguém, quanto por meio da astúcia, habilidade com a linguagem e “presença de espírito” que se manifestaria na sua posição “continuamente na defensiva contra os homens” e, muitas vezes, na “guerra contra outras mulheres” (CRUZ, 1917i).

Entretanto, se tais afirmações não eram exatamente positivas (a mencionada guerra estaria ligada, p. ex. à vaidade?), no caso feminino a prudência seria efetivamente comprometida se a mulher não conseguisse moderar os “impulsos” ligados aos desejos do coração, algo que acontecia especialmente com as mais jovens. Ceder a tais impulsos poderia resultar em exposição social ou, mais grave, comprometimento da honra. Em nota, provavelmente de Belouino (pois não existe a

indicação “o tradutor”), o primeiro amor (verdadeiro, mas irrefletido), é assinalado como momento que muitas moças cederiam a tais impulsos (CRUZ, 1917i).

Entretanto, a imprudência feminina não se evidenciaria apenas no descontrole do coração. Sem meias palavras, o texto afirmava: a mulher “torna-se mais ridícula do que um homem, porque se intromete no que não lhe constitui condições de sua natureza ou atributos próprios ao seu sexo (CRUZ, 1917i).²⁵

Nesse sentido, mulheres não deveriam sair dos papéis que eram de sua natureza. Caso tentassem exercer atividades científicas ou consideradas “de inteligência” elas fracassariam, porque assumiriam obrigações insustentáveis, contrastantes com apreciadas qualidades femininas, tais como a humildade, a modéstia e a candura (CRUZ, 1917i). Virtudes elencadas como as próprias da “rainha do lar” também no final dos anos 1910 (MALUF; MOTT, 1999).

Nas ideias de Paul Belouino traduzidas e ordenadas por Salomão Cruz, a mulher ganhou contornos por vezes radicalmente diferentes, dependendo da paixão ou sentimento abordado; mas, de uma forma ou outra, as palavras dos textos concorriam para exaltar a esposa-mãe-dona de casa. Apontada como a responsável primeira pela desastrosa exacerbação da paixão vaidade nas filhas (CRUZ, 1917l), mãe era igualmente identificada, graças a fé, como “a pedra angular da sociedade moral” (CRUZ, 1917d).

1.2 DE LEITORAS A COLABORADORAS: A CIRCULAÇÃO DE IDEIAS PARA/SOBRE MULHERES

Em abril de 1917, no segundo número da *Futuro das Moças*, o artigo “Muitas e muitas palmas”, assinado por Margarida, recomendava a leitura da revista. A autora, que saudava o periódico e seus “distintos diretores”, definia a alma feminina como sensitiva, na qual as impressões submergiriam assustadoramente; a mulher do século XX seria estragada pela “frivolidade, o luxo e o desejo de agradar”, afirmações

²⁵ Nesse texto, além da nota com a provável autoria de Paul Belouino, Salomão Cruz inseriu outra, no final do seguinte trecho: “É raro que elas [as mulheres] falem impunemente do que ignoram, que entreguem o espírito às aberrações da ciência como fazem os homens que, na maioria das vezes são ávidos de sistemas, desejosos de tudo explicarem, cobrindo de hipóteses vãs a inércia do seu saber” (CRUZ, 1917i). A nota de Cruz afirmava: “O tradutor respeita, mas não esposa as ideias do autor”. Considerando outras observações de Cruz, incluídas nos artigos sobre a paixão fé, ele tinha uma percepção de ciência e busca de conhecimento diferente daquela de Belouino.

consonantes com as ideias que os textos de Salomão Cruz começavam a difundir. Margarida escreveu: “é por isso que eu compreendo a necessidade de boas leituras para a educação moral” e entre estas estariam os textos “bons, sérios, úteis e instrutivos” que, segundo a autora, se anunciavam a partir da primeira edição da *Futuro das Moças* (MARGARIDA 1917g).

Margarida seria pseudônimo de um dos membros da redação da revista? Pouco provável, se considerarmos os textos e referências a ela nos números seguintes do semanário, entre os quais a declaração de um pretendente (LUMEN, 1917). Mas certamente nomes e pseudônimos femininos foram utilizados também por homens, possivelmente por redatores da revista, durante os meses de publicação da *Futuro das Moças*.

Esta prática era comum na primeira metade do século XX e, eventualmente, também utilizada por mulheres, notadamente quando a matéria jornalística dizia respeito especialmente às jovens e senhoras. O caso de Anna Rita Malheiros é emblemático: a pessoa foi apresentada às leitoras da *Revista Feminina* no primeiro número, em janeiro de 1915, e tornou-se colaboradora da revista durante todo o período que foi editada. No último número, em 1936, foi revelado que Anna Rita Malheiros era pseudônimo de Cláudio de Souza (médico e escritor), irmão de Virgilina de Souza Salles, fundadora do periódico (ALMEIDA, 2020).

No ano de 1917, quando Malheiros catalisava a atenção de muitas leituras daquela revista editada em São Paulo, o semanário carioca *Futuro das Moças*, indicava, em seu primeiro número, a pretensão de atingir não apenas as jovens mulheres da sociedade do Rio de Janeiro, mas as de vários estados brasileiros, com a pretensão de concorrer para o desenvolvimento do “belo sexo”, por se preocupar com qual futuro teriam as moças do país vivendo na conturbada sociedade do século XX. A revista tinha a intenção de apresentar às jovens boas diretrizes relativas “as ciências, as artes e as letras”, já que o “dia de amanhã” seria povoado de dúvidas e incertezas; conforme os editores era necessário mostrar o caminho a seguir para que as moças não viessem a “quedar-se na estrada” (A REDACÇÃO, 1917).

A redação lançou então o convite para que mulheres enviassem seus textos para a *Futuro das Moças*, pois um periódico que pretendia fazer circular informações e conhecimentos, educando jovens mulheres para que traçassem um belo futuro, não se furtaria a receber textos de “grande e incontestável valor” produzido por mulheres

que “escrevendo, discutindo, fazendo valer sua opinião”, motivariam outras jovens e senhores divulgarem suas ideias (A REDACÇÃO, 1917).

A publicação desses textos (mesmo que alguns não fossem efetivamente escritos por mulheres) deve ter concorrido para a aceitação da revista pelo público feminino, ao mesmo tempo que reforçavam ou multiplicavam considerações sobre temas julgados pertinente pelos redatores (que selecionavam os textos editados), o que concorria para a efetivação do objetivo educativo da *Futuro das Moças*.

Assim, considerando a importância atribuída pelos grupos de redação à colaboração das mulheres, é possível identificar como colaboradora ou leitora colaboradora toda jovem ou senhora que publicou artigo, texto ou pequeno comentário na revista, em um ou mais números da *Futuro das Moças*, pois todos os escritos (e desenhos) expressavam percepções e/ou posições sobre algum tema e foram editados porque os redatores os julgaram relevantes para os rumos da revista e de seus ideais.

Desde o número inicial da *Futuro das Moças* muitos foram os nomes femininos assinando artigos e, naquele número, podem ser identificadas mulheres escrevendo em seções ou colunas do semanário, certamente convidadas. Entre elas, que continuaram a colaborar com a revista estavam: Helena D. Nogueira, professora primária, autora de textos da Páginas Uteis e Instructivas, nas quais ensinava matemática, e que também tinha sob sua responsabilidade a coluna Galeria dos Homens Célebres (o primeiro homenageando foi Cristóvão Colombo) (NOGUEIRA, 1917b; NOGUEIRA, 1917a); Mlle. Gaby, responsável pela Trabalhos Femininos, que editava moldes para pirogravura, bordados, etc. (MLLE. GABY, 1917a), a coluna Instruir Deleitando, de Alice de Almeida, que ensinava mitologia grega (ALMEIDA, 1917a). Além dessas, no número 1 foi publicada a partitura da valsa Espalhando Rozas (sic), escrita por Jurema Olivia especialmente para a *Futuro das Moças* (OLIVIA, 1917c)²⁶. O tripé ciência, artes e letras, a partir do qual a revista pretendia apresentar boas diretrizes às jovens, se esboçava.

Do primeiro número para os demais, a quantidade de propagandas diminuiu, dando mais espaço para as colaborações. No quarto número do semanário encontramos uma pequena nota com pedido de desculpas dos redatores, por não

²⁶ A partitura da valsa, com título Espalhando Rosas, foi reeditada na *Futuro das Moças* número 33 (OLIVIA, 1917b).

terem conseguido espaço na revista e precisarem deixar para outros números parte do material recebido (ÀS NOSSAS..., 1917). Fosse ou não exagerada, a observação era um indicativo do interesse de jovens e senhoras pelo novo semanário feminino.

No Brasil os jornais e revistas começaram a circular a partir do início do século XIX e o público feminino era contemplado com pequenas seções, que abordavam assuntos sobre a família e o lar. Ainda nos Oitocentos surgiram periódicos destinados diretamente ao público feminino como *O espelho Diamantino* em 1827, *Jornal das Senhoras* em 1852 e *O Sexo Feminino* em 1875. A utilização da fotografia, além dos avanços técnicos de impressão, redação e recursos gráficos contribuiu para o aprimoramento das revistas femininas que começam a ganhar um maior espaço no país (BUITONI, 2009). À vista disso, a imprensa foi instrumento de divulgação da modernização das cidades brasileiras ao mesmo tempo em que também era expressão desse processo. Segundo Buitoni (2009), a imprensa feminina está ligada ao contexto histórico que é o responsável por criar razões para o seu surgimento, assim como para interferir em cada passo.

Além disso, o avanço técnico nas gráficas que possibilitaram o aprimoramento das publicações com o aumento de tiragens e melhor qualidade, foram outros fatores que favoreceram o espaço que as revistas começavam a ocupar. Isso pois, com o aumento da tiragem de exemplares foi alcançado um público maior, o que atraiu anunciantes impactando nos valores de produção.

Segundo Bastos (2015), o século XIX marcou, no Brasil, a entrada da mulher na cultura escrita com o crescimento do número de escolas femininas principalmente pela criação de legislações específicas sobre o ensino primário, que marcaram a criação de escolas para meninas. Diferente dos meninos que aprendiam matérias consideradas mais racionais, as matérias ensinadas às meninas deveriam ser sobre o lar. Nesse sentido, com um público-leitor feminino em expansão há também uma ampliação no mercado editorial de livros e periódicos voltados para um restrito grupo de mulheres pertencentes a grupos abastados da sociedade. As leituras eram devocionais e moralistas, pouco exigentes devido ao que consideravam adequado ao intelecto mais fraco das mulheres. Leituras a respeito de política e filosofia eram para os homens (HAHNER, 2013).

Como escreveu Martins (2008, p.372), foi somente a partir de determinados temas, os relacionados à mulher-esposa-mãe e ao seu lugar (o espaço doméstico),

que o “exercício das letras, em princípio condenado pela carga de iniciativa e questionamentos que comportava, foi tolerado e até consentido” para o sexo feminino.

Mas a imprensa feminina, além de ser um meio das mulheres expressarem suas vocações literárias, representou um importante instrumento de instrução e educação no início do século XX (BUITONI, 1990). Isso porque informavam (inclusive por meio de imagens) sobre moda, culinária e produtos de higiene, mas também educavam com abordagens e/ou propagandas ilustradas, sobre a importância de combater microrganismos causadores de doença, sobre os modos de se vestir de uma mulher “de bem” ou sobre moral e ética.

Nesse sentido, ao iniciar a seção Perfis de Normalistas, no primeiro número da *Futuro das Moças*, a autora, que assinava como Feiticeira, pede que as leitoras que fossem analisadas ao longo dos seus artigos não se zangassem, pois a intenção era dizer verdades “retratando fielmente o físico e o moral de cada uma” (FEITICEIRA, 1917a). E assim foi, a cada nova edição da revista, a seção apresentou observações e comentários sobre o comportamento das normalistas, tanto relacionados diretamente a frequência da Escola Normal, quanto relativos à vida pessoal.

Repetindo o que era feito em outras colunas e seções da *Futuro das Moças*, e em diversas revistas no Brasil no período (BERTUCCI, 2021), Feiticeira identificava alunas da Escola Normal do Rio de Janeiro (e outras pessoas) através das iniciais de seus nomes. Repetindo o formato utilizado em todos os números anteriores (e seguintes), no dia 26 de dezembro, escreveu: “O perfil que hoje publicamos é o de mlle. M.S.S. do 2º ano (...). Aconselhamos nossa colega que não converse tanto com os irmãos Fer... S. e J.N. porque, além de tudo, não é bonito” (FEITICEIRA, 1917c).

Segundo Buitoni (2009), uma das características da imprensa feminina era a relação íntima com a leitora, o que estimulava a troca de conselhos e experiências pelas páginas desses periódicos. No caso da Perfis de Normalistas, a autora dos textos parecia conhecer sua leitora, seus segredos, sua intimidade, seu rosto. Uma empatia que poderia estimular alegria ou raiva e, também, poderia concorrer para modificar condutas.

Ao longo dos 38 números da revista *Futuro das Moças*, encontramos colunas de humor, críticas e mexericos relacionadas à vida de jovens mulheres da sociedade carioca e sobre a brasileira em geral. Além da Perfis de Normalistas, especializada em considerações sobre as futuras professoras, existia a coluna Alfinetadas, assinada

por Pinto Calçudo²⁷, que criticava condutas e práticas sociais, e as seções Pelo Telegrapho, com textos curtos que tinham destinatário certo; Telegrammas, com mensagens urgentes de poucas palavras, e Postaes, para as quais moças e rapazes mandavam recados, que eram respondidos através da mesma.

Nas citadas seções e também na Reportagem Avulsa eram vários os nomes de mulheres que constavam como autoras dos textos ou pequenas notas publicados. Mas os leitores homens também assinavam artigos na *Futuro das Moças*, como foi o caso do leitor, de Minas Gerais, K. Lino, que fez o seguinte comentário:

Estamos no mês de maio, o belo mês consagrado a Virgem Maria mãe de Deus, e, aqui em S. João a reza está forte... a igreja repleta de namorados! As gentis senhoritas e os... "senhoritos" lá na igreja vão... namorar... Ora, vejam só. até na igreja!! Enquanto o padre embrulha o seu latim os mocinhos e mocinhas ficam com os olhos- um no outro... cara a cara... « chocando «... Parece Jacaré quando, quer... atrair alguma coisa. E quando termina... a reza, os namorados, vão, bem juntinhos ou para... a esquina ou amolar... a sogra (LINO,1917).

K. Lino não foi o único morador de fora da cidade do Rio de Janeiro que colaborou com a revista. A seção Álbum Charadístico da revista de nº 27 nos dá indícios do alcance da *Futuro das Moças*:

O prazo para os decifradores da capital, será de 15 dias; de 20 dias para os de S. Paulo, Minas, Estado do Rio, Paraná e Espirito Santo; de 28 dias para os do Rio Grande do Sul, Bahia, Santa Catharina, Sergipe, Alagoas e Pernambuco; de 30 para os do Ceará, Paraíba e Mato Grosso e de 40 dias para os restantes (ALBUM CHARADISTICO, 1917).

Leitoras e leitores de várias partes do Brasil participavam dos campeonatos de charadas. Os trabalhos deveriam ser enviados em papel almaço, escritos de um lado só da folha e precisaria constar o nome do autor, assim como seu pseudônimo e

²⁷ A escolha deste pseudônimo deve ter causado empatia em leitoras e leitores, pois tal como Theda Bara (nome da atriz americana do cinema mudo, também utilizado para assinar textos na revista), Pinto Calçudo era um nome conhecido. As histórias, e peraltices, de um garoto que começa a usar calça comprida, um tanto desajeitadas para seu corpo, eram parte da cultura popular portuguesa e chegaram ao Brasil. Os dicionários do século XXI informam que Pinto Calçudo é expressão utilizada para indicar homem deselegante, com calças mal ajustadas ao seu tamanho, caindo sobre os sapatos. Na década de 1950 textos com histórias desse garoto foram adaptados e publicados pela Editorial Infantil Majorca (D'ABREU, 2013).

o local de residência, nesse sentido a revista conseguiria saber quem contribuía para a seção. Muitos dos pseudônimos utilizados nessa seção apareciam também em outras partes da revista, como Flor de Liz que assinava textos publicados na seção Reportagem Avulsa.

As colaborações enviadas de outros estados são encontradas em diversos números da *Futuro das Moças*. A revista chegava, geralmente de navio ou trem, em outras cidades brasileiras e por vezes era divulgada em periódicos daquelas localidades, tais como o jornal *Estado do Pará*, editado em Belém (BIBLIOGRAPHIA 1917). Algumas jovens mantinham contato com a revista mesmo quando estavam fora do país, como foi o caso de Consuelo Fernandez, que enviou uma fotografia de Lisboa (Portugal), editada na *Futuro das Moças*, nº 5, dia 2 de maio de 1917 (Figura 3).

FIGURA 3 - FOTOGRAFIA DE CONSUELO FERNANDEZ



FONTE: *Futuro das Moças*, Rio de Janeiro, nº 5, 2 maio 1917.

As contribuições vindas de outras cidades, e estados, do Brasil nos dão indícios da circulação do periódico (CHARTIER, 2001a) e, portanto, indicam que as teses apresentadas pela revista (como as da coluna *As Paixões e os Sentimentos na Mulher*) eram divulgadas em vários pontos do território nacional; de maneira inversa, recebendo artigos, notas ou comentários de moças e rapazes de diferentes partes do

país, os redatores da *Futuro das Moças* poderiam avaliar e reordenar o conteúdo dos textos que publicavam.

Nessa conjuntura, os responsáveis pela edição do semanário tentavam construir uma relação entres leitora(re)s (colaboradores regulares ou não) e entre leitor(a) e articulista da revista (inclusive os que usavam pseudônimos), não apenas para que outras significações sobre uma temática emergissem do diálogo escrito, mas, notadamente para a reafirmação de teses já veiculadas. Tais debates indicavam a apropriação de ideias. Como escreveu Chartier (2001b), um dos caminhos para conhecer as apropriações dos leitores é a confiança de seus modos de ler e dos sentidos que descobrem no texto.

Assim que, na *Futuro das Moças* de 11 de julho de 1917, alguém com o pseudônimo de Azdaco escreveu texto para a seção Postas em resposta à “talentosa” Violeta Azul, afirmando que não era possível escapar do destino e se ela era “vítima do amor do homem”, ele ainda sofria por amar uma mulher, concluindo: “Não me saem porem da mente estas palavras verdadeiras: é mais fácil encontrar-se a pérola perdida no fundo do imenso oceano, do que a amizade sincera no coração da mulher!...” (AZDACO, 1917). A figura feminina inconstante (CRUZ, 1917a) emerge do texto quando Azdaco teceu, com “palavras verdadeiras” seu comentário sobre a mulher.

Alguns textos indicam a aproximação de leitoras colaboradoras. Este foi o caso de Sylvia Castro que, na revista de nº 27, em outubro de 1917, expressou comoção pelo modo com que Elza G. Nascimento encarava a vida. Castro escreveu:

A senhorita consegue ainda ocultar o motivo do seu manifesto desespero eu, entretanto, já tal não posso fazer. Ele surge claro e presenteiro em todas as minhas palavras, em todos os meus escritos. A constante melancolia em que vivo e a aversão que voto a todo e qualquer divertimento são suficientes motivos para revelarem que o meu profundo sofrimento provém do amor! E diante da indiscrição do meu semblante, finjo-me forte e então confirmo: “Sim! Amo! E amo como talvez ninguém nunca amou! E ' uma loucura —bem o sei—mas tudo vencerei para triunfar!” (CASTRO, 1917).

Sylvia Castro não só se identifica com Elza G. Nascimento como também coloca no texto que escreveu suas próprias angústias. Desta forma, uma leitora (Sylvia) tornou-se coadjuvante da escrita do texto de outra (Elza), ao enriquecer a narrativa já realizada com sua história e considerações. Uma situação que pontuou

nas páginas da *Futuro das Moças*, ocorrendo geralmente quando havia afinidade entre os sentimentos vivenciados por duas pessoas ou semelhanças relacionadas ao cotidiano dos envolvidos.

Mas existiam também situações peculiares. Cerca de quatro meses antes, dia 20 de junho, Ruazia, uma colaboradora assídua da revista, respondia, em carta aberta, a declaração feita por Radinm (ou Radium). Começava de forma direta: “Não tem o prazer de conhecer-me e está apaixonado por mim; como pode ser isso?...” (RUAZIA, 1917). E terminava, depois de algumas linhas, de maneira irônica:

Quero que me dedique uma paixão sem limites, mas que não seja causticante. Se for feio é favor não me aparecer porque sou muito nervosa e far-me-ia mal olhá-lo. Agora vou lhe dizer a minha idade e que o desejo que tenha o meu noivo. Sou uma velha ranzinza de 80 anos e desejo que o meu noivo tenha apenas 25 primaveras. Serve-lhe? (RUAZIA, 1917).

As intenções do jovem já tinham sido alvo de comentário mordaz de Meyren uma semana antes. Na seção Telegrammas da *Futuro das Moças* o autor questionou: “não te enxergas?” e concluía afirmando que Ruazia era “comprometida” (MEYREN, 1917).

Aparentemente a resposta de Ruazia colocou um ponto final nesse caso. Mas sua carta pode indicar mais. Se a parte final era bastante cáustica, algo considerado pouco adequado para uma jovem, o início da carta até serviria de alerta para as leitoras que, aspirando casar-se (a seção Os Que Querem se Casar apontava que esse era o desejo de muitas) tornavam-se imprudentes. Se notadamente o “primeiro amor” poderia ser desastroso para um moço (porque era irrefletido), no caso de uma jovem, ceder aos impulsos do coração poderia significar comprometer um futuro digno, como tinha alertado o texto sobre a prudência, publicado na coluna As Paixões e os Sentimentos na Mulher poucos números antes (CRUZ, 1917i).

Casamento foi tema que, direta ou indiretamente, esteve presente em mais da metade do material editado na *Futuro das Moças*, e as duas publicações que abordaram a possibilidade legal da dissolução do matrimônio devem ter mobilizado a atenção de muitas pessoas que liam a revista.

O divórcio foi abordado na seção Conversando, da revista número 6, dia 9 de maio de 1917. O texto, assinado por Margarida, leitora colaboradora da revista desde sua segunda edição, apresentava considerações sobre a separação conjugal a partir

de breve reflexão sobre “coisas, leis e dogmas” que, segundo a autora, as brasileiras aceitavam sem discutir, de olhos fechados. Para ela, esse era o caso do matrimônio indissolúvel, algo firmado pela lei civil e como sacramento da igreja católica. Entretanto, “um dia, vem lá da França de onde nos vêm os usos e as modas; como eco de civilização, como meio de regeneração, como tentativa de felicidade, uma palavra curta e longa ao mesmo tempo pela sua extensão moral: divórcio!”. (MARGARIDA, 1917e). Assunto que, segundo Margarida, tinha motivado um grande debate de prós e contras; ela era a favor, pois achava a separação justa e em “certos casos até moral”. Ela afirmava: “escandalizei muita gente dizendo ser o divórcio uma necessidade, assim como a vacina em caso de epidemia”. A autora encerra o seu artigo dizendo que o assunto foi um eco que passou, o divórcio não foi aceito e pergunta: “Feliz ou infelizmente?” (MARGARIDA, 1917e).

Margarida não menciona o período desse grande debate, mas é possível que se referisse aos meses que antecederam a promulgação do Código Civil de 1916, estabelecido pela Lei nº 3.071, de 1º de janeiro daquele ano. Este Código determinou no Artigo 223: “Antes de mover a ação (...) de desquite requererá o autor, com documentos que a autorizem, a separação de corpos, que será concedida pelo juiz com a possível brevidade” (BRASIL, 1916).

A informação que o desquite, diferente dos casos de nulidade ou anulação (BRASIL, 1916), era uma forma, prevista legalmente, de separação devido divergências irreconciliáveis. Difundiu-se rapidamente pelo país, tanto quanto o esclarecimento adicional que desquitada(o) não poderia contrair novo matrimônio.

Duas semanas depois a revista editou, também na *Conversando*, texto de *La Figlia del Giglio* (A Filha do Lírio). A autora, respondendo que felizmente no Brasil não era permitida a separação com possibilidade legal de novas uniões, associava divórcio com decadência, algo que aconteceria inevitavelmente depois que uma nação atingisse “o ponto culminante da curva do progresso”, tal como tinha ocorrido na Grécia e em Roma e como se anunciava nos Estados Unidos. *La Figlia del Giglio* afirmava:

Aceitá-lo na nossa [nação] seria apressar o seu desmembramento. Um dia terá guarida entre nós, porque da forma que o desenvolvimento das ciências, da indústria, das artes, contribui para o progresso de um povo, que se subordina a umas certas leis morais e como esse progresso não pode ser ilimitado, tendo de decrescer depois de atingir a um máximo, o divórcio concorre *ipso facto* para esse desmoronamento (LA FIGLIA DEL GIGLIO, 1917).

Para a autora, o divórcio resultaria na derrocada da família (local de “alargamento da raça”, com os filhos²⁸), base da sociedade e, portanto, concorreria para a ruína da nação. Era preciso que homens e mulheres, como cônjuges, cumprissem seus deveres com a sociedade, deveres que estariam ligados a natureza de cada um (LA FIGLIA DEL GIGLIO, 1917).

Ecoando ideias dos artigos que começavam a ser difundidas pela coluna de Salomão Cruz, notadamente as sobre a paixão fé (CRUZ, 1917e; CRUZ, 1917f), La Figlia del Giglio sentenciava que, em caso de infelicidade matrimonial a função de “amenizar os dissabores” caberia principalmente à mulher, que era a “alma da família”. Somente no caso de “desarmonia absoluta” o desquite seria aceitável (LA FIGLIA DEL GIGLIO, 1917).

O tema divórcio mobilizava opiniões além da “conversa” entre duas leitoras colaboradoras da revista, pontuando na coluna *Chronicas* e nas secções *Pelo Telegrapho* (p.ex. CRAVO BRANCO, 1917) e *Telegrammas* (GYRA SOL, 1917, entre outros). Respondida por La Figlia del Giglio, a pergunta e as considerações de Margarida certamente também ressoaram entre vários leitora(re)s da *Futuro das Moças* antes mesmo da publicação da resposta do dia 23 de maio.

Nesse sentido, não deve ter causado estranhamento naqueles que liam semanalmente a revista que, no mesmo número 8 da *Futuro das Moças* no qual La Figlia del Giglio publicou seu artigo, um texto de Margarida, com o título *Conversando – O Divórcio*, foi publicado (MARGARIDA, 1917c).

Entretanto, desde as primeiras linhas o novo texto era instigante: “Tendo discutido muito aqui *ontem* sobre o divórcio e por causa dessa questão, tive um sonho” (MARGARIDA, 1917c, grifo meu). A leitora colaboradora começou então a descrever

²⁸ Esse é um pequeno trecho no qual é possível perceber o impacto de ideias relativas à necessidade e dificuldade de constituição da raça brasileira, temas amplamente discutidos no país naquele período, permeados por teses sobre o branqueamento e os perigos da degenerescência, por debates relativos à imigração e, ganhando espaço nos anos 1910, considerações eugênicas (LIMA; HOCHMAN, 1996; SCHWARCZ, 1993).

este sonho que, naquela edição da revista e mais outras três, se desdobrou em situações durante as quais Margarida observava o cotidiano e fazia questionamentos às autoridades celestes e ao papa a respeito do divórcio. Como resultado teria obtido a concessão da separação e a possibilidade de uma nova união matrimonial religiosa (MARGARIDA, 1917c; MARGARIDA, 1917d; MARGARIDA, 1917a). Mas, desilusão, passado algum tempo, em visita à algumas mulheres que tinham realizado um novo casamento, percebeu que eram tão ou mais infelizes do que durante o primeiro matrimônio, inclusive sofrendo desrespeito dentro de casa. Margarida conclui a série de artigos com a frase: “Despertei suando em bica! Qual! O divórcio? *Nem mesmo em sonhos!*” (MARGARIDA, 1917b, grifo da autora).

Na *Futuro das Moças* os textos recebidos eram revisados, ajustados e por vezes rejeitados, como ficava explícito na coluna Correspondencia, exclusiva para as colaborações literárias que, do número 3 ao 12 ficou sob a responsabilidade do Dr. Justo C. Vero (pseudônimo que deveria impor respeito, começando pelo título do senhor justo e severo ²⁹) e continuo existindo até 1918³⁰. Existiam também artigos publicados com algumas reservas, como as indicadas por Salomão Cruz em alguns pontos da tradução que realizou de trechos da obra de Paul Belouino.

Nesse sentido, os cinco textos de Margarida sobre o divórcio merecem atenção. No primeiro artigo suas ideias, em princípio, contrariavam as diretrizes dos redatores da *Futuro das Moças* que, de maneira geral denunciavam as perniciosas mudanças que o século XX potencializava, entretanto, estas não poderiam ser sempre ignoradas e eventualmente deveriam ser apresentadas e debatidas. Mas Margarida, que já tinha expressado concordância com a linha editorial do periódico

²⁹ Dia 27 de junho, a revista publicou informe sobre a saída “do amigo “Dr. Justo C.Vero” (...)”, com o nome entre aspas, reforçando a percepção que era um pseudônimo (DR. JUSTO C. VERO, 1917c). O anúncio de Mario da Veiga Cabral como redator-chefe no número seguinte do semanário (LOUREIRO, 1917), é um forte indicativo de que ele era o antigo responsável pela coluna Correspondencia.

³⁰ Exemplos do conteúdo da coluna. Na revista do dia 16 de maio de 1917 Dr. Justo C. Vero escreveu: “Saudade Roxa – No próximo número V. Ex. lerá o seu trabalho. (...) Rosa do Campo – Quando nos envia os seus trabalhos?” (DR. JUSTO C. VERO, 1917a). Três dias depois, a coluna foi pródiga em críticas: “José da Silva – O seu soneto não está bom. (...) Antônio Aranha – A sua poesia “Sedução” bem me parece uma teia de aranha, seu Aranha. O amigo deve aprender metrificação e mudar o seu sobrenome” (DR. JUSTO C. VERO, 1917b). Em 10 de outubro de 1917, não mais sob a responsabilidade do Dr. Justo C. Vero, a coluna publicou: “Adnilo – Os seus sonetos não servem. O conto será publicado (CORRESPONDENCIA, 1917).

(MARGARIDA, 1917g), publicou novo texto sobre o divórcio, em poucos dias, para mudar de ideia. No conjunto dos quatro artigos seguintes Margarida usou de muita habilidade para construir uma narrativa onírica, mostrando como não optar pelo divórcio estaria além da crença no sacramento católico, mas era devido a suas consequências negativas, notadamente para a mulher. Teria Margarida abandonado sua opinião favorável ao divórcio (supostamente estabelecida há meses, apesar de criticada) de maneira tão rápida? Ou os artigos, os cinco, foram uma estratégia (CERTEAU, 2012) da leitora colaboradora e da revista para evidenciar a importância da manutenção da família, alicerce da sociedade, espaço seguro e naturalmente feminino?

Certo é que as contribuições de mulheres com artigos, nas colunas ou em seções, fossem com seus próprios nomes, como Helena D. Nogueira e Elza G. do Nascimento, ou usando pseudônimos, como Margarida, eram estrategicamente importantes para a divulgação daquilo que os redatores consideravam ações instrutivas e educativas para as jovens.

Temas instigantes de artigos, como os sobre o divórcio, poderiam resultar em formas de reforçar ou concorrer para reestruturar ideias sobre o sexo feminino. Isso permite estabelecer que os redatores e colaboradores masculinos da *Futuro das Moças* não eram os únicos a evidenciar e divulgar representações sobre a mulher ao propor uma espécie de contrato de participação da produção de sentidos com o público-alvo (CHARTIER, 2001b); as leitoras colaboradoras também produziam significantes, que levavam outras leitoras, jovens e senhoras, a elaborarem outros significados a partir daqueles que a revista fazia circular.

CAPÍTULO II

DA SECÇÃO DE FELICIDADE AO VOTO FEMININO, VISLUMBRES DO DESTINO DA MULHER

Em 1917, em meio as mudanças nos comportamentos femininos que estavam acontecendo naqueles tempos da Primeira Guerra Mundial, uma questão que permeou as publicações na *Futuro das Moças* era o que esperar de uma jovem mulher naqueles tempos e nos que viriam.

Assim, para que a mulher dos Novecentos não contrariasse sua natureza, eram imprescindíveis ações educativas que evitassem a decadência moral feminina. Nesse sentido, os responsáveis pela revista fizeram do periódico um instrumento dessa educação social efetuada com as repetidas sugestões relativas ao cotidiano feminino (de roupas a medicamentos), reforçando padrões de condutas (o casamento como meta primordial), publicando textos com comentários sobre o papel sociopolítico da mulher.

Para as leitoras ansiosas por um pequeno vislumbre sobre o que as aguardava nos próximos anos, já no primeiro número da revista, editado dia 4 de abril, foi anunciada a Secção de Felicidade, que ficaria sob a responsabilidade de Mr. Edmond, convidado pelos redatores “para desvendar esse mistério - o futuro que bastante vezes nos preocupa demasiadamente o espírito” (SECÇÃO, 1917a). No segundo número da revista, finalizando a referida seção, um pequeno encarte informava que Mr. Edmond era “cartomante, grande “médium”, clarividente, distinguido pelas imprensas nacionais e internacionais [...]” (SECÇÃO, 1917b).

A presença do cartomante ou médium como colunista da revista poderia indicar uma contradição, afinal os parâmetros da *Futuro das Moças* estavam em grande medida ancorados em princípios reputados como científicos, como evidenciaram os textos publicados por Salomão Cruz. Entretanto, essa presença repetia uma prática que, em escalas variáveis, era comum na imprensa durante aquela época; revistas e jornais repetidamente publicavam propagandas e notas sobre pessoas que diziam possuir dons especiais, sabiam manusear aparelhos poderosos ou vendiam objetos extraordinários, apresentando informações muitas vezes pontuadas por referências ao magnetismo e ondas elétricas, cujo uso se difundia (BERTUCCI, 2003).

Para que as leitoras da *Futuro das Moças* fossem atendidas por Mr. Edmond, bastava que respondessem um pequeno questionário (Figura 4), concebido para que, a partir das informações apresentadas, o colunista pudesse apresentar à esperançosa jovem mulher um prognóstico do porvir.

FIGURA 4: QUER SABER DO SEU FUTURO?

Quer saber do seu futuro ?	
Responda-nos por este questionario:	
Pseudonymo.....	
Anno em que nasceu.....	
Estado social.....	
Côr de seus cabellos	
» » » olhos	
Bairro em que mora	
O que mais deseja na vida?.....	
Para uso exclusivo da redacção:	
Assignatura da consultante.....	
Residencia.....	

FONTE: *Futuro das Moças*, Rio de Janeiro, nº 1, 4 abril 1917.

O questionário compreendia aspectos essenciais para traçar um retrato das leitoras: o pseudônimo, para preservar a identidade (pelo menos para outros leitores); a data de nascimento; o estado social, que poderia revelar o que a jovem mulher desejava saber (namorar, noivar, casar); a descrição dos cabelos assim como a dos olhos; o bairro em que morava, utilizado possivelmente como contexto local; o que a jovem mais desejava na vida, que revelava de antemão o anseio mais profundo e, finalmente, a assinatura e o local de moradia da consultante. Através das informações solicitadas no questionário, aparentemente simples, mas reveladoras, era ofertada à leitora consultante uma percepção do futuro que a aguardava.

Considerando os textos editados por Salomão Cruz, seria a mistura da curiosidade (CRUZ, 1917b) de saber o que estava para acontecer, com a esperança (CRUZ, 1917g) de vislumbrar boas perspectivas, que incentivava as jovens a compartilharem detalhes pessoais com o cartomante.

Após receber o questionário preenchido, Mr. Edmond iniciava suas previsões com considerações distintas e reveladoras, pelo menos algumas dessas palavras eram publicadas na *Futuro das Moças*. Segundo as previsões, Laura, infeliz no casamento, não teria felicidade no futuro, pois teria errado na escolha do marido, e o vidente sentenciava: do bom marido dependia a felicidade da mulher (MR. EDMOND,

1917a); por outro lado, Nina estava destinada a casar e ser feliz ao lado do seu futuro marido (MR. EDMOND, 1917b); Pincha teria um marido de mau gênio, entretanto, Mr. Edmond apontava que existiriam sentimentos aproveitáveis na relação (MR. EDMOND, 1917b); Amor Martyrio precisaria superar seu temperamento e aprender a cativar um rapaz para alcançar o matrimônio (MR. EDMOND, 1917b); já Confiante, com seus 30 anos, só encontraria felicidade quando tivesse um bom marido, independente de este existir ser ainda uma figura imaginária (MR. EDMOND, 1917b); Zezinha não casaria até 1924, foi alertada ainda sobre fortalecer o espírito diante das más influências (MR. EDMOND, 1917d); Flor de Prado teria como pretendente em potencial o filho de uma viúva, candidato mais adequado para ela, além disso seria convidada para ser madrinha de uma criança, mas deveria aceitar apenas se fosse um menino (MR. EDMOND, 1917c).

Mr. Edmond, cujo verdadeiro nome era Plínio de Lacerda (SECÇÃO, 1917d), apresentado pela *Futuro das Moças* como uma figura de muitas habilidades especiais, apresentava em geral previsões que não diferiam muito dos repetidos alertas que pululavam em outras partes da revista, sobre o que fazer para evitar um mau passo ou conseguir um bom casamento. A diferença era a aura de credibilidade apresentada pelo cartomante e médium, e isso capturava a atenção de muitas leitoras. No caso de Mr. Edmund, que já tinha atuado em outra revista do Rio de Janeiro, o grande apelo deve ter sido a declaração que tinha dom semelhante ao de Mme. Zizina (SECÇÃO, 1917b), o médium afirmava ser irmão de uma famosa vidente à época que, segundo diziam, tinha clientela formada por várias pessoas da elite social (DEL PRIORE, 2014).

Para dar credibilidade a Mr. Edmond, ao anunciar a seção na revista os editores usaram palavras que induziam à crença e fascinação, afirmando que o cartomante iria “descortinar com evidente acerto o véu misterioso do futuro” (SECÇÃO, 1917a). Mas, a atividade de Mr. Edmund ia de encontro a legislação penal brasileira e, como acontecia com outros indivíduos que exerciam esse tipo de atividade, ele foi preso (BERTUCCI, 2003). Na última semana de junho de 1917, Plínio de Lacerda foi levado para a cadeia sob acusação de vadiagem, entretanto, conforme publicado na revista, a situação parecia a mais pura e descabida perseguição.

Segundo o que lemos no jornal "A Razão" de 1 do corrente [julho], o Sr. Major Bandeira de Mello, limitou-se apenas a perguntar: "O que faz? Trabalho na revista Futuro das Moças e..." não pôde concluir a frase, pois o S. S. arrogantemente, serrando os punhos e batendo sobre a mesa disse: "SUMA-SE." E sumiu-se o Sr. Edmond, para ser conduzido por um agente até as portas de um xadrez infecto onde permaneceu durante 10 longos dias incomunicável, pelo simples fato de responder as consultas das nossas leitoras! (SECÇÃO, 1917d).

Mas, apesar das indignadas palavras editadas e publicadas na *Futuro das Moças* a prisão foi respaldada no Código Penal de 1890, decreto nº 874, artigo 399, que classificava como vadio o indivíduo que

[deixava] de exercitar profissão, ofício, ou qualquer mister em que ganhe a vida, não possuindo meios de subsistência e domicílio certo em que habite; prover a subsistência por meio de ocupação proibida por lei, ou manifestamente ofensiva da moral e dos bons costumes (BRASIL, 1890).

Entretanto, como também acontecia com outras pessoas em situações semelhantes, as detenções, em conforme prescrito no artigo 399, não constituíam processos penais devido a impossibilidade de comprovação de delitos (PATTO, 1999). No caso de Mr. Edmond, a redação da *Futuro das Moças* buscou defender seu colaborador³¹, para isso revelou a identidade de Mr. Edmond, até então desconhecida das leitoras, apresentou detalhes sobre sua ocupação e salário mensal recebido por Plínio de Lacerda, destacando que ele recebia da revista 150\$000 mensalmente.

Além disso, foi enfatizado que o cartomante já havia ocupado cargo público, sugerindo o que indicaria reputação de integridade e responsabilidade (SECÇÃO, 1917d). Mas, ao insistir em anteriores afazeres honestos, os responsáveis pela *Futuro das Moças* podem ter reforçado a percepção, para policiais e leitores, que o afazer de Plínio de Lacerda na revista não era respeitável ou legal. Algumas senhoritas teriam se perguntado se Mr. Edmond era um enganador?

Entretanto, independente da honestidade e habilidades de Mr. Edmond, a decisão de mantê-lo como colaborador da revista, entre outros motivos, poderia ser estratégica (CERTEAU, 2012) diante da avaliação dos editores da necessidade de uma orientação direta às jovens sobre suas escolhas amorosas, afinal estas teriam

³¹ A primeira declaração feita na revista sobre o motivo da ausência de Mr. Edmond, afirmou que ele estava doente (A SECÇÃO, 1917).

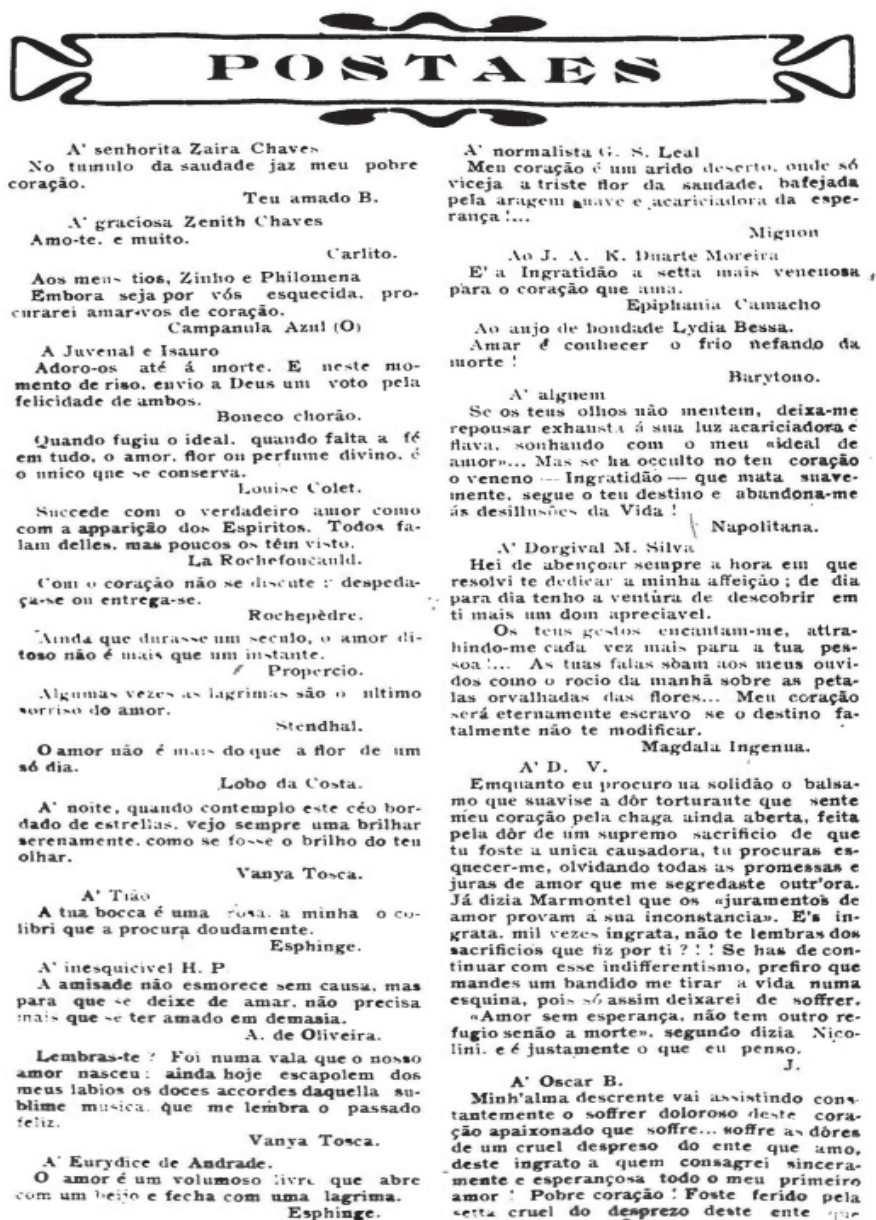
consequências no futuro. À vista disso, e considerando sobre quem recaiu a escolha para redigir a Secção de Felicidade, são perceptíveis as concepções, que circulavam na *Futuro das Moças*, sobre a natureza feminina, frágil, pouco racional e dominada facilmente por paixões.

A Secção de Felicidade constituiria um elo entre o que era difundido como próprio da paixão esperança e da paixão curiosidade, e essa ânsia por revelações pessoais, impulsionaria muitas jovens que recorriam a esse espaço, onde as emoções e as aspirações dessas leitoras se entrelaçavam reforçando a percepção que, através de seus corações, as mulheres poderiam visualizar possibilidades que moldariam, para melhor, o seu futuro. Observando as respostas apresentadas por Mr. Edmond, a perspectiva de felicidade de todas as consulentes estava associada à presença de um esposo perfeito, mas para isso elas também precisavam ser esposas ideais.

Desta forma, a Secção de Felicidade reeditava a visão do papel da mulher na sociedade centrada no casamento e na vida doméstica (D'INCAO, 2001), algo que no final dos anos 1910 dava sinais de transformação e, portanto, assustava muitas pessoas. As predições, moldadas pela perspicácia (ou habilidades especiais) de Mr. Edmond, a partir das respostas do questionário disponibilizado, revelam o impacto significativo que os relacionamentos matrimoniais poderiam ter na vida das jovens mulheres da época, e como singularidades (declaração de ser solteira depois dos 30 anos; lamentos por infelicidade) eram utilizadas para reforçar o padrão esperado, qual seja, da moça com dotes domésticos, hábil em lidar com as emoções (fugindo de paixões), que foi repetidamente apresentada como a que conseguiria realizar um bom casamento e ser feliz.

Outra seção da revista que reforçava ideias matrimoniais era a Postaes (Figura 5), presente em grande parte dos números da *Futuro das Moças*. Mas a seção composta por pequenas mensagens endereçadas e assinadas, também exaltava laços de amizade e reproduzia pensamentos de autores consagrados, como François de La Rochefoucauld (1613-1680).

Figura 5: POSTAES



Fonte: *Futuro das Moças*, Rio de Janeiro, nº 20, 15 ago. 1917.

Essas mensagens trazem, mais uma vez, elementos acerca das paixões destacadas nos artigos elaborados por Salomão Cruz, como é possível vislumbrar nos trechos reproduzidos abaixo.

Ao inesquecível Francisco Medeiros

A tua ausência fere meu coração tão cruelmente como se fora uma venenosa seta que o transpassasse... A saudosa – Laurinha (...)

À Lourdes

Saudades - são flores d'alma que gargalham, despedaçadas; lágrimas de um coração ferido, perdidas sem destino - Circe. (POSTAES, 1917a).

Todas as paixões nos fazem cometer faltas, mas o amor faz-nos cometer as mais ridículas - François La Rochefoucauld (POSTAES, 1917b).

À Tião

É preferível ser espinho, urze, ou flor, que ser mulher, para morrer de amor! - Esphinge (POSTAES, 1917a).

Para Augusto Leão

O meu coração soluça tristemente, mergulhado no abismo intenso de uma separação - Amor d'Outono
(...)

Ao inesquecível A. Leão

O amor nasce de um olhar, e morre sempre por um outro olhar - Amor d'Outono (POSTAES, 1917c).

Ao endereçar textos que falam sobre desilusões e até esperanças, as sensibilidades experimentadas são expostas e desvelam os sentimentos mais íntimos das mulheres que são relacionados à conduta feminina. As sucintas mensagens trazem à tona tais sentimentos e as paixões que permeariam as experiências femininas e revelavam como as pessoas se viam e viam as jovens mulheres.

A paixão esperança foi profundamente explorada na *Futuro das Moças*. No artigo de Cruz (1917g) essa paixão é retratada como algo que permeia a existência feminina de maneira constante, quase como uma força motriz na vida das mulheres, levando-as a esquecer de seus deveres naturais. Ao se entregarem à esperança, as mulheres desviariam a atenção de suas responsabilidades e compromissos. Ao associar esperança com credulidade e inocência, a ideia criada é que as mulheres seriam mais suscetíveis a acreditar em promessas, ideais românticos ou até mesmo projeções utópicas, que por vezes poderiam levá-las a uma visão distorcida da realidade. Assim como outras paixões, a esperança seria impulsiva e desprovida de uma análise mais profunda, influenciando as decisões e atitudes das mulheres de maneira intuitiva.

Idealista (1917) via na esperança uma força que nutriria o espírito ao longo da vida, do berço à sepultura. Em contraste a essa visão, Theda Bara (1917) acreditava que a esperança seria uma virtude que floresceria no coração dos apaixonados. A

paixão que era intimamente relacionada ao amor, também era associada à desilusão: uma trajetória que tinha como início o amor, passava pela esperança, e por fim, chegava à desilusão.

Apesar dessas complexidades, o casamento parecia ser um destino previsível para as mulheres; como escreveu Michelle Perrot (2005, p.173), “a divisão de papéis e as funções sociais que emergem de uma conformação biológica; uma vagina para receber, um ventre para carregar e seios para amamentar, marcariam o destino delas; nenhum lugar além do lar”.

A esperança, intrinsecamente ligada à fé, foi uma paixão caracterizada como virtude cristã, por Salomão Cruz (1917g; 1917d). Ao discorrer sobre a esperança, Cruz fez uma distinção entre as virtudes femininas e o que ele descreveu como virtudes primitivas. As mulheres, que teriam sentimentos egoístas inatos, não possuiriam muitas dessas virtudes primitivas, a esperança, no entanto, é colocada como uma exceção que é justificada pelo papel que desempenhariam na constituição e na manutenção da família.

As virtudes primitivas atribuídas às mulheres poderiam incluir características como empatia, compaixão, intuição, sensibilidade emocional e cuidado. Estas foram frequentemente vistas como qualidades naturais das mulheres, muitas vezes justificadas pela ideia de que as mulheres eram biologicamente predispostas a essas virtudes devido ao seu papel na reprodução e na criação dos filhos.

Eurydice Kallut (1917) faz a distinção entre o ser mulher e saber ser enfatizando a importância das virtudes morais na feminilidade. Enquanto ser mulher era possuir a fórmula feminina, saber ser significava ter um coração imaculado: ser mulher seria ser mãe, o saber ser mãe era reunir muito amor.

Nesse sentido, as virtudes, especialmente as morais, desempenhavam um papel significativo na conduta da mulher em meio a um cenário de mudança. Consideradas essenciais para o desenvolvimento de uma pessoa moralmente íntegra, as virtudes morais eram altamente valorizadas, consideradas até como “o mais brilhante adorno da mulher casada” (PAN-HOEY-PAN, 1917). Seguir o caminho da virtude era percebido como uma maneira de as mulheres desempenharem seus papéis na sociedade de forma apropriada.

A mulher é representada por diversos símbolos, alguns como heroína do lar; símbolo do amor; coluna reivindicadora da constituição puríssima da família; geração vindoura; ponto culminante e o pavilhão sagrado e grandioso da reabilitação nacional

ganham destaque. Esses símbolos, conforme João Quinto (1917), ilustram as virtudes femininas, assim como destacam a importância dada às mulheres em diversos aspectos da vida social. Para o autor:

De fato, é a mulher, quando senhora de seu elevado papel, quem lapida no lar, o espírito, a consciência e o caráter do homem, pelo ensino moral, pela cultura dos nobres ensinamentos que ela incute na tenra, organização moral e intelectual dos filhos. Além da educação social, da instrução intelectual, da cultura mental, o jovem necessita de ensinamentos morais, cheios de exemplos de crença, virtude e fé, ornamentos de que devem ser revestidos os nossos filhos, produtos que são das esposas, de hoje, transformados em colunas de amparo no dia de amanhã, das sociedades que neste momento se esboroam (JOÃO QUINTO, 1917).

O papel educacional da mulher, que é enfatizado por João Quinto (1917), era considerado crucial para a construção da sociedade. A mulher seria a responsável por um lar moralmente organizado e a educação moral transmitida pelas mulheres aos filhos seria essencial para a formação dos filhos, futuros servidores da pátria.

A mulher era considerada educadora da humanidade; era ela quem deveria honrar o nome do marido e orientar os filhos no caminho da virtude (EURYDICE KALLUTE, 1917). Entretanto, não eram todas que poderiam desempenhar a nobre missão de “ser mulher”, pois a vaidade, considerada uma paixão natural na mulher (CRUZ, 1917k), as desvirtuaria, impossibilitando-as de ser modelos para os filhos, principalmente das filhas mulheres, pois a educação de uma menina (realizada pela mãe) teria grande influência em sua moral (EURYDICE KALLUTE, 1917; JOÃO QUINTO, 1917).

Mas as paixões não se manifestavam de forma permanente, elas seriam, de acordo com Mysteriosa (1917) como uma grande “tormenta moral” que assolava as mulheres e assim como uma grande tempestade, passariam rápidas “pela alma como as rajadas do vento” (MYSTERIOSA, 1917). Mesmo que deixassem as mulheres suscetíveis a influências nocivas, sem virtudes, dessa forma, ser dominada pela vaidade, por exemplo, era sinal de ausência de virtudes e uma mulher ensoberbecida seria a antítese de um ser adorável (CRUZ, 1917k).

A vaidade estava relacionada com o egoísmo. Conforme o artigo (CRUZ, 1917j), o egoísmo fazia parte de várias fases da vida da mulher, da infância à velhice. O artigo diferencia dois tipos de egoísmo: o inerente ao indivíduo e o pessoal. A mulher deveria representar os interesses da família enquanto os homens deveriam se dedicar

aos interesses da sociedade. A mulher, entretanto, só seria dominada de fato pelo egoísmo inerente ao indivíduo ao se dedicar somente ao marido e aos filhos. O artigo de Cruz (1917j) destacava a mulher como sendo a detentora do egoísmo da família, sua atenção seria voltada aos membros da família, em que sacrificaria em prol da felicidade familiar as interações sociais, amizades e, por vezes, até a religião. Já o egoísmo pessoal poderia dominar a mulher quando esta não se casava e não tinha filhos.

Quando a mulher não se casa e não tem filhos, não tarda a consagrar ao egoísmo pessoal as admiráveis faculdades que lhes foram conferidas para o bem da família. O homem, organizado para a vida exterior, abre seu coração aos que o rodeiam. Quando a mulher - que é destinada à vida interior, não tem em derredor de si a família, objeto natural de seus efeitos, concentra o seu amor em si e sobre si mesma (CRUZ, 1917j).

As mulheres seriam expostas ao egoísmo pessoal se não desempenhassem os papéis de mãe e esposa. A mulher então seria considerada solteirona, e a insensibilidade seria sua característica primordial, a principal mudança em seu comportamento era se tornar desconfiada em excesso, invejosa e mal dizente. A solteirice era vista “como se houvesse feito o vácuo entre sua alma e o mundo” (CRUZ, 1917j).

A delimitação do espaço ocupado pelas mulheres é feita ao ser delineado os tipos de egoísmo. Há ainda a distinção entre os papéis femininos e masculinos, que associam a mulher à vida interior e o homem à vida exterior. As mulheres deveriam ocupar os espaços privados (entendendo-os como os interesses da família) circunscritos ao lar e os homens ocupariam os espaços públicos, atendendo aos interesses políticos (PERROT, 1988). A crescente industrialização teve uma forte influência na separação dessas duas esferas³², uma delimitação de espaço que marcou as sociedades ocidentais, inclusive o Brasil, a partir do século XIX.

Na *Futuro das Moças*, para evitar que a mulher fosse dominada pelo egoísmo, era enfatizado a importância de uma boa educação, entendida como aquela que era atribuída às mães, qual seja, ensinar as filhas serem caridosas. Segundo Cruz (1917h)

³² Não pretendemos aqui cruzar e demarcar a fronteira entre o público e o privado, entretanto faremos a mesma ressalva que Perrot (1988), que nem todo público é relacionado ao masculino, assim como nem todo privado é com o feminino.

a mulher precisaria desempenhar suas funções relacionadas à maternidade, e a caridade seria o redirecionamento desse afeto maternal.

Ela possui, então em seu coração, tesouros de amor maternal que buscam um objeto; seus afetos mudam de alvo, e ela torna-se, então, a mãezinha de seus protegidos. Pouco a pouco, ela se habitua de suas dores, de suas misérias, inicia-se na caridade, esse amor de família que Deus ordena a todos os homens (CRUZ, 1917j).

A orientação materna adequada associaria a mulher ao lado materno. Um processo educativo gradativo que envolvia aproximação e compaixão da mulher com as dores e as misérias daqueles que necessitassem, tornava cada mulher uma espécie de “mãezinha de seus protegidos” (CRUZ, 1917j). Essa relação pode ser entendida como uma relação de cuidado e proteção semelhante à figura materna para além dos filhos biológicos.

Através da dedicação feminina à caridade o papel materno é expandido, no caso daquelas que já eram mães, ou era criado no caso daquelas que permaneceram solteiras, as que se deixaram dominar pelo amor próprio (CRUZ, 1917j). As atividades relacionadas à caridade, cumpririam assim uma função educativa importante na construção do papel materno, que era basilar para a mulher, inclusive a do final dos anos 1910.

Assim como outras paixões, prejudiciais para a mulher quando as dominava, no caso do amor próprio isso significaria também perder virtudes femininas. Especialmente se as mulheres buscassem exercer papéis considerados masculinos, uma vez que seriam destinadas para serem mães, e seus interesses estariam intrinsecamente ligados a esse papel, afetos estranhos a essa essência não deveriam ter espaço em suas vidas.

Como resumiu Buitoni (1990), as revistas femininas do início do século XX são definidas por direcionarem seus conteúdos a temas do dia a dia das mulheres, para as quais eram oferecidos modelos de comportamento e de consumo, os quais reforçariam o que era feminino. As publicações focavam em conteúdos ligados à moda, culinária e conselhos práticos que acabavam servindo como referências à mulher-leitora.

No caso da *Futuro das Moças*, tal característica é perceptível na escolha das várias fotografias reproduzidas, em propagandas, e também em seções que

traduzindo intenções, angústias e desejos de suas leitoras, e leitores, concorriam para evidenciar o perfil da mulher ideal que a revista fazia circular.

Quanto às propagandas, a estética prevalece, tanto induzindo à compra da roupa adequada, vendida por uma loja com o sugestivo nome Rigor da Moda (MODAS, 1917), quanto ao uso de produto para manutenção da beleza dos seios. A revista buscava apresentar padrões de elegância e para isso destacava as tendências vindas da Europa, como de sapatos, chapéus e vestidos considerados como os mais elegantes. (Figuras 6).

Figura 6: MODAS



Fonte: *Futuro das Moças*, Rio de Janeiro, nº 14, 4 jul. 1917

A Pasta Russa (Figuras 7), cujo nome remetia a terras distantes e exóticas, indicava a suposta origem de seu criador: G. Ricabal, “célebre médico e cientista russo” (PASTA RUSSA, 1917), e prometia a reconstituição e fortificação dos seios. O tratamento era com aplicações tópicas que envolviam comichões para dar firmeza aos seios (A BELLEZA, 1917) reconstituindo-os e fortificando-os. As gestações e amamentação frequentes eram uma das causas do enfraquecimento dos seios da mulher, o que acabava criando a necessidade de correção do corpo feminino, que

precisava estar saudável e belo (PEREIRA, 2017). Nesse contexto, a nudez feminina era aceitável, pois estava associada a um ideal de beleza e saúde materna.

Figura 7: PASTA RUSSA



Fonte: *Futuro das Moças*, Rio de Janeiro, nº 23, 5 set. 1917

Quanto as seções da *Futuro das Moças*, a denominada Os que Querem se Casar pode ser considerada complementar a Seção de Felicidade e a Postas. Na Os que Querem se Casar, as poucas palavras dos pretendentes vão delineando o perfil da mulher-mãe-dona de casa, mesmo apresentada com suas diferentes características físicas e apesar de suscetível às paixões e tentações, e esse modelo era evidenciado até mesmo quando era uma mulher que escrevia em busca de matrimônio.

A seção Os que Querem se Casar chama atenção por apresentar um número de participantes homens em geral maior que o de mulheres. Nesse espaço da revista, era anunciado que os pequenos textos seriam publicados exatamente como tinham sido recebidos na redação, que também encaminharia à(ao)s destinatária(o)s as cartas-respostas de pretendentes. Vejamos alguns exemplos publicados na seção durante o mês de maio de 1917.

Quando quem buscava o matrimônio era um homem, eram expostas descrições da mulher desejada evidenciando características físicas femininas especificadas como a cor da pele, do cabelo, dos olhos e estatura.

Desejo encontrar para esposa uma moça clara, cabelos pretos, estatura regular, que saiba ler e escrever corretamente, e que tenha sido educada em colégio de Irmãs de Caridade tendo no máximo 26 anos e no mínimo 20 anos. Cartas nesta redação - L. M. (L. M., 1917).

Para L.M. saber ler e escrever era fundamental e ao especificar o local da formação, “colégio de Irmãs de Caridade”, evidenciava o aspecto central da educação moral e religiosa. Mas essa ênfase não foi regra, como indicam os textos escritos por Socego (sic) e Francisco X transcritos abaixo:

Sou viúvo, conto 32 anos de idade e não tenho filhos. O meu emprego é no comércio. O meu ideal é ter uma esposa boa, carinhosa e que seja muito nova. Não faço questão que seja também viúva. [...] Não quero loura nem que use carmim. Dou preferência a morena de olhos negros e cabelos de azeviche – Socego (SOCEGO, 1917)

[...] bondosa; pouco preparo, geniosa e pouco ciumenta. Que tivesse tido muitos namorados, mas que não tivesse com eles mantido correspondência. Não faço questão de cor (morena ou clara) e mais satisfeito ficaria se minha esposa fosse órfã de pais - Francisco X. (FRANCISCO X; 1917).

Enquanto Socego (1917) procurava uma nova esposa que fosse carinhosa e “muito nova”, descrevendo com detalhes aspectos físicos para as pretendentes, para Francisco X (1917) a pouca instrução seria um predicado almejado e, em um tempo que o namoro em geral se limitava a olhares e breves conversas ele não se importava com “muitos namorados” (a troca de correspondência seria o limite), talvez assim a moça estivesse pronta para escolher mesmo um marido e a vida conjugal, de preferência longe de interferências familiares, pois também afirmava, sem meias palavras, preferir uma órfã de pai e mãe.

Quanto às mulheres que participavam da seção, diferentemente dos homens, elas não se limitavam apenas à descrição física do marido desejável, também buscavam demonstrar que elas poderiam ser esposas desejáveis, como é evidenciado por Estrella Triste:

Desejava casar-me. Não tenho pai. Minha mãe coze na casa de uma família muito distinta que reside em Botafogo. Tenho 24 anos e meu pai morreu na célebre guerra de “canudos”. Tenho o curso complementar e não consegui efetuar matrícula na Escola Normal por falta de proteção. Sou morena. Não tenho gênio e sou muito ciumenta. Tive 2 namorados, sendo que o último faleceu 2 meses antes de efetuarmos o nosso casamento - Estrella Triste (ESTRELLA TRISTE, 1917).

Estrella Triste não apenas detalhou sua aparência física, como também forneceu informações sobre sua estrutura familiar, a quantidade de namorado que teve e grau de instrução. Já Selenita (1917), além de compartilhar suas características físicas, se mostrava mais exigente na procura de um esposo. Selenita priorizava aspectos sociais e profissionais, informações que seriam, de acordo com ela, minuciosamente investigadas.

Desejo encontrar para um esposo um engenheiro. Tenho 22 anos, sou clara e tenho os cabelos pretos. Só aceitarei para esposo um homem que esteja bem colocado. Tomarei minuciosas informações a seu respeito. Quem não estiver em condições não se apresente. Selenita (SELENITA, 1917).

A seção Os Que Querem Se Casar revela uma abordagem quase mercantil das relações matrimoniais veiculadas pela *Futuro das Moças*, em que as expectativas e requisitos eram expressos de maneira franca e detalhada, pelos homens e pelas mulheres. Esse cenário nos oferece um vislumbre das expectativas associadas ao casamento por parte dos leitores da revista.

Mas, como escreveu Ana Luiza Martins (2003, p.67), as revistas voltadas para ao público feminino, entre o final do século XIX e primeiras décadas dos Novecentos, “contribuíram tanto para o investimento na alfabetização, a inicial profissionalização da mulher e a ressonância dos movimentos sufragistas e feministas internacionais”.

A *Futuro das Moças* não fugiu à regra e, se é possível considerar suas diferentes colunas um estímulo para a leitura, a revista também publicou ensinamentos de matemática e gramática na coluna Páginas Uteis e Instructivas e a seção Perfis de Normalistas que, independentemente do conteúdo publicado, divulgava, e assim incentivava a educação formal de jovens que depois exerceriam uma atividade social considerada louvável para as mulheres, o magistério primário.

Quanto a questão do voto feminino³³, foi mais de uma vez condenado na *Futuro das Moças* com o argumento que era potencial desencadeador de mudanças perniciosas nos lares, pois à medida que as mulheres buscassem cumprir deveres cívicos seriam tentadas a ampliar sua participação política, o que resultaria em prejuízo para sua função social por excelência, a de esposa e mãe³⁴.

Um temor que reeditou argumentos médico-biológicos publicados por Salomão Cruz que, entre outras paixões e sentimentos, atualizou as palavras de Paul Belouino sobre a curiosidade, paixão que conduziria as mulheres para o meio de revoluções e agitações populares (CRUZ, 1917b). Mas, além das palavras editadas na coluna As Paixões e os Sentimentos na Mulher, o que deve ter alertado redatores e colaboradores da revista, foi a mobilização de um crescente número de jovens e senhoras naquele período. Mulheres que, sob a liderança Leolinda Figueiredo Daltro (1859-1935), invadiam espaços exclusivamente masculinos e compareciam às solenidades cívicas que aconteciam no Rio de Janeiro para dar visibilidade a causa do voto feminino e denunciar injustiças sociais (KARAWEJCZYK, 2014).

Devido a tais práticas, o grupo brasileiro foi comparado às sufragistas inglesas que, nos primeiros anos do século XX, se tornariam famosas tanto por suas passeatas quanto pela destruição de fachadas de lojas. Daltro foi muitas vezes chamada de a *Mrs Pankhurst brasileira*, uma referência à líder daquele movimento inglês, Emmeline Pankhurst (KARAWEJCZYK, 2014).

Foi nesse contexto que, na edição de 30 de janeiro de 1918, a *Futuro das Moças* publicou um pequeno texto que traduzia de maneira caricatural uma sufragista, cujo lar primava pela falta de harmonia. As palavras finais evidenciam a comparação entre as brasileiras que ativamente defendiam o voto feminino e as inglesas:

³³ O sufrágio universal foi estabelecido na França em 1848, quando deixou de existir o voto censitário e os seres humanos do sexo masculino torna-se politicamente iguais. Tal mudança, como escreveu Mônica Karawejczyk (2014, p.69), “fez com que emergisse uma visibilidade sem precedentes até então entre a separação política entre homens e mulheres. (...) Somente a partir dessa época se começou a pensar a situação política das mulheres como uma exclusão; até então, elas haviam sido situadas, de preferência, em uma exterioridade”.

³⁴ O tema divórcio, que mobilizou discussões de feministas, foi abordado no Capítulo I.

Mlle. X. é sufragista, e daquelas que não tem medo de fazer violências. Dizem os seus vizinhos, que o marido de Mme. quase que enlouquece com suas zangas, e as suas contínuas cenas. Toda noite “há briga” que “obriga” o pobre esposo a procurar “abrigo” no banheiro, onde corre o risco de apanhar um resfriado. Também quem mandou casar com uma mulher brasileira, mas que tem alma “made in England”? (K. PÊTA, 1918).

O alerta sobre o perigo de casar com uma mulher sufragista era dirigido aos homens, mas deve ter impactado várias leitoras da revista que pretendiam ter um casamento feliz.

Entretanto, na *Futuro das Moças* existiam algumas vozes que defendiam o voto feminino, como a de Adaleta Roma que, no dia 1º de agosto de 1917, publicou na coluna *Chronica* uma réplica aos argumentos apresentados naquele mesmo espaço da revista contra o direito das mulheres votarem. A cronista começava afirmando:

É lastimável que um jovem, pois a crônica de que falo só poderia sair de um cérebro moço, veja o problema social que encerra o voto feminino com uma miopia tão acentuada... (...) Dar as mulheres a ingerência mais direta nos negócios públicos não traria como se ter propalado a revolução aos lares (ROMA, 1917).

E, depois de perguntar se mulheres casadas não poderiam ser como os “maridos fidelíssimos cumpridores dos deveres cívicos” que eram esposos e pais devotados e carinhos, Adaleta Roma continuava:

Não nos faltam [...] os requisitos necessários para enfeixarmos as funções públicas que, pouco a pouco, vamos conquistando no muito amado Brasil. É desnecessário olharmos para a Rússia revolucionária, entregando a pasta de Assuntos Sociais a uma mulher, para os Estados Unidos conservando em seu Parlamento uma mulher, mas vejamos a grande instituição de classe que é entre nós a Associação Comercial que elegeu para a sua diretoria DUAS MULHERES!³⁵ (...)

³⁵ Não cabe aqui nos debruçarmos sobre essas mulheres que fizeram parte da diretoria da Associação Comercial do Rio de Janeiro. Entretanto, ficam os seguintes questionamentos: quem eram elas, qual os seus papéis para a história da ACRJ e que setores representavam?

E nem se diga que a mulher brasileira não está educada para o direito ao voto. Nesse caso que ele seja concedido sob condições. E gerações vindouras prepararão melhor o espírito das minhas patrícias [...]. Negando o voto feminino façam-no sob outros fundamentos que não esses! (ROMA, 1917, grifo no original).

No número seguinte da revista, Salomão Cruz escreveu sobre o voto feminino na coluna Chronica. No seu texto Cruz (1917p) destacou a controvérsia sobre o assunto e apresentou os argumentos que eram utilizados pelos defensores e opositores do direito da mulher ao voto, um debate que julgava importante. Os partidários do voto feminino foram apresentados como aqueles que defendiam a participação da mulher na política, citando como exemplo, tal como fez Adaleta Roma (1917), da entrega de um Ministério à uma mulher pelo governo russo. Por outro lado, opositores do voto feminino argumentariam que as mulheres deveriam se restringir a ações relacionadas diretamente à maternidade e os cuidados com o lar.

Ao tecer seus argumentos Salomão Cruz, talvez aproveitando o que Adaleta Roma tinha escrito na semana anterior, sentenciou:

Antes de discutir-se as vantagens e as desvantagens que advirão do voto feminino no nosso país, deve-se perguntar, ou melhor, responder à pergunta que se antepõe logo ante os nossos olhos: Estará, acaso, a mulher brasileira, apta, educada suficientemente para receber o voto feminino e cumpri-lo verdadeiramente? (CRUZ, 1917p).

Dessa forma, o jovem estudante de medicina, sem explicitar sua posição, sinalizava o impedimento para o voto feminino: a falta de educação, e esta deveria ser uma educação adequada para as ações político-administrativas. Considerando o que Salomão Cruz publicou ao longo dos meses, na coluna As Paixões e os Sentimentos na Mulher, esse tipo de educação que implicava habilidades argumentativas, matemáticas e raciocínio ágil era incompatível com a natureza feminina, desta forma sua posição sobre o voto feminino poderia ser facilmente deduzida por leitoras e leitores da revista.

A coluna Chronica, quase um editorial da *Futuro das Moças*, editada sempre na mesma página na qual estava o expediente da revista, era assinada por homens e mulheres, leitora(re)s colaboradora(re)s ou redatores do periódico. Assim, algumas semanas depois do texto de Cruz, um leitor colaborador, João Quinto (1917), utilizou esse espaço para discorrer sobre a mulher e a política, algo que, segundo o próprio

autor, causaria estranheza em algumas leitoras, algo compreensível para ele, por ser uma crônica sobre política e ser editada em uma revista voltada para assuntos femininos, mas perguntava:

E por que não? Se há no país o momento em que o espírito inteligente e prescriptor da mulher se sente na necessidade de auscultar a psicologia e a moral de um povo, é precisamente nessa hora e em nossa pátria. Desiludidos da maioria absoluta de nossos homens públicos, desanimados ante o abastardamento de caráter e a dissolução dos costumes políticos na vida nacional, só nos resta confiar, firmemente, como quem olha confiante para a distância pontuada pelo último marco milenário do caminho, na geração d'amanhã! (JOÃO QUINTO, 1916).

A justificativa dada por João Quinto era a necessidade da reflexão sobre os rumos da sociedade e da participação das mulheres nesse processo. Nesse viés, a mulher foi apresentada como a figura central para a renovação e reabilitação do caráter nacional, por sua influência no ambiente doméstico e na formação educacional e moral das gerações futuras.

Percepção diferente da relação mulher/sociedade foi apresentada por De Castro e Souza em um artigo escrito dia 5 de setembro (SOUZA, 1917), no qual o autor não apenas defendeu o voto feminino, contestando as críticas do doutor Eduardo França³⁶ que rotulava a ideia como frívola, como manifestou apoio à discussão sobre o voto feminino que acontecia na Câmara dos Deputados do Congresso nacional, a partir de projeto apresentado por Mauricio de Lacerda³⁷. Segundo De Castro e Souza, a pretensão de alterar dispositivo da Constituição nacional era “necessária e compatível com o século (...), justíssima mesmo, nada mais sendo do que uma parcela dessa grande dívida que contraímos com a mulher”. A proposta não obteve o apoio necessário.

Mas, pela visibilidade que estavam ganhando as mulheres que militavam pelo voto feminino nos últimos números da revista *Futuro das Moças*, em janeiro e fevereiro de 1918 foi usado o pseudônimo Suffragista para assinar a coluna Coisas e Causas.

³⁶ Eduardo França (1863-1929) foi médico, homem de letras e fabricante e exportador de remédios industriais (SANT'ANNA; HERNANDES, 2017).

³⁷ Em 1917 o deputado federal e advogado Maurício de Lacerda (1888-1959) apresentou projeto para a instituição do sufrágio feminino no Brasil. Lacerda argumentava que a mulher já havia demonstrado sua competência em todas as atividades, equiparando-se eficientemente aos homens, invalidando assim o argumento de incapacidade do sexo feminino (KARAWAJCZYK, 2014).

Em seus textos a Suffragista não poupou aqueles que, de maneira pouco refletida tentavam criticar o comportamento da juventude. A autora da coluna rebatia considerações de um senhor, identificado como XX, que, publicadas em jornal do Rio de Janeiro, pretendia realizar uma cruzada contra os supostos maus costumes da atual mocidade carioca, esquecendo de considerar a maneira de ser do brasileiro (sua forma de expressar afeto, sua música e dança), concluindo que comparações entre brasileiros e franceses ou ingleses era improdutora, próprias de alguém que tinha vivido anos fora do Brasil e, além disso, esquecido como era ser jovem (SUFFRAGISTA, 1918a).

Nessa mesma vertente, abordando uma festa nacional como atitudes permeadas por hipocrisias, Suffragista escreveu sobre o carnaval que muitos religiosos e moralistas criticavam, mas que era efetivamente combatido por aqueles que chamava de “verdadeiros carnavalescos”, homens de cabelos brancos e endinheirados, “para quem a máscara é um culto perene e não um efêmero adereço de três dias (...) homens sérios, durante toda a vida, disfarçadores (sic) dos próprios vícios e fraquezas”. Senhores que trancavam as portas de suas casas para evitar a festa, temendo pelo que poderia acontecer com suas filhas, não admitindo que o desgoverno e algumas transgressões do carnaval, poderiam ser uma experiência alegre que não comprometeria suas vidas cotidianas, mesmo que fosse preciso, muitas vezes, sufocar o que gostariam de dizer e ser (SUFFRAGISTA, 1918d).

Mas Suffragista não limitou suas considerações a abordagens de aspectos socioculturais, que evidenciavam a vida dos jovens e as descabidas e desatualizadas posturas dos mais velhos. Na coluna Coisas e Causas publicada em 30 de janeiro de 1918, a discussão foi pautada no caso da morte de uma esposa pelo marido traído. A mulher admitiu a culpa e foi baleada, pouco antes de morrer, pediu que, para o bem da filha deles, o marido poupasse sua honra e afirmasse que o tiro fatal tinha sido um acidente, assim evitando o processo judicial. Inútil, o homem confessou o crime e o julgamento, com depoimentos que devastaram a honra da esposa e justificaram o ato do marido, terminou com a liberdade do mesmo, embasada pela tese da “absoluta privação de sentidos e de inteligência”. Suffragista, indignada com o resultado do julgamento foi ler o Código Penal Brasileiro, que encontrou “na biblioteca do irmão”³⁸,

³⁸ Em mais de um dos artigos assinados por Suffragista, existem frases que sinalizam que uma mulher usava o pseudônimo, entretanto, não é descabido supor que fosse um homem.

sobre tal embasamento legal e o que encontrou foi apenas, no artigo 279: “A mulher casada que cometer adultério será punida com a pena de prisão celular por um a três anos”. Concluindo o artigo, afirmou que os senhores que alardeavam manter a ordem social desconheciam ou não cumpriam a lei brasileira (SUFFRAGISTA, 1918c).

Na semana anterior, do dia 23 de janeiro de 1918, Suffragista tinha abordado outro tema legal, mas desta vez um que remetia diretamente ao seu pseudônimo: a luta pelo voto feminino (SUFFRAGISTA, 1918b). Foi nesse período que o Parlamento britânico votou favoravelmente uma nova legislação eleitoral, que incluiu o direito ao voto para mulheres maiores de 30 anos de idade, o *Representation of the People Act* que recebeu aprovado do rei (*royal assent*) em 6 de fevereiro de 1918 (DAY, 2018).

Mas, para espanto de muita(o)s, Suffragista não demonstrou alegria pelos votos favoráveis dos parlamentares. Nomeava as sufragistas inglesas, sob a liderança de Emmeline Pankhurst de “terceiro sexo”, ou seja, mulheres que por suas atitudes pareciam, ou pretendiam ser, homens. Além de criticá-las pela forma violenta, pouco civilizada, de agir também criticou a omissão nos esforços de guerra (não teriam saído de Londres, enquanto “damas aristocráticas” rumavam para a frente de batalha). Suffragista atribuíu a aprovação do direito das mulheres votarem à falta de homens jovens, esclarecidos e destemidos no Parlamento britânico, pois estes estavam lutando naqueles tempos de guerra; a colunista afirmou: “a Câmara dos Comuns e a dos Lords [está] composta de velhos e descarnados políticos”. Expressando sua opinião sobre o voto feminino conseguido a partir de uma campanha permeada por atos de violência, sentenciou: “[as sufragistas inglesas] incapazes de dominar, pelo amor, o homem, exercendo, assim, a ação indireta de sua vontade no meio social, só por si mesmas, diretamente, o podem fazer. A essas a lei aproveita. Porque jamais me convencerei de que haja homens que se casem com sufragistas combatentes. Se os houver eu os lamento”.

Seria a colunista da *Futuro das Moças* contra a forma de ação radical pela conquista do voto pela mulher, mas a favor do voto feminino? Seu pseudônimo parecia indicar que sim, mas suas palavras finais apontavam para um tipo de conjugação homem-mulher que prescindia de tal direito civil para as mulheres. Certo é que na coluna Coisas e Causas o tema não foi retomado.

Dos pequenos textos enviados para a Secção de Felicidade às palavras da Suffragista, apesar de nuances, a existência mulher foi pautada na revista pela forma

adequada de exercício de sua função natural, algo que parecia inelutável, mas que poderia ou não resultar em uma vida feliz.

Em 4 de julho de 1917, tal percepção foi exemplificada através de dois sonetos editados na *Futuro das Moças* os quais, a partir de considerações opostas reforçaram a mesma tese, a da predestinação feminina. No soneto Pessimismo, de Alice de Almeida, essa percepção resultava em repulsa pelo triste destino. O poema apresentava previamente a frase, de autoria não indicada: “Ai! antes pedra ser, inseto, verme ou planta. Do que existir tomando a forma de mulher”. O soneto afirmava:

Ser mulher... ter no peito o coração aberto
Ao gume da injustiça, à humilhação exposto;
Trazer no desalento amortalhado o rosto,
Na ânsia de querer seguir o trilho certo...

Lutar contra o destino, e à sombra do desgosto
Tombar esmorecida; o coração incerto
No surto aos ideais retroceder, deserto
De sonhos e ilusões, na desventura posto!

Ser mulher, pelejar em Tão contra a desdita,
Rolar na indiferença abandonada, aflita,
Sem ter um coração que lhe resgate à morte!...

Ser mulher, oh desgraça!... inominável sorte!
Ser mulher, ter na fronte o estigma da mágoa,

Viver a gargalhar... com os olhos rasos d'água (ALMEIDA, 1917b)

Alice de Almeida era colaboradora regular da revista, assinava a seção Instruir Deleitando, na qual explanava sobre mitologia, e no poema suas palavras evidenciam algo que, com diferentes nuances, estava presente em textos que pontuavam pela revista, por exemplo, os das seções Carnet de Moça e Reportagens Avulsas.

Logo abaixo de Pessimismo foi publicado o Optimismo, cujo autor, Flavio Goutrand, declarava ser “um poeta aposentado”.

Ser mulher é trazer o coração aberto
A maior afeição, é tê-lo sempre exposto
Ao amor, ao carinho, e resplendente o rosto,
Na vida caminhar buscando o trilho certo...

Ser mulher é não ter nem sombra de desgosto,
O homem dominar... Se o coração incerto
Quer firmar seu poder não encontra deserto
O humano coração às suas ordens posto...

Ser mulher, imperar, não sofrendo a desdita,
Ver súplice a seus pés, a mendigar aflita
A alma juvenil pedindo amor ou morte;

Ser mulher, que ventura! o acúmulo da sorte!
Ser mulher, ser feliz, não reconhecer a mágoa
E mostrar de prazer os olhos rasos d'água! (Goutrand, 1917)

A publicação conjunta motiva questionamentos, principalmente porque Flavio Goutrand escreveu antes do primeiro verso: “Inspirado no soneto “Pessimismo” de Alice de Almeida”. Desta forma, o soneto de Goutrand (seria pseudônimo de um membro da redação?) foi uma resposta, um contraponto, ao poema de Almeida, o que indica leitura anterior ao da publicação na *Futuro das Moças*.

Entretanto, o mais interessante é a forma estratégica com que foram publicados os dois sonetos, na mesma seção, um depois do outro. Para quem realiza a leitura de ambos, a corroboração da tese da natureza feminina se evidencia, mas as diferentes formas de vivenciar esta natureza, como expressavam os poemas, poderiam resultar em uma vida triste ou feliz. Desta forma, para a felicidade, era preciso que a mulher investisse nos aspectos positivos de sua natureza, como aqueles destacados por Goutrand: amor, carinho, afeição, com os quais conquistaria um homem e, sob sua tutela, muito mais.

CAPÍTULO III

EDUCAÇÃO FEMININA: TRABALHO DE MULHER

3.1 IDEAIS DE FEMINILIDADE: EDUCAÇÃO, OCUPAÇÕES E DESAFIOS SOCIAIS

A preocupação com a fraqueza e a delicadeza das mulheres é transformada e reforçada nas primeiras décadas do século XX, constituindo o comportamento feminino como resultado das impressões externas que as levariam a demonstrarem seus traços morais. A representação (CHARTIER, 1991) de mulher que circulou através da *Futuro das Moças* é a de um ser que não conseguia controlar seus impulsos, o que resultou na apresentação da tese da necessidade de uma boa educação, algo fundamental, pois era das ações e posições cotidianas da mulher que, em grande medida, dependia o futuro da sociedade.

A ideia veiculada na revista era que ao educar as mulheres, formar-se-iam mães e educadoras que seriam capazes de transmitir valores e conhecimentos básicos aos filhos, assim era preciso prepará-las para desempenhar papéis sociais específicos. As formações eram em atividades consideradas femininas como a costura, o bordado e a culinária, mas também nas escolas para a formação de professoras e em algumas para a formação profissional ou superior, geralmente naqueles cursos considerados “femininos” como enfermagem ou economia doméstica (ALMEIDA, 2020). Entretanto, mesmo esse acesso era restrito e dependia de fatores como a condição social das mulheres.

Há nos artigos *As Paixões e os Sentimentos na Mulher*, organizados por Salomão Cruz, uma divisão: a razão seria predominantemente masculina e a mulher seria movida pelo coração, e por isso elas não se debruçariam em assuntos que eram de domínio do homem. Além disso, de acordo com o artigo assinado por Cruz (1917s) o trabalho em atividades que não eram as do lar, ou derivadas destas, exigiam certo grau de esforço físico, portanto eram naturalmente destinadas aos homens, pois o organismo masculino, diferente do feminino, seria mais forte e apto para a fadiga, além de seus membros serem mais robustos, tanto que necessitariam sempre de exercícios.

Mas, no Brasil do início dos Novecentos eram muitas as mulheres das cidades que trabalhavam como doceiras, bordadeiras, costureiras, floristas, engomadeiras, lavadeiras, empregadas domésticas, e também professoras, parteiras, enfermeiras. Era também crescente o número de jovens empregadas em fábricas e oficinas cujo número aumentava notadamente no Rio de Janeiro e São Paulo (SOARES; MELO; BANDEIRA, 2014; SOIHET, 2012).

De acordo com o artigo sobre a paixão preguiça da coleção *As Paixões e os Sentimentos na Mulher*, algumas dessas áreas eram consideradas ideais para o organismo feminino, pois seriam adequadas à sua natureza, já outras, como as nas fábricas, poderiam arruinar física, e até a moralmente, as mulheres.

O artigo coteja o comportamento de mulheres de dois segmentos da sociedade, o das mulheres da “alta camada” e o das “camadas populares”, e diferencia não só o status social como as ocupações que exerciam no final da primeira década do século XX.

Ao caracterizar os comportamentos que seriam das mulheres da alta camada da sociedade, o texto faz circular a representação (CHARTIER, 1991) dessas jovens e senhoras como ociosas, o que as tornariam mais suscetíveis a serem dominadas pela paixão preguiça. A ociosidade, entretanto, não era o único fator que as levariam à preguiça, a vaidade de ter seus desejos satisfeitos, com novos vestidos, joias e elaborados penteados, e assim ser “a” mais bela, também concorreria para um cotidiano de preguiça (CRUZ, 1917s).

Recostadas no sofá por longos períodos do dia, elas receberiam recados e saberiam de tudo, trocando informações com outras mulheres que também frequentavam os elegantes salões, os bailes e os espetáculos e concertos onde desfilavam seus belos vestidos e joias. Isso que seria para elas viver, pois “é isso que se denomina gozar e desfrutar a fortuna e uma brilhante posição” que as privilegiariam de não precisar trabalhar (CRUZ, 1917s).

Sobre as mulheres das “camadas populares”, o artigo sobre a preguiça apresenta duas visões: a primeira era a que, diferentes das mulheres das camadas com mais prestígio social, era imperioso que as mulheres pobres não fossem dominadas pela paixão preguiça, pois teriam que trabalhar devido a necessidade financeira. A segunda era que, mesmo merecendo a admiração de Cruz (1917s), as mulheres que trabalhavam em fábricas e no comércio eram vistas como vítimas de uma fatalidade, pois esse tipo de trabalho arruinaria sua beleza física, além de prejudicar o exercício integral de seu importante papel de mãe e dona de casa. Saber equilibrar as duas funções, dentro e fora do lar, seria o fundamental para não correrem o risco de degenerar a própria espécie. Preocupação de Paul Belouino no século XIX, a tese da degeneração vinha ao encontro das apreensões de Salomão Cruz que, décadas depois, vivia em um tempo de difusão de teses eugênicas que sinalizavam para os riscos da corrupção da raça (STEPAN, 2004).

Nas palavras publicadas por Cruz (1917s), a atuação profissional feminina seria potencialmente desastrosa, porque tornaria as mulheres “brutas” moralmente e destruidoras da “beleza da espécie”, e a fábrica era, entre todos os espaços de trabalho, aquele no qual isso era mais provável. O contato cotidiano com homens de várias idades e costumes variados, as longas jornadas de trabalho em locais insalubres, as condições precárias de alimentação e a impossibilidade de dar a devida atenção aos filhos pequenos, eram algumas das desvantagens para o sexo feminino. Tese compartilhada à época por diferentes grupos sociais, inclusive membros da classe trabalhadora (BERTUCCI, 1997; RAGO, 2001; SOIHET, 1989).

Mas, no Rio de Janeiro, e outras localidades do país, eram várias as mulheres solteiras ou abandonadas por seus maridos ou companheiros que, mesmo discriminadas socialmente e enfrentando diversas dificuldades, tomavam suas próprias decisões e sustentavam seus filhos (SOIHET, 2012), subvertendo assim a ordem legal que fazia da mulher um ser dependente do homem (pai, irmão, maridos e, por vezes, filho) para a tomada de decisões.

No Código Civil brasileiro, que foi promulgado em 1916, um ano antes da *Futuro das Moças* começar a circular, a mulher casada era considerada incapaz e cabia ao homem administrar os bens comuns de ambos e, também, representar legalmente a esposa, que sem a autorização prévia do marido não poderia aceitar herança, contrair obrigações, litigar em juízo civil ou exercer profissão (BRASIL, 1916). Quanto à mulher solteira, esta estava sob a tutela do pai ou outro responsável. Dessa forma, caberia ao homem decidir se a mulher poderia trabalhar e em quais atividades.

Apenas no caso de grande necessidade financeira ou de uma emergência, ou seja, na falta de uma figura masculina que por ela se responsabilizasse, é que a mulher deveria trabalhar, e o ideal era que esse trabalho estivesse alinhado com seus deveres domésticos e/ou maternos, ou seja, com as aptidões do organismo feminino e com as fraquezas deste sexo (CRUZ, 1917s). Uma das causas que justificavam que a mulher trabalhasse fora de casa seria o sustento dos filhos, então, desde que bem orientadas elas fariam a diferença sem perder todos os requisitos da graça feminina (CRUZ, 1917s). Nesse contexto, a ocupação mais valorizada para a mulher era o magistério primário, entendido como uma missão, quase uma extensão da maternidade, que poderia ser exercido em tempo parcial (ALMEIDA, 1998).

Editada na capital federal em período marcado pela Guerra Mundial cujos impactos ecoavam no Brasil, os textos de Cruz e outros artigos da *Futuro das Moças*

focavam nos perigos do trabalho feminino no setor fabril, que tinha crescido no país nas últimas décadas. Entre as fábricas e oficinas, as tecelagens e similares eram as que mais empregavam mulheres, em virtude das características do trabalho, consideradas como práticas femininas por ter menor exigência física e qualificação (PAOLI, 1987).

De acordo com Goldmacher (2009), no final do século XIX havia no Rio de Janeiro 14 fábricas de tecido, com pouco mais de cinco mil operários. O setor fabril, que somava tecidos de lã, malha, algodão, rendas e aniagens, no ano de 1907 passou a ter 22 fábricas com mais de oito mil operários, segundo o recenseamento do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio de 1920.

As mulheres ocupavam cargos de menor remuneração e prestígio, como costureiras e tecelãs, enquanto os cargos de supervisão e gerência eram predominantemente masculinos (PAOLI, 1987). Quando homens e mulheres exerciam a mesma função, era com pagamentos de diárias diferentes. Citado por Goldmacher (2009), o relatório elaborado pelo Sindicato dos Trabalhadores em Fábricas de Tecidos do Rio de Janeiro, que foi enviado ao Segundo Congresso Operário Brasileiro de 1913, especificava a diferença entre os valores das diárias recebidas por mulheres e por homens no ramo da indústria têxtil do Rio de Janeiro. Enquanto os homens que atuavam na aniagem receberiam a diária de 3\$000, as mulheres receberiam 2\$000; a diferença acontecia também no linho e algodão, 4\$000 para os homens e 2\$500 para as mulheres; lã 3\$000 para os homens e 2\$500 para as mulheres. Somente na tecelagem o pagamento era igual para homens e mulheres. Situação semelhante quanto a diferença salarial também podia ser observada em São Paulo no mesmo período (MOURA, 1982).

Mas, a diferença salarial não foi prioridade na *Futuro das Moças* quando o tema era o trabalho feminino fora de casa. Em mais de um texto, as atividades em fábricas ou oficinas de costura eram desaconselhadas, porque contrariavam a natureza feminina e poderiam ter um impacto negativo na beleza feminina. Sobre o tema, Salomão Cruz (1917s) exemplificou afirmando que as mulheres árabes apresentavam aparência mais envelhecida que as judias, e ambas eram do mesmo grupo racial e viviam em regiões muito semelhantes, portanto era a fadiga do trabalho das primeiras que motivava a aparência precocemente envelhecida. Concluindo que a incompatibilidade do corpo feminino com trabalho, que se daria pelo impacto que

determinadas funções exerceriam em seu corpo, iria além do aspecto exterior, pois prejudicaria a saúde da mulher.

Editado em São Paulo, em número da *Revista Feminina* de 1920, o artigo O Trabalho Feminino no Rio trazia trechos de um memorial feito pela “classe das costureiras” do Rio de Janeiro, que tinha sido encaminhado ao prefeito Carlos Sampaio. O memorial expunha a situação do trabalho do grupo e pedia providências administrativas. De acordo com as costureiras cariocas, as mulheres que trabalhavam nas fábricas e oficinas de costuras entravam sadias e fortes e “dentro de pouco tempo [estavam] depauperadas, fracas, anêmicas, desanimadas e vencidas” (O TRABALHO, 1920). O texto era enfático:

E, apelando para o vosso valioso concurso, na obra de defesa e amparo a milhares e milhares de moças operárias e costureiras e sobretudo que os nossos patrões cumpram as leis municipais não nos fazendo trabalhar depois da hora regimental em constantes serões, a vós nos dirigimos pedindo o vosso valioso concurso a fim de serem abolidos, desde já, que os fiscais da prefeitura consentem que funcionem até alta noite os “ateliês” com flagrante violação das leis municipais e que tanto prejuízo nos causa (O TRABALHO, 1920).

Segundo comentário da revista paulista, as mulheres não tinham direito de reclamar porque no país não tinham nenhum direito, como elas bem sabiam (O TRABALHO, 1920). Caso isso fosse exato, talvez as costureiras do Rio de Janeiro estivessem apresentando suas reivindicações porque sabiam que deveriam ter direitos como trabalhadoras. É preciso lembrar que desde os primeiros anos do século XX, a luta de militantes operários pela regulamentação do horário de trabalho, da idade mínima do trabalhador, e pela melhoria das condições de trabalho fabril, que era realizado em espaços sem higiene e pouco ventilados, reverberavam na sociedade brasileira ganhando as páginas da imprensa, notadamente em períodos como os da greve de julho de 1917 (GOLDMARCHER, 2009).

A iniciativa das costureiras cariocas era exemplo de atitude feminina que destoava do perfil expresso na *Futuro das Moças*, e não exatamente porque eram jovens e senhoras que trabalhavam fora do espaço doméstico, afinal, atividade de costura estava no rol daquelas consideradas aceitáveis quando as dificuldades econômicas assim demandassem, mas porque sinalizava uma ação sociopolítica particularmente assustadora para aqueles que entendiam como próprias do universo

feminino o recato, a fragilidade e a submissão, características ligadas a imagem perfeita de esposa e mãe que circulava na revista em sua empreitada educativa.

Um dos textos que apresentou essa mulher ideal foi o Sonhando, assinado por alguém com o pseudônimo de Bohemio. O sonho se passava em um jardim caracterizado como de uma beleza incomparável:

a tarde começava a cair; as árvores curvavam-se ao sopro de um vento fresco e puro; mil pássaros chilreavam por baixo das folhas verdes; uma harmonia suave e doce embalava melancolicamente o meu coração. De repente me pareceu que as folhas se agitavam em torno de mim (BOHEMIO, 1917).

A descrição bucólica é utilizada para caracterizar a pureza da mulher dos sonhos de Bohemio. Essa pureza não está só na descrição do jardim, mas também na descrição física da mulher: “Nada havia mais correto e mais puro do que oval do seu rosto moreno. Os seus cabelos pretos, caíam-lhe em fartos anéis, de cada lado das suas faces, e os seus olhos de um azul melancólico e meigo, tinham às vezes, vivos e ardentes clarões” (BOHEMIO, 1917). A mulher é retratada como um ser inocente e fascinante, com os cabelos como signos da sua feminilidade, moldando o rosto da mulher dos sonhos, que tinha olhos azuis descritos de uma forma quase angelical, mas com lampejos vibrantes. A melancolia, algo exaltado pelos textos do romantismo (MOISES, 2013), era própria tanto de Bohemio quanto da bela jovem; algo que os unia.

A mulher dos sonhos é nomeada ao(a) leitor(a), e ela se apresenta: “Chamo-me Nair, fui escolhida por Deus para ser vossa esposa. Eu escutava essa voz doce e pura” (BOHEMIO, 1917). Há a ideia de comedimento nos gestos, nos olhares e na fisionomia da jovem que ligam esta imagem de mulher, retratada por Bohemio, não só a delicadeza e a fragilidade, mas a submissão: um ser enviado do céu para ser a sua esposa. E Bohemio (1917) continua: “Não podendo pronunciar uma só palavra, enlace-a nos meus braços. Neste momento me acordei. Triste decepção! Tinha abraçado o travesseiro”.

Nair existia? Talvez sim, e com tal descrição, que exaltava os traços de uma mulher perfeita, a jovem real poderia ficar sensibilizada e procurar conhecer Bohemio; importante assinalar que, ao longo das edições da *Futuro da Moça*, em seções como Postaes e Sonetos, as juras de amor e os relatos de decepções eram recorrentes. Mas talvez as palavras de Bohemio indicassem que, para ele, a mulher/esposa

desejada só poderia existir no mundo dos sonhos. Certo é que o despertar lhe trouxe decepção, continuava sozinho.

Outro artigo no qual a forma de diálogo volta a aparecer, é a resposta de Eurydice Kallut às considerações feitas por Mlle. H.R.. Com o título Prelúdios do Coração Ser Mulher e Saber Ser, o artigo não refutava as ideias de um texto previamente publicado na revista, como tampouco era a tradução de uma conversa onírica, mas foi escrito para contestar o que a autora tinha escutado de Mlle. H.E.: a jovem havia afirmado que “ser mulher era uma desgraça” (KALLUT, 1917).

Para Eurydice Kallut, de maneira oposta, ser mulher era receber dos céus a mais nobre das missões, a maternidade. Kallut afirmava que a mulher era a efetiva educadora da humanidade e, com considerações que pareciam calcadas nas palavras da coluna As Paixões e os Sentimentos da Mulher (CRUZ, 1917b; CRUZ, 1917k), alertava sobre a importância da senhora virtuosa dar exemplo sobre o cuidado com os filhos e a manutenção da casa, principalmente à sua filha, uma futura mãe-educadora. Nesse sentido, a mulher/mãe tinha que ser o espelho para a filha, que respeitando seus pais, “saberá honrar o nome do esposo, e ensinar aos filhos o caminho da virtude” (KALLUT, 1917). Indicando apreensão com as jovens cuja única preocupação era a moda, bailes e festas e, portanto, frivolidades sociais, Eurydice Kallut terminava o artigo chamando a atenção para os perigos que ameaçavam as senhoritas que, por destemor, se lançavam em atividades fora daquelas próprias para sua natureza.

Quanto a Mlle H.R., ela aparentemente não respondeu às considerações de Kallut. Mas, a partir das palavras escritas por Eurydice Kallut, é plausível supor que a “desgraça” para a senhorita H.R. era a mulher não poder ampliar suas atividades e participação na sociedade, algo que ia muito além de meras frivolidades e não significava necessariamente abdicar da maternidade.

Um tema que cada vez mais impactava mulheres e homens no Brasil dos anos 1910-1920 (LOURO, 2001), as possibilidades e limites para atuação feminina na sociedade do século XX mobilizou desde homens preocupados com o futuro das moças e, assim, das futuras mães, como o jovem Salomão Cruz, até senhoras contestadoras da ordem social, como a professora e escritora libertária Maria Lacerda de Moura (1887-1945) que, como Cruz, defendia a educação das mulheres, mas, ao contrário deste, pregava a ampla e diversa formação acadêmica feminina concomitante com a atuação social plena e igualitária entre homens e mulheres

(empregos, salários, etc.). Especialmente nos anos 1920, Moura escreveu folhetos, artigos de jornais e livros, rechaçando teses que apontavam inferioridade feminina, fosse de ordem física, emocional ou intelectual (LEITE, 2005).

Na *Futuro das Moças*, cujos redatores afirmavam a importância do desenvolvimento cultural e científico da mulher (REDACÇÃO, 1917), é possível identificar, ao longo dos números, a intenção de formar moralmente as jovens a partir de identificação das mudanças como ameaçadoras. Apesar do semanário publicar conteúdos sobre temas como voto feminino e uma maior participação das mulheres na sociedade, seja trabalhando ou em ações de caridade, as diretrizes da revista corroboravam, de maneira mais ou menos explícita, com a determinação do artigo 240 do Código Civil recém aprovado: a mulher é a “companheira, consorte e auxiliar nos encargos da família” (BRASIL, 1916).

Nesse contexto, nada mais lógico do que a *Futuro das Moças* atentar para a formação das professoras, mantendo entre as suas seções a coluna Perfis de Normalistas (importante lembrar que um dos maiores colaboradores da revista era o professor Mario da Veiga Cabral).

No período era percepção social corrente que as professoras deveriam ser exemplos de moralidade, visto que dividiam com os pais ou familiares, mesmo que em menor proporção, a responsabilidade pela formação da moral e caráter de seus alunos (LOURO, 2001). Na coluna Perfil de Normalistas do periódico carioca, assinada por Feiticeira, um misto de exposição e repreensão era recorrente, e conselhos eram emitidos para tentar corrigir ou reforçar comportamentos daquelas que seriam futuras professoras. Como afirmou Rocha (2019, p.58) “a mulher tomava o espaço público pela profissionalização da professora, que significava uma conquista diária e acompanhada por todos, inclusive pela imprensa feminina”.

Na coluna as jovens eram perfiladas pelas iniciais dos nomes, a idade e o ano que cursavam na Escola Normal. Os traços físicos também faziam parte desse perfil, que afirmava se a jovem em questão era alta ou baixa, gorda ou magra; rosto oval ou redondo; olhos claros ou escuros; cabelos curtos, longos, frisados, bastos e se eram escuros ou claros. No final dos anos de 1910 a moda da fisionomia era usada para conhecer o caráter por traços do rosto (DEL PRIORE, 2013) e os detalhes dados sobre os aspectos físicos das normalistas poderiam concorrer para reforçar a relação entre o físico e moral e assim também as reprimendas ou elogios realizados através da Perfis de Normalistas.

Considerando todos esses dados, era muito difícil que tais moças não fossem rapidamente identificadas por pessoas que tivessem o mínimo contato com elas, na própria escola ou em outros espaços. Assim, se ao ter seu comportamento evidenciado como indesejável a jovem não mudasse de atitude, a normalista poderia ser facilmente apontada como uma pessoa pouco séria que se desrespeitava e desrespeitava a sociedade na qual vivia. Nesse sentido, por vezes, era a forma ou intensidade de uma atitude que resultava na sua reprovação na Perfis de Normalistas, e uma dessas atitudes era o flerte³⁹.

Em 30 de maio de 1917, Feiticeira (1917b) escreveu que Mlle. I. F. do quarto ano da Escola Normal, dispensava os galanteios exagerados, mas flertava com os jovens ocultamente. Isso acontecia, segundo a autora da coluna, porque a normalista receava ser menos admirada se flertasse com vários abertamente. Feiticeira aconselhava que sossegasse pois, efetivamente, o resultado de suas ações poderia ser desastroso. No texto que tinha publicado sobre a paixão inveja cerca de um mês antes, Salomão Cruz (1917c) havia comparado os flertes femininos acintosos com uma enfermidade moral ou vício de conformação, que precisava ser combatido.

Considerando o que escreveu Houbre (2003, p.101), no seu estudo sobre o corpo e a sexualidade feminina nas primeiras décadas do século XX, o flerte naquele período era algo que poderia permitir às moças “um escrupuloso estudo de caráter, o aprendizado do sentimento amoroso, verdadeiro prelúdio de um casamento harmonioso”. Esse poderia até ser o caso de Mlle. I. F. se esta acatasse o conselho de Feiticeira e não multiplicasse a direção de seus olhares.

Dentre as leitoras e as colaboradoras da *Futuro das Moças* várias deveriam ser normalistas ou professoras. Entre as mulheres que mais editavam textos na revista estavam a professora Helena D. Nogueira, que tinha lecionado na Escola Benjamin Constant, no Rio de Janeiro, e publicado artigos na revista *Jornal das Moças*, onde também havia atuado Raul Waldeck (HELENA, 1916).

³⁹ A grande preocupação, não explicitada, era que a jovem estudante perdesse sua “honra”, ou seja, a virgindade. Segundo o Código Civil de 1916, um casamento poderia ser anulado pela constatação de que a esposa era uma mulher deflorada. Existia também a possibilidade de marido ou esposa, no prazo de até 10 dias, solicitar a anulação do matrimônio sob a alegação de “erro essencial sobre a pessoa do outro cônjuge” (BRASIL, 1916). As consequências sociais negativas de tal alegação e separação, eram bem maiores para as mulheres: reprovação familiar, desamparo financeiro, pequena probabilidade de novo casamento, etc.

Entre os textos de Nogueira editados na *Futuro das Moças* estão três séries de artigos na seção Páginas Uteis e Instructivas⁴⁰: os artigos de Portuguese – Estudo Prático de Grammatica de Acordo com o Programma da Escola Normal, nos quais eram realizadas descrições sistemáticas das regras da língua portuguesa, apresentando a gramática normativa do idioma, lições que tinham o objetivo explícito de instruir candidatas à normalistas (p.ex. NOGUEIRA, 1917c); os artigos intitulados Aulas de História do Brasil – Curso Complementar que, tal qual os de português indicavam um público-alvo (p.ex. NOGUEIRA, 1917c); os textos, editados lado a lado, denominados Aritmética e Apontamentos de Matemática, estes últimos com “problemas e exercícios para o curso médio e complementar” (p.ex. NOGUEIRA, 1917b)⁴¹

Considerando as publicações especializadas de Helena Nogueira é possível perceber não apenas a intenção instrutiva da revista, mas quais os níveis de instrução formal que a *Futuro da Moças* pretendia estimular nas jovens leitoras.

Se o magistério primário era a ocupação feminina socialmente mais aceita, era importante estimular, aprimorar, atividades que a mulher fazia, ou poderia fazer, em casa, tais como aquelas apresentadas por Mlle. Gaby na coluna Trabalhos Femininos. Essa coluna da *Futuro das Moças* apresentava instruções sobre bordado, pintura e cerâmica, com a discriminação dos materiais que seriam necessários e modelos para as leitoras seguirem, como no caso de um desenho em pirogravura na tábua (MODELO, 1917) ou os moldes para bordados em sandálias (Figura 8) (com partes de seda ou veludo), com indicação das cores, sobretons e detalhes complementares do trabalho (MLLE. GABY, 1917b).

⁴⁰ Helena Nogueira não assinou todos os textos, mas, considerando a coleção dos escritos, bem como informações esparsas que constam da própria seção, é verosímil a sua autoria das aulas de português e matemática que foram editadas na Páginas Uteis e Instructivas.

⁴¹ Sobre o ensino médio/secundário nas primeiras décadas do século XX, cf.: Souza (2008). O curso/escola complementar, para a formação rápida de professores primários, notadamente para o meio rural, veja: Tanuri (2000).

Figura 8: TRABALHOS FEMININOS PAGINAS DE MLLE. GABY - MODELO PARA SANDALHA



FONTE: *Futuro das Moças*, Rio de Janeiro, nº 8, 23 maio 1917.

Mlle. Gaby assinou também a coluna Os Menus de Mlle. Gaby e Alguns Conselhos Uteis, na qual ensinava como fazer frango recheado, couve flor com molho de tomate, creme de chocolate e papos de anjo, entre outros itens que compunham um menu completo de almoço ou jantar (p.ex. MLLE. GABY).

Frango recheado - modo de o preparar: depois de depenado o frango, abre-se embaixo, limpa-se bem por dentro e por fora. Deita-se o recheio entre a pele do frango. Endireita-se bem o frango e leva-se ao forno para assar, pondo sempre gordura em cima para não queimar. O recheio é feito do seguinte modo: Em uma caçarola deita-se três colheres de gordura, uma de manteiga, uma cebola de cabeça, cebola verde, salsa, manjerona tudo cortado miúdo; sal, alho, pimenta do reino e uma pimenta, os miúdos do frango cortado miudinho e azeitonas. Quando bem frito, deita-se farinha torrada até ficar em farofa. Depois rechea-se o frango.

[...] Papos de anjo - modo de o fazer: seis gemas bem batidas e quando estiverem altas põem-se nas formas e vão para o forno. Assim que subirem põem-se na calda que deve estar em ponto fraco (MLLE. GABY, 1917a).

Quanto aos conselhos úteis, ela ensinou, por exemplo, a tirar cera das roupas e como evitar os pés frios.

Modo de se tirar cera da roupa: Embebe-se a roupa em água de Colônia, isto é, só a parte que tiver a cera e esfrega-se vivamente entre os dedos. As manchas sendo recentes não exigem mais que uma boa ensaboada depois com algumas gotas de sal de azedas dissolvido na água, onde se mergulha a parte que tiver a cera. Se as manchas forem velhas é necessário empregar no lugar do sabão aguarrás com as gotas de sal de azedas.

Modo de evitar pés frios: Pela manhã mergulha-se os pés durante 3 ou 4 minutos em água fria que tenha ficado ao sereno, enxugando-os em uma toalha de feltro. Depois faz-se uma fricção com água de Colônia, envolvendo-os em papel de seda antes de calçarem as meias. No fim de certo tempo este tratamento garante cura (MLLE. GABY, 1917a).

Mas, mostrando na prática que muitas das atividades ensinadas poderiam significar também uma renda familiar complementar, Mlle. Gaby ofertava aulas de trabalhos com couro, bordados, pinturas a óleo, pirogravura, cerâmica, pintura mecânica e japonesa e, também, aceitava encomendas dos trabalhos que realizava com perfeição (MODELO, 1917). Tais atividades poderiam ser realizadas por mulheres nas próprias casas, permitindo que concilhassem suas responsabilidades familiares com um trabalho que era uma extensão do que faziam para seu próprio consumo e o de sua família.

Desta forma, na *Futuro das Moças*, a mulher bem educada seria aquela formada para o exercício pleno do que era considerado compatível com sua constituição biológica (mesmo que sempre ameaçada pelas paixões), e que, na concepção apresentada pelos responsáveis pela revista, estava distante de funções relacionadas à ciência ou política, mas que eram primordiais para o futuro do país: o cuidado com os filhos.

3.2 ANGELICAL E ATUANTE: A MULHER IDEAL

Na *Futuro das Moças*, o papel da mulher e sua atuação na sociedade eram, repetidamente, relacionados à representação de um ser puro e bondoso. A exemplo temos o texto *Chronica*, de Nelson Pereira de Souza (1917), publicado no nº 21 da revista: “a mulher é a síntese de todas as perfeições, as suas faculdades são ricas e variadas. Ela também tem o poder de sondar o que se passa desde o coração do homem até o coração dos astros”. O texto, com a pretensão de elogiar a mulher, atribuía a ela qualidades quase que místicas, pois a mulher teria a capacidade sensível e intuitiva de compreender tanto os sentimentos humanos como os mistérios do universo. O autor continua:

Na Avenida, nesta formosa artéria que possui tanta semelhança com os grandes e movimentados "boulevards" de Paris, no "footing" do Flamengo ou na encantadora praça Afonso Pena, vemos cheia de graça, como um bando de aves alegres, este anjo adorável, esta criatura sublime que se denomina "mulher" (SOUZA, 1917. Grifos do autor).

De acordo com a crônica de Souza (1917) a mulher da década de 1910 estava presente nos espaços públicos, como na “Avenida”, que certamente era a Rio Branco, símbolo de modernidade e progresso à época, considerada a principal artéria da Capital brasileira (DOURADO, 2005). A avenida, remodelada no início dos Novecentos, tornou-se o local onde uma jovem além de se inteirar sobre peças de teatro, recitais, filmes e moda, poderia encontrar amigas e conhecidos e, também, ver e ser vista. Como afirmou Souza (1917):

Vemo-la sempre naquele passinho elegante, com os lábios nacarados que mais parecem um botão de rosa entreaberto e com os olhos aveludados, muito brilhantes, a cada momento fazendo os corações do sexo forte pulsarem com mais violência, deixando-os submissos, em prolongados êxtases, esquecidos das ilusões contínuas desta vida tumultuária, para parecer gozar as delícias indestrutíveis das regiões do Sonho e do Belo.

Uma nova nuance compunha então a imagem de mulher, que além de pura e bondosa, era retratada também como um ser capaz de despertar emoções intensas nos homens, um poder de sedução, que poderia até resultar em casamento.

As qualidades e habilidades das mulheres anunciadas nas edições da *Futuro das Moças* quase se limitavam ao âmbito doméstico, inclusive mostrando a dona de casa como a primeira educadora dos filhos. Havia visões complementares à ideia de que a atuação da mulher deveria ser exclusivamente relacionada ao casamento e a maternidade.

Para o cronista Souza (1917), a ampliação do papel da mulher para além das atividades domésticas e maternais, dependia de “uma instrução sólida e profícua”, sobre seus direitos e deveres familiares e sociais. A liberdade da mulher escolher onde atuar deveria estar alinhada com valores morais, daí a importância da educação da mulher.

Contemporânea de autores e autoras de textos da *Futuro da Moças*, Maria Lacerda de Moura escreveu, em livro editado pela primeira vez em 1924, que a educação intelectual e profissional da mulher teria vantagens no cotidiano da sociedade, uma vez que a vida social demandaria características específicas, tanto do homem quanto da mulher, para garantir o bem-estar coletivo.

O homem nasce com qualidades indispensáveis aos feitos de homem, a mulher tem em si o gérmen hereditário para preencher as suas funções. [...] O homem é homem antes de ser pai. É sábio e generoso, filósofo ou operário, político ou guerreiro, inventor ou andarilho, independente das funções de pai. E por que razão nos dizem com arrogância: a mulher nasceu para ser esposa e mãe, para o lar? (MOURA, 1932, p. 69-70)

Moura (1932) defendia que, socialmente, a mulher nasceria mulher antes de esposa ou mãe e, portanto, poderia atuar em uma série de profissões e ocupações, tais como, enfermeira, operária, escritora, professora, médica, diplomata, farmacêutica ou diretora de hospitais e creches, entre outras. A mulher, segundo a autora deveria ser educada para contribuir para a vida social, pois a falta de educação feminina retardaria o progresso da civilização. Segundo a escritora, a falta de educação e de oportunidade para desenvolver habilidades intelectuais e profissionais tornavam a mulher um “atraso pedagógico”.

[A mulher] não é mentalmente anormal: seu cérebro não foi desenvolvido, não teve exercício. A mulher não é inferior, é ignorante, é infantil. Sua sensibilidade exagerada é o resultado da falta de adaptação, do pouco domínio sobre si mesma, falta de self-control muscular talvez. Se tudo vem do cérebro, tudo nela é rudimentar ou desviado porque seu cérebro pouco tem trabalhado ou se extraviou para um ponto de vista inferior (MOURA, 1932, p. 73-74).

Desta forma, no entendimento de Maria Lacerda de Moura, o que faltavam às mulheres eram oportunidades educacionais; a carência de educação fazia com que suas atuações ficassem praticamente restritas aos papéis de esposa e mãe.

Na contramão dessa percepção, os textos editados na *Futuro da Moças* relacionavam, mesmo que de forma indireta, a questão da natureza feminina, como grande responsável da pouca inclinação para o conhecimento, vide as considerações sobre a paixão curiosidade apresentadas por Salomão Cruz (1917b). Além disso, como já apontou Margareth Rago (2001), a presença da mulher no ensino superior era percebida por muitos como causa de perda de características femininas positivas, como a docilidade e a fragilidade.

Todavia, apesar do pequeno número de mulheres que cursavam o ensino superior nas primeiras décadas do século XX (RAGO, 2001), as jovens, pouco a pouco, avançavam em áreas que até meados do século anterior eram vedadas ao sexo feminino, apesar de muitos questionarem suas escolhas.

Na *Futuro das Moças*, o texto *A Mulher em Face da Sciencia*, escrito por Sylvia e dirigido ao “acadêmico O. Silva” (SYLVIA, 1917), discutiu o papel da mulher em duas áreas da ciência: a jurídica e a médica, o que nos permite vislumbrar imagens de mulheres prevalentes naquele período. Discorrendo sobre a carreira jurídica, Sylvia (1917) afirmou:

Há os que desejam colocar a mulher ao lado da jurisprudência como sendo a defensora dos grandes ideais da justiça, e há os que querem incorporar no seio da grande ciência médica, tornando-a assim a auxiliadora dos grandes beneméritos que são os médicos.

A autora lembrou que existiam pessoas que concordavam com a mulher atuando na jurisprudência, e discordou. Segundo seus argumentos, a mulher tanto não conseguiria agir de forma eficaz, especialmente nos assuntos “melindrosos e importantes”, quanto não faria uma argumentação lógica e científica para defender um

réu, bastava que utilizasse sua “voz sedutora” para convencer sobre a inocência de um criminoso. Para a autora do artigo:

Como compreender mesmo uma mulher no tribunal a defender um criminoso? O homem que está sempre pronto a se curvar diante de uma mulher que no dizer de um grande escritor “é o anjo tutelar que domina o mundo” não poderá neste caso por mais indigno que seja o crime cometido acusar o criminoso (SYLVIA, 1917).

O poder de sedução feminino e também sua piedade nata seriam impedimentos para a mulher atuar na área jurídica, considerada socialmente como arma viril, masculina por excelência, como escreveu Perrot (2007).

Quanto à área médica, para Sylvia (1917), a ocupação feminina seria bem-vista, mas esta atividade estaria relacionada a auxiliar na cura dos enfermos. Uma ideia que reforça a crença de que as mulheres seriam naturalmente inclinadas a ocupações de cuidadoras e benevolentes, inclinadas à caridade, como assinalou Salomão Cruz (1917h).

Sylvia (1917) exemplifica sua preferência por ver mulheres preparando bálsamos, confortando enfermos e auxiliando os médicos, mencionando a atuação feminina na Cruz Vermelha. Ou seja, a atuação feminina como enfermeira, entendida como a auxiliar do médico.

Escrito em dezembro de 1916, o texto de Sylvia foi publicado na *Futuro das Moças*, nº 1, dia 4 de abril de 1917, em um período que o Brasil ainda não tinha entrado no conflito mundial, mas durante o qual os ânimos se acirravam (o país declarou fim da neutralidade dia 11 de abril e entrou efetivamente na guerra em 26 de outubro de 1917). Nesse contexto, a importância de exaltar a mulher cuidadora, e a Cruz Vermelha, era um ato humanitário e patriótico.

Além disso, a enfermagem seria um trabalho que se enquadraria nas atribuições da mulher, isso porque a profissão ressaltaria as características femininas como a doçura, o recato, a delicadeza, uma ocupação que exigia a feminização do cuidado. Além de poder ser atrelada à caridade (CRUZ, 1917h), uma vocação quase que natural da mulher, pela abnegação, principalmente por dar assistência aos que sofriam.

A Cruz Vermelha Brasileira foi criada em 1908, por damas da sociedade e médicos da Capital federal, a partir das diretrizes do Comitê Internacional da Cruz Vermelha (organização filantrópica criada em 1863, com sede em Genebra, na Suíça).

Caracterizada pela atuação decisiva de senhoras e senhoritas voluntárias, e graças à colaboração de muitos doadores, a instituição realizava esforços para socorrer os mais necessitados, colaborar com campanhas para a saúde da população e ajudar no atendimento às pessoas vitimadas por diferentes calamidades, entre elas as guerras e epidemias (BERTUCCI, 2004). Na década de 1910 filiais da Cruz Vermelha Brasileira eram uma realidade em vários estados do país e no período da Grande Guerra foram muitas as iniciativas para colaborar com as necessidades daqueles vitimados diretamente pelo conflito na Europa, reforçando seu caráter internacional. Em 1916, por exemplo, a *Revista da Semana*, editada no Rio de Janeiro informava:

Por iniciativa da graciosa Consulesa da Grã-Bretanha, Mrs. Drummond Hay, há cinco meses que se organizou no Rio uma seção da Cruz Vermelha com sucursais em Niterói, Santa Tereza e Petrópolis, onde grupos de senhoras da colônia inglesa, auxiliadas por outras distintas damas e *demoiselles*, trabalham na confecção de bandagens e talas destinadas aos hospitais militares de Inglaterra e de França (RED CROSS, 1916).

Quando, meses depois, o Brasil entrou no conflito mundial, a Cruz Vermelha Brasileira desempenhou um papel fundamental no fornecimento de suprimentos, em sua maioria obtidos em coleta pública, e de assistência médica às forças aliadas do Brasil. Nesse período, na Capital Federal, e também nas localidades onde existiam as filiais da instituição, como São Paulo e Curitiba, foi intensa a atuação das damas da Cruz Vermelha, muitas das quais ocupavam posição de autoridade social, tais como, esposas e filhas de políticos e/ou empresários, professoras, escritoras, médicas (AVANZINI, 2011; AYRES, 2010).

Além de socorrer e cuidar, a Cruz Vermelha Brasileira (matriz e filiais), organizou cursos para mulheres atuarem na área da saúde. Este foi o caso da Escola Prática de Enfermeiras da Cruz Vermelha, organizada no Rio de Janeiro, que teve como diretor técnico e professor Getúlio dos Santos, médico e militar do exército. O curso, com aula inaugural em março de 1916 e duração de dois anos, contava com aulas teóricas e práticas no programa. Aulas teóricas: anatomia, fisiologia, higiene, assistência aos enfermos da clínica cirúrgica, assistência às mulheres e aos recém-nascidos, administração hospitalar e economia doméstica. Aulas práticas: fazer curativos, esterilização, costura e limpeza de objetos. Para cursar a Escola Prática de Enfermeiras as candidatas precisavam passar por um exame de português e

aritmética e apresentar dois atestados, um médico que declarasse que não sofriam doenças contagiosas e outro de boa conduta moral, assinado por pessoa idônea, reconhecida pela comunidade, por exemplo, padre, professor ou médico local (MOTT; TSUNECHIRO, 2002).

A mulher seria aquela que auxiliaria os necessitados, principalmente as crianças e suas mães – alvos primordiais da educação para a saúde realizada pela instituição em suas diversas ações cotidianas. Nesse sentido, o foco estava principalmente nos cuidados prestados aos pobres e necessitados que não só traduzia socialmente o que muitos consideravam a natureza da mulher (p.ex. CRUZ, 1917n) como também delineava o papel feminino na estrutura social, como protetoras dos pobres e aflitos.

Paralelamente, as senhoras e senhoritas da Cruz Vermelha Brasileira e filiais atuavam nas diretorias da instituição e de atividades patrocinadas pela instituição ⁴². Em 19 maio 1917, segundo a publicação carioca *Revista da Semana*, essas mulheres eram chamadas de *petites marraines*, ou seja, madrinhas, devido a iniciativa de angariar alimentos e outros donativos para os europeus que sofriam devido ao conflito mundial, e foram saudadas, em evento que aconteceu na Capital Federal, por Paul Claudel (1863-1955), ministro extraordinário, “plenipotenciário”, da França, e também pelo médico, professor e político brasileiro Afrânio Peixoto (1876-1947) (O QUE A GUERRA, 1917).

Mas as mulheres cariocas não estavam envolvidas apenas em atividades organizadas ou patrocinadas pela Cruz Vermelha Brasileira. Nas páginas da *Futuro das Moças* e outras revistas, foram recorrentes os informes sobre tais iniciativas, em geral relativas ao auxílio e cuidados com a saúde de crianças pequenas e/ou de famílias carentes. Uma dessas ações, era a festa em prol do Dispensário de São José, criado em 1910⁴³, que fazia parte da Matriz de Nossa Senhora da Conceição do Engenho Novo (FESTA, 1917; JARDIM, 1917). No evento, que se repetia anualmente

⁴² Sobre peculiaridades das diretorias das filiais da Cruz Vermelha Brasileira, veja como exemplo Avancini (2011).

⁴³ No Brasil das primeiras décadas do século XX, os dispensários, instituições mantidas por grupos religiosos ou organizações filantrópicas (isto é, criadas por particulares/leigos, que recebiam ajuda estatal), desempenharam uma função primordial na prevenção e controle de doenças infecciosas, no fornecimento de cuidados médicos e assistência entre as classes mais desfavorecidas, especialmente às mães e crianças pobres. Confira, entre outros: Marcílio (1998); Sanglard *et al* (2015).

e, em geral, acontecia no Jardim Zoológico do Rio de Janeiro, os visitantes contavam com diversas atrações, como carrosséis, sorteios e várias barracas de doces nas quais eram atendidos por jovens organizadoras da festa (JARDIM, 1917).

Se entre a virada do século XIX e as primeiras décadas do século XX, os trabalhos relacionados com a educação, atenção com a saúde de gestantes, mães e crianças e a de enfermos, tornaram-se opções socialmente valorizadas para aquelas jovens e senhoras (para estas em tempo parcial), como é possível entrever na *Futuro das Moças*, é preciso destacar que, em artigos que procuravam explicar aquilo que era próprio da mulher, com destaque para os textos da coluna de Salomão Cruz (abril-setembro 1917), todas essas atividades eram relacionadas ao que era considerado aptidões do organismo feminino e, portanto, se enquadravam no padrão considerado natural das mulheres.

Mas, as mudanças sociopolíticas, evidenciadas naqueles tempos de guerra sinalizavam transformações no quesito atividades femininas, mesmo que estas estivessem atreladas às dificuldades do período e a paulatina mudança de interesse masculino por uma determinada área de atividade – o que se acentuaria nas décadas seguintes (BASSANEZI, 2001; CONCEIÇÃO, 2012; LAGRAVE, 1993). Pouco a pouco, as mulheres estavam ampliando sua atuação em atividades que não eram consideradas ideais para a essência feminina.

Na revista *Futuro das Moças*, se o cuidado de necessitados e enfermos era atividade feminina, a medicina era vista como uma profissão própria para homem, como evidenciou Sylvia (1917) que afirmou concordar com aqueles que defendiam a incorporação da mulher à ciência médica, mas como a auxiliar dos médicos.

Entretanto, prevista desde o final do século XIX na legislação nacional (FERREIRA; FONSECA; EDLER, 2001), a formação de mulheres médicas, pouco a pouco, aumentava no Brasil (HAHNER, 1981) e, a mesma revista que publicou o texto de Sylvia editou, em praticamente em todos os seus números, a propaganda da Dra. M. de Macedo (1917). De acordo com o anúncio, a médica era especialista em moléstias que acometiam tanto as crianças como as mulheres. A especialidade de Macedo eram as moléstias infecciosas, hemorragias e suspensões e, uma vez na semana, às quintas-feiras, a médica atendia “aos pobres” (DRA. M. DE MACEDO, 1917). Repetindo o que faziam vários de seus colegas doutores no país (BERTUCCI, 2004), Macedo procurava angariar respeito e clientela em diferentes grupos sociais, anunciando em revista destinada à jovens e senhoras letradas de classe média e alta

e atendendo gratuitamente quem não poderia pagar. Por outro lado, a especialidade de Macedo, reforçava a perspectiva do cuidado (e ação educativa) de mulheres para mulheres e com crianças.

3.3 PATRIOTISMO COMO PAPEL FEMININO

A Primeira Guerra Mundial teve efeitos culturais (na música, literatura, etc.) e meios de comunicação, que passaram a cobrir os desdobramentos da guerra e falar sobre o clima de tensão e insegurança para a população (GARAMBONE, 2003). Na *Futuro das Moças* não foi diferente, e crônicas, seções e colunas também eram utilizadas como espaços para falar da instabilidade e transformações que as jovens mulheres estavam passando ou iriam passar. As incertezas do futuro justificavam orientações de comportamentos e condutas das mulheres. O que era esperado delas? Como deveriam se comportar? Quais eram os seus papéis? Uma determinação era repetida: a mulher deveria ser o pilar que sustenta a nação.

Sentimentos nacionalistas e patrióticos eram a tônica de vários textos da *Futuro das Moças*. Afinal, como em outros países, no Brasil daqueles anos a busca por fortalecer a identidade nacional, de pertencimento à pátria, era crucial. E a bandeira simbolizaria esse sentimento:

E o amor traga como símbolo, um pedaço de pano tremulando no pico de uma montanha, sintetizando uma bandeira. Seja a Verde e Amarelo esta que nos cobre. O seu verde é a vastidão das nossas matas virgens; o jardim dos nossos sertões, onde cantam os rouxinóis. O seu amarelo, é a riqueza do nosso subsolo, o ouro que nos engrandecerá, e que nos fará uma potência rija. O seu azul representa a superfície das águas dos rios caudalosos, embelezado pelas suas pérolas. As suas estrelas, significam o sentir da população de cada Estado, que fundidos formam a Pátria Brasileira (SOARES, 1917).

A linguagem poética empregada por Manoel José Soares (1917) no texto *O Futuro da Pátria*, buscava despertar o amor ao país enaltecendo suas riquezas, valorizando a identidade nacional, a população “de cada Estado”, que conjugados formavam a “Pátria Brasileira”.

E a idealização do Brasil como uma nação potente e grandiosa prosseguia com referências a personagens como Floriano Peixoto, Marechal Osório, Tiradentes

e Anita Garibaldi, figuras utilizadas pelo autor como exemplos de bravura e luta pela nação. Mas qual seria o papel da mulher nesta construção da identidade nacional?

De acordo com o texto de Soares (1917), as mulheres seriam as responsáveis por transmitirem os valores patrióticos para as futuras gerações, uma vez que eram vistas como guardiãs dos valores morais e responsáveis por moldar o caráter dos futuros cidadãos. Além disso, a mulher, retratada como “símbolo de fraternidade” (SOARES, 1917), teria um papel importante como mãe, irmã, noiva ou esposa na construção de uma nação forte e unida. O autor afirmou:

O seu falar, é como o cantar dos pássaros, que nos suaviza a alma; este anjo que na paz é o Evangelho, mas, que na guerra é espada inquebrantável, que o soldado leva no coração em defesa da pátria e da família; o seu amor faz de cada braço uma fortaleza, e cada peito uma bandeira, cujo mastro é inquebrável (SOARES, 1917).

De natureza compassiva, a mulher é representada como um ser capaz de promover união, cujas virtudes e habilidades são empregadas tanto em tempos de paz como também em tempos de guerra. O “Evangelho” em tempos de paz descrito por Soares (1917) pode simbolizar valores e princípios morais e até religiosos e a “espada inquebrantável” na guerra seria a força não só para defender a família, mas até a pátria em um momento de conflito (não por acaso citou Anita Garibaldi, a leal companheira de Giuseppe). Há, desta forma, uma dualidade na representação de mulher apresentada por Soares, que não se opõe entre si, mas que são retratadas quase que para simbolizar o poder da mulher em conseguir se ressignificar tanto para a pátria quanto para a família quando necessário.

Se o artigo de Manoel José Soares sintetizou essa dupla face feminina, foram as leitoras colaboradoras da *Futuro das Moças* que, através de seus textos, buscavam mostrar qual seria o papel das jovens e senhoras. Como foi o caso da estudante Maria de Lourdes Azevedo, que escreveu um “modesto trabalho de colegial” ao seu pai, o major Napoleão Azevedo (AZEVEDO, 1917).

Com um apelo emocional, e patriótico, a jovem Maria de Lourdes buscou incentivar os patrícios, assim como as patrícias, a defenderem o Brasil, pois “a pátria espera que cada um de vós saiba cumprir religiosamente o sagrado dever, de a defender contra as afrontas dos bárbaros” (AZEVEDO, 1917). Para a jovem era preciso desafrontar o Brasil e vingar a morte dos homens que “baixaram ao fundo do mar, no cumprimento de seus deveres de marinheiros”, e seu incentivo era

direcionado principalmente à juventude, sem distinção de sexo (AZEVEDO, 1917). O acontecimento que motivou este artigo foi decisivo para a entrada efetiva do Brasil na Primeira Guerra Mundial, em outubro de 1917 (DARÓZ, 2016).

A Guerra Mundial motivou, durante todo o período de publicação da *Futuro das Moças* um misto de sentimentos nas leitoras colaboradoras, da indignação e desejo de vingança ao patriotismo, tanto quanto algum evento envolvia diretamente o Brasil, quanto quando era informadas as dores, misérias e lágrimas de populações afetadas de forma direta pelos combates. E nos textos, o que muitos entendiam como natureza feminina parecia aflorar, com suas palavras de fé (CRUZ, 1917d). Paulina Coelho escreveu, em 2 de maio de 1917:

Maio! “Mês de Maria!” e portanto mês de preces à Divina Mãe; Enviemos pois a ela em nossas orações uma súplica pela Paz Universal: pela terminação desta horrível guerra que atormenta a humanidade; e sobretudo neste momento de expectativa angustiosa para nós brasileiros, pela Paz do nosso caro Brasil. Enviemos sim; preces do fundo da nossa alma, para que possa chegar até Ella, acompanhada de uma braçada de flores impregnada de aroma das rosas de Maio (COELHO, 1917).

O apelo à paz universal, e particularmente para o Brasil, feito por Coelho traduz tensão e medo, assim como reflete o desespero e desejo de alívio dos sofrimentos causados pela guerra. Preces e orações pareciam dar esperança para o fim de um tormento. Mas, o pessimismo rondava, como é possível perceber no texto de N.E.S. (1917), editado dia 9 do mesmo mês:

Tudo acaba, tudo finda com o tempo... Assim me têm dito por diversas vezes e cada vez me convenço mais dessa realidade. O belo mês de Maio que era o mês poético das flores, dos sonhos, das virgens e das preces, hoje quase ninguém fala nele (N. E. S., 1917).

Para N. E. S. (não foi possível identificar se era mulher ou homem), o mês de maio perdia sua singular beleza, marcada por flores e preces; a nostalgia é evidente. Mas, tal qual para Paulina Coelho, era a fé, a devoção religiosa, que daria esperança de colocar “para bem longe o hediondo e funambulesco espectro da guerra maldita que parece querer nos devorar” (N. E. S., 1917).

Na sua Chronica, de 12 de setembro de 1917, Miss Edith (1917) descreve a comemoração dos 95 anos da Independência do Brasil, evento realizado na Quinta

da Boa Vista. A celebração, segundo a autora, tinha contato com a participação das forças da marinha e do exército; batalhões da polícia dos estados de Minas Gerais e do Rio de Janeiro; linhas de tiro de todo país, além de alguns colégios particulares. O texto elogiava a formação militar do cidadão, o que, para ela, poderia fazer com que o país se posicionasse ao lado das nações mais avançadas. Miss Edith louvava as ações patriotas, lideradas por Olavo Bilac, que tinha contribuído para a implementação do serviço militar obrigatório (RANQUETAT JÚNIOR, 2011), o que tornara possível que a nação brasileira estivesse preparada para cumprir o seu dever em qualquer emergência.

Segundo palavras de Miss Edith (1917)

Somos um grande povo, e que, enveredando pelo caminho que há alguns anos vimos trilhando, iluminados pelo sol de um são patriotismo, havemos de mostrar ao mundo — onde a civilização atualmente se ensopa de sangue, — que “o Brasil é Brasil”.

Mas, se o artigo de Miss Edith explicitava o aspecto militar da comemoração, e da época, no qual o patriotismo e a própria salvação da pátria estavam nas mãos de homens-soldados, o texto do colaborador M. L., publicado também no dia 12 de setembro, não só enaltecia o país, como apontava as mulheres na construção da nação.

O cronista, numa curvatura toda fidalga, respeitosamente saúda as gentis leitoras do *Futuro das Moças*, como sincera homenagem à bela representação do porvir brilhante do nosso estremecido Brasil. Perdoem-me, as minhas ilustres leitoras e venerandas patrícias, envolvê-las nesta crônica (M. L., 1917).

A mulher é retratada pelo cronista M. L. como tendo um papel importante na vida política do país. Ao se dirigir e saudar as leitoras da *Futuro das Moças*, as jovens mulheres foram relacionadas com a representação do futuro brasileiro e de maneira intimamente ligadas à vida política do país, pois à senhoritas caberia educar, formar, aqueles que um dia governariam o Brasil; nas palavras de M. L. “um dia certamente tornar-se-ão nas respeitáveis matronas, mães de futuros Gracchus⁴⁴ brasileiros” (M.

⁴⁴ Referência aos irmãos Tibério e Caio Graco (séc. II a. C) e sua atuação nas lutas sociais, em prol dos plebeus, na Roma Antiga (GRIMAL, 2005)

L., 1917). As mães dos futuros líderes precisavam ser exemplos de caráter ímpoluto, sentimentos puros, transmitindo “ensinamentos de patriotismo engendrado pela terra natal e pela singela majestade de sua alma virtuosa” (M. L., 1917). A mulher teria um importante papel como mãe, esposa, noiva e filha.

Como esposas para que falem ao ânimo de seus maridos para que cumpram o seu dever de honra palmilhando no caminho dos bons exemplos; como noivas para que seus noivos não fujam do serviço armado quando, no transe supremo, a mãe Pátria para eles apelar, e como filhas para que acariciem as cãs de seus pais como recompensa pelo muito que fizeram em prol da família brasileira (M. L., 1917).

A mulher é representada por M. L. como símbolo de beleza e pureza, que inspiraria seu marido com suas atitudes, seus exemplos. Mas seria só esse o papel da mulher dentro da construção da nação? Influenciar, incentivar e moldar bons patriotas? M. L. sugere que as leitoras da *Futuro das Moças*, nobres patricias, não ficassem só em um papel passivo, mas que rastejassem “nas pegadas da Janos⁴⁵ política” (M. L., 1917), ou seja, se envolvessem mais ativamente na política, e, podemos acrescentar, também nas questões sociais que estariam ligadas às mudanças econômicas e culturais do país, mas sem uma exposição imprópria para o sexo feminino, o que reeditava considerações apresentadas na coluna As Paixões e os Sentimentos na Mulher (CRUZ, 1917i).

Nesse sentido, a participação feminina na política e na sociedade deveria ser ativa, mas sem deixar de ser virtuosa. A educação seria passada de mãe para filhas e filhos, e seria delas a responsabilidade de inculcar “na alma nascente” de seus rebentos (M. L., 1917) o puro amor aos nobres valores de sua terra, e estes quando adultos salvariam e engrandeceriam o Brasil.

Assim em tempos de insegurança, como os da Primeira Guerra Mundial, quando ideias que enfatizavam um poder transformador da atuação feminina para o bem do país, os textos da *Futuro das Moças* até defendiam atuações femininas fora do espaço doméstico, mas elas deveriam ser balizadas pela natureza feminina, reguladas pela observância das paixões e sentimentos nas mulheres.

⁴⁵ Jano ou Janus, deus da mitologia romana representado por dois rostos que se opõem, um olhando para frente e o outro olhando para trás (GRIMAL, 2005)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o final dos anos de 1910 a revista *Futuro das Moças* desempenhou um papel significativo na circulação e promoção de ideias sobre o papel da mulher na sociedade. As configurações das práticas de veiculação de ideais e concepções sobre as mulheres, assim como o lugar social da mulher, os direitos trabalhistas e do sufrágio feminino, além dos debates internacionais e nacionais sobre essas disposições no início do século, cenário de disputas políticas e de guerra a nível mundial, se configuraram como espaços de exibição e experimentação de práticas culturais e ações educativas.

Quase que com um papel multifacetado a *Futuro das Moças*, no seu pequeno período de circulação, tentou definir e ajustar comportamentos em um tempo de mudança social que envolvia educação, conscientização sobre questões de uma sociedade que se industrializava e diversificava. Embora houvesse o incentivo da participação das mulheres na sociedade, a revista mantinha, ao mesmo tempo, uma postura que corroborava o Código Civil de 1916, que definia a mulher como "companheira, consorte e auxiliar nos encargos da família", pois essa participação era condicionada à manutenção da virtude e da feminilidade.

Nesse sentido, ao mesmo tempo em que era permitido às mulheres e, em alguns momentos estimulado, a participação em atividades sociais, estas não deveriam extrapor os limites considerados apropriados para o sexo feminino. A figura feminina do final dos 1910 flertava com a figura feminina do século XIX, assim como Jano, deus da mudança e transição, com duas faces que olhavam para direções opostas, a *Futuro das Moças* reconhecia o potencial transformador da atuação feminina, do mesmo modo defendia que essa atuação deveria estar em conformidade com a natureza feminina e ser regulada pelas emoções e sentimentos considerados adequados para as mulheres.

Nos números da revista, a educação e a transmissão de valores são intrinsecamente relacionadas, e o papel educativo da mãe para a filha revela como as representações de feminilidade eram moldadas e transmitidas ao longo das gerações. Além disso, logo no primeiro número do periódico foi enfatizada a importância da educação da mulher, para o desenvolvimento de qualidades morais, e para a orientação em atividades de acordo com os papéis de filha, esposa e mãe.

Através da coluna As Paixões e os Sentimentos na Mulher, organizada por Salomão Cruz, a revista buscou apresentar concepções sobre as emoções femininas

e sua influência na conduta e no papel social da mulher, que ressaltava a percepção de um ser humano emocionalmente instável, especialmente devido à suposta fragilidade de seu sistema nervoso, uma concepção enraizada na medicina e na ciência do século XIX que ecoava no Novecentos. Cruz, ao caracterizar as paixões femininas e conduzir condutas específicas, pareceu adotar uma abordagem persuasiva. A transgressão dessas condutas seria interpretada como uma ameaça à virtude, sugerindo que algumas práticas poderiam comprometer a identidade feminina, e seriam até prejudiciais à sociedade. As paixões foram apresentadas como inerentemente femininas, enquanto os sentimentos positivos foram destacados como exceções à regra. Percepção que transbordaram dos textos da coluna escrita por Salomão Cruz para toda a revista que, em maior ou menor escala, reeditou suas ideias.

A fé era vista como uma força motivadora para as mulheres em suas ações, especialmente no contexto da maternidade, que ampliando além da atenção com os primeiros anos de uma criança, exaltava as mulheres como guardiãs da moralidade familiar e social. A esperança era vista como uma força que florescia no coração feminino, contribuindo para a formação de laços afetivos familiares. Além disso, moldava as expectativas, aspirações e comportamentos das mulheres. Nesse contexto, a prudência feminina era reconhecida como central para as ações das mulheres, desde que isso não significasse ultrapassar as fronteiras e se envolver em atividades intelectuais ou científicas, nas quais ser prudente era fundamental.

Conflitos e contradições aconteciam no cotidiano das jovens e senhoras, mesmo que os textos da *Futuro das Moças* os amenizassem, reforçando formas de ser e agir desejáveis, algo que se evidencia quando o tema foi a busca das mulheres pelo equilíbrio entre suas responsabilidades familiares com aspirações individuais. Nesse contexto, a vaidade foi especialmente problematizada como uma paixão que, quando exacerbada, poderia levar as mulheres a buscarem apenas a aprovação externa, negligenciando aspectos da vida familiar.

A educação, principalmente a moral, das jovens mulheres foi considerada fundamental, pois desempenhariam o papel essencial para o futuro da nação: a transmissão de valores para as futuras gerações. Nesse sentido, podemos deduzir que a ênfase dada na caridade e na dedicação ao lar refletia a importância atribuída à moralidade feminina que era base para uma sociedade estável e virtuosa. As mulheres

que buscavam independência, e se envolviam em movimentos sociais, eram consideradas como desviantes dos papéis naturais femininos e vistas com desconfiança. Nesse sentido, em um mundo em transformação, em um tempo que o voto feminino começa a ser uma realidade em outras partes do mundo, parecia imprescindível estabelecer limites sobre o que era considerado aceitável para as mulheres.

De maneira geral, nas páginas da *Futuro das Moças*, uma revista dirigida por homens, mas que contava com a participação ativa de mulheres, a dicotomia de ideias sobre a condição feminina e o papel exercido pela mulher na sociedade foi subjugada por uma gama de considerações que pretendiam que a mulher adentrasse a vida social, mas não perdesse, ao contrário renovasse, o que era o ser feminino, a sua natureza. Isso não significa que temas como atuação profissional e maior grau de escolarização não tenha permeado artigos e dividido opiniões. Alguns textos traziam considerações bastante acaloradas, manifestando insatisfação, e por vezes angústia, em relação ao papel social que era atribuído às mulheres, além disso, pontuavam questionamentos sobre as limitações de inserção social e as injustiças que as mulheres enfrentavam. Ainda que em alguns números da *Futuro das Moças* sejam encontradas menções sobre a possibilidade de atuação feminina em áreas como a ciência e a medicina, a revista geralmente associava as mulheres a ocupações relacionadas ao cuidado, como enfermagem, magistério e obras de caridade, ratificando a ideia que a maioria das profissões eram mais adequadas para homens. Entretanto, apesar das expectativas restritivas, evidenciadas e reforçadas pela revista, é possível também identificar como, de maneira sutil, por vezes a partir de atividades tradicionalmente imputadas como femininas (costura, bordados, etc.), a presença na Escola Normal, jovens e senhoras poderiam ampliar seus ganhos e, talvez, seus horizontes sociais.

Desta forma, a *Futuro das Moças* não apenas refletiu as percepções existentes sobre o papel da mulher, como também contribuiu para a circulação dessas representações na sociedade carioca, e até outras cidades e estados brasileiros, difundindo e concorrendo para reorganização de significados culturais relativos à presença e atuação da mulher na sociedade brasileira nos anos iniciais do século XX.

FONTES

Coleção

Futuro das Moças, Rio de Janeiro, 1917-1918 – BBM-USP. Disponível em: Coleção v. 1, nº 1-19, <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/6825>; v. 2, nº 20-38[40], <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/6824>. Acesso em: fev. 2020.

Artigos, Colunas, Seções – *Futuro das Moças*

A BELLEZA DOS SEIOS DA MULHER. *Futuro das Moças*, Rio de Janeiro, nº 24, s. p., 12 set. 1917.

A REDACÇÃO. Ao bello sexo. *Futuro das Moças*. Rio de Janeiro, nº 1, s. p., 4 abr. 1917.

A SECCÇÃO DE FELICIDADE. *Futuro das Moças*. Rio de Janeiro, nº 13, s. p., 27 junº 1917.

ALBUM CHARADISTICO. *Futuro das Moças*. Rio de Janeiro, nº 27, s. p., 10 out. 1917.

ALMEIDA, Alice de. Instruir deleitando. *Futuro das Moças*. Rio de Janeiro, nº 1, s. p., 4 abr. 1917a.

ALMEIDA, Alice de. Pessimismo. *Futuro das Moças*. Rio de Janeiro, nº 14, s. p., 4 jul. 1917b.

ÀS NOSSAS DISTINCTAS COLLABORADORAS. *Futuro das Moças*. Rio de Janeiro, nº 4, s. p., 25 abr. 1917.

AZDACO. Postaes. *Futuro das Moças*. Rio de Janeiro, nº 15, s.p., 11 jul. 1917.

AZEVEDO, Maria de Lourdes. Ao meu querido pae major Napoleão Azevedo. *Futuro das Moças*, Rio de Janeiro, 1917, nº 6, s. p., 9 maio 1917

BOHEMIO. Sonhando. *Futuro das Moças*. Rio de Janeiro, nº 12, s.p., 20 junº 1917.

CASA AMAZONAS. *Futuro das Moças*, Rio de Janeiro, nº 4, s.p., 25 abr. 1917.

CASTRO, Sylvia. A vida. *Futuro das Moças*, Rio de Janeiro, nº 27, s.p., 3 out. 1917.

COELHO, Paulina. Maio. *Futuro das Moças*, Rio de Janeiro, nº 6, 9 maio 1917.

CORRESPONDENCIA. *Futuro das Moças*. Rio de Janeiro, nº 28, s.p., 10 out. 1917.

CRAVO BRANCO. Pelo telegrapho. *Futuro das Moças*, Rio de Janeiro, nº 7, s.p., 16 maio 1917.

CRUZ, Salomão. As paixões e os sentimentos na mulher. *Futuro das Moças*. Rio de Janeiro, nº 1, s.p., 4 abr. 1917a.

CRUZ, Salomão. As paixões e os sentimentos na mulher. *Futuro das Moças*. Rio de Janeiro, nº 2, s.p., 11 abr. 1917b.

CRUZ, Salomão. As paixões e os sentimentos na mulher. *Futuro das Moças*. Rio de Janeiro, nº 3, s.p., 18 abr. 1917c.

CRUZ, Salomão. As paixões e os sentimentos na mulher. *Futuro das Moças*. Rio de Janeiro, nº 5, s.p., 2 maio 1917d.

CRUZ, Salomão. As paixões e os sentimentos na mulher. *Futuro das Moças*. Rio de Janeiro, nº 6, s.p., 9 maio 1917e.

CRUZ, Salomão. As paixões e os sentimentos na mulher. *Futuro das Moças*. Rio de Janeiro, nº 7, s.p., 16 maio 1917f.

CRUZ, Salomão. As paixões e os sentimentos na mulher. *Futuro das Moças*. Rio de Janeiro, nº 8, s.p., 23 maio 1917g.

CRUZ, Salomão. As paixões e os sentimentos na mulher. *Futuro das Moças*. Rio de Janeiro, nº 9, s.p., 30 maio 1917h.

CRUZ, Salomão. As paixões e os sentimentos na mulher. *Futuro das Moças*. Rio de Janeiro, nº 10, s.p., 6 junº 1917i.

CRUZ, Salomão. As paixões e os sentimentos na mulher. *Futuro das Moças*. Rio de Janeiro, nº 12, s.p., 20 jun. 1917j.

CRUZ, Salomão. As paixões e os sentimentos na mulher. *Futuro das Moças*. Rio de Janeiro, nº 13, s.p., 27 jun. 1917k.

CRUZ, Salomão. As paixões e os sentimentos na mulher. *Futuro das Moças*. Rio de Janeiro, nº 15, s.p., 11 jul. 1917l.

CRUZ, Salomão. As paixões e os sentimentos na mulher. *Futuro das Moças*. Rio de Janeiro, nº 16, s.p., 18 jul. 1917m.

CRUZ, Salomão. As paixões e os sentimentos na mulher. *Futuro das Moças*. Rio de Janeiro, nº 17, s.p., 25 jul. 1917n.

CRUZ, Salomão. As paixões e os sentimentos na mulher. *Futuro das Moças*. Rio de Janeiro, nº 18, s.p., 1º ago. 1917o.

CRUZ, Salomão. As paixões e os sentimentos na mulher. *Futuro das Moças*. Rio de Janeiro, nº 20, s.p., 15 ago. 1917q.

CRUZ, Salomão. As paixões e os sentimentos na mulher. *Futuro das Moças*. Rio de Janeiro, nº 22, s.p., 29 ago. 1917r.

CRUZ, Salomão. As paixões e os sentimentos na mulher. *Futuro das Moças*. Rio de Janeiro, nº 25, s.p., 19 set. 1917s.

CRUZ, Salomão. Chronica. *Futuro das Moças*. Rio de Janeiro, nº 19, s.p., 8 ago. 1917p.

DIABO AZUL. Atravez dos Salões. *Futuro das Moças*. Rio de Janeiro, nº 4, s.p., 25 abr. 1917.

DR. JUSTO C. VERO, Correspondencia. *Futuro das Moças*. Rio de Janeiro, nº 7, s.p., 16 maio 1917a.

DR. JUSTO C. VERO, Correspondencia. *Futuro das Moças*. Rio de Janeiro, nº 10, s.p., 6 jun. 1917b.

DR. JUSTO C. VERO. *Futuro das Moças*. Rio de Janeiro, nº 13, s.p., 27 jun. 1917c.

DRA. M. DE MACEDO. *Futuro das Moças*. Rio de Janeiro, nº 22, s.p., 29 ago. 1917.

ESTRELLA TRISTE. Os que querem se casar. *Futuro das Moças*, Rio de Janeiro, nº 8, s.p., 23 maio. 1917.

FEITICEIRA. Perfis de normalistas. *Futuro das Moças*, Rio de Janeiro, nº 1, s.p., 4 abr. 1917a.

FEITICEIRA. Perfis de normalistas. *Futuro das Moças*, Rio de Janeiro, nº 9, s.p., 30 maio. 1917b.

FEITICEIRA. Perfis de normalistas. *Futuro das Moças*, Rio de Janeiro, nº 35, s.p., 26 dez. 1917c.

FESTA DE CARIDADE. Sociais. *Futuro das Moças*. Rio de Janeiro, nº 23, s.p., 5 set. 1917.

FRANCISCO X. Os que querem se casar. *Futuro das Moças*, Rio de Janeiro, nº 8, s.p., 23 maio. 1917.

FUTURO DAS MOÇAS. 4º annista de medicina – Salomão Cruz [Fotografia]. *Futuro das Moças*. Rio de Janeiro, nº 2, s. p., 11 abr. 1917.

GOUTRAND, Flavio, *Futuro das Moças*. Rio de Janeiro, nº 14, s. p., 4 jul. 1917.

GYRA SOL. Telegrammas. *Futuro das Moças*. Rio de Janeiro, nº 9, s. p., 30 maio 1917.

IDEALISTA. Postaes. *Futuro das Moças*. Rio de Janeiro, nº 4, n.p., 25 abr. 1917.

JOÃO QUINTO.. Chronicas. *Futuro das Moças*, Rio de Janeiro, nº 26, s.p., 26 set. 1917.

K. PÊTA. *Futuro das Moças*. Rio de Janeiro, nº 39, s. p., 30 jan. 1918.

KALLUT, Eurydice. Preludios do Coração. *Futuro das Moças*. Rio de Janeiro, nº 25, s. p., 19 set. 1917.

L. M. Os que querem se casar. *Futuro das Moças*. Rio de Janeiro, nº 9, s. p., 30 maio 1917.

LA FIGLIA DEL GIGLIO. Conversando. *Futuro das Moças*, Rio de Janeiro, nº 8, s. p., 23 maio 1917.

LINO, K. Secção Publicações. *Futuro das Moças*. Rio de Janeiro, nº 14, s. p., 4 jul.1917.

LOUREIRO, Ismael. As nossas distintas... *Futuro das Moças*. Rio de Janeiro, nº 14, s. p., 4 jul.1917.

LUMEN. Duvida. *Futuro das Moças*. Rio de Janeiro, nº 11, s.p.,13 jun.1917.

M. L. Echos e Factos. *Futuro das Moças*, Rio de Janeiro, nº 24, 12 set. 1917

MADAME ZIZINA. Sociais. *Futuro das Moças*. Rio de Janeiro, nº 23, s.p., 5 set.1917.

MARGARIDA. Conversando – O divórcio. *Futuro das Moças*. Rio de Janeiro, nº 10, s.p., 6 jun. 1917a.

MARGARIDA. Conversando – O divórcio. *Futuro das Moças*. Rio de Janeiro, nº 12, s.p., 20 jun. 1917b.

MARGARIDA. Conversando – O divórcio. *Futuro das Moças*. Rio de Janeiro, nº 8, s.p., 23 maio 1917c.

MARGARIDA. Conversando – O divórcio. *Futuro das Moças*. Rio de Janeiro, nº 9, s.p., 30 maio 1917d.

MARGARIDA. Conversando. *Futuro das Moças*. Rio de Janeiro, nº 6, s.p., 9 maio 1917e.

MARGARIDA. E eu acrescento aqui... [apêndice de Passagens... Lavedam] *Futuro das Moças*. Rio de Janeiro, nº 3, s.p.,18 abr. 1917f.

MARGARIDA. Muitas e muitas palmas. *Futuro das Moças*. Rio de Janeiro, nº 2, s.p.,11 abr.1917g.

MEYREN. Telegrammas. Rio de Janeiro, nº 11, s. p., 13 jun. 1917.

MISS EDITH. Chronica. *Futuro das Moças*, Rio de Janeiro, nº 24, 12 set. 1917.

MLLE GABY, Trabalhos femininos. *Futuro das Moças*. Rio de Janeiro, nº 1, s.p., 4 abr.1917b.

MLLE GABY. Os Menus de Mlle. Gaby e Alguns Conselhos Uteis. *Futuro das Moças*. Rio de Janeiro, nº 1, s.p., 4 abr.1917a.

MODELO PARA SANDALHAS. Trabalhos femininos paginas de Mlle. Gaby. *Futuro das Moças*. Rio de Janeiro, nº 8, s. p., 23 maio. 1917.

MR. EDMOND. Secção de felicidade. *Futuro das Moças*, nº 1, s. p., 4 abr. 1917a.

MR. EDMOND. Secção de felicidade. *Futuro das Moças*, nº 20, s. p., 15 ago. 1917b.

MR. EDMOND. Secção de felicidade. *Futuro das Moças*, nº 22, s. p., 29 de ago. 1917c.

MR. EDMOND. secção de felicidade. *Futuro das Moças*, nº 28, s. p., de 10 de outubro 1917d.

MYSTERIOSA. Crueldade de mulher. *O Futuro das Moças*. Rio de Janeiro, nº 35, s. p., 26 dez. 1917.

N. E. S. Chronica. *Futuro das Moças*, Rio de Janeiro, nº 6, 9 maio 1917.

NESTOR GUEDES. *Futuro das Moças*. Rio de Janeiro, nº 11, s. p., 13 jun. 1917.

NOGUEIRA, Helena D. Galeria dos homens célebres. *Futuro das Moças*. Rio de Janeiro, nº 1, s. p., 4 abr. 1917a.

NOGUEIRA, Helena D. Páginas uteis e instructivas. *Futuro das Moças*. Rio de Janeiro, nº 1, s. p., 4 abr. 1917b.

NOGUEIRA, Helena. Português Estudo pratico de gramatica, de acordo com o programa da Escola Normal. *Futuro das Moças*. Rio de Janeiro, nº 2, n. p., 11 abr. 1917c.

OLIVIA, Jurema. Chronica. *Futuro das Moças*. Rio de Janeiro, nº 8, s. p., 23 maio 1917a.

OLIVIA, Jurema. Espalhando Rosas. *Futuro das Moças*. Rio de Janeiro, nº 33, s.p., 12 dez.1917b.

OLIVIA, Jurema. Espalhando Rozas. *Futuro das Moças*. Rio de Janeiro, nº 1, s.p., 4 abr. 1917c.

PAN-HOEY-PAN. Postaes. *Futuro das Moças*, Rio de Janeiro, nº 23, s.p., 5 set. 1917.

POSTAES. *Futuro das Moças*, Rio de Janeiro, nº 19, s.p., 8 ago. 1917a.

POSTAES. *Futuro das Moças*, Rio de Janeiro, nº 22, s.p., 8 ago. 1917b.

POSTAES. *Futuro das Moças*, Rio de Janeiro, nº 23, s.p., 5 set. 1917C.

PROPRIEDADE DA EMPRESA COSMOPOLITA. *Futuro das Moças*, Rio de Janeiro, nº 27, s.p., 3 out. 1917.

R. W. Chronica. *Futuro das Moças*, Rio de Janeiro, nº 16, s.p., 18 jul. 1917.

ROMA, Adaleta. Chronica. *Futuro das Moças*. Rio de Janeiro, nº 18, s. p., 1 ago. 1917.

RUAZIA. Respondendo a Radinm. *Futuro das Moças*, Rio de Janeiro, nº 12, s.p., 20 jun. 1917.

SECÇÃO DE FELICIDADE. *Futuro das Moças*, Rio de Janeiro, nº 1, s.p., 4 abr. 1917a.

SECÇÃO DE FELICIDADE. *Futuro das Moças*, Rio de Janeiro, nº 1, s.p., 11 abr. 1917b.

SECÇÃO DE FELICIDADE. *Futuro das Moças*, Rio de Janeiro, nº 1, s.p., 4 abr. 1917c.

SECÇÃO DE FELICIDADE. *Futuro das Moças*, Rio de Janeiro, nº 14, s.p., 4 jul. 1917d.

SELENITA Os que querem se casar. *Futuro das Moças*, Rio de Janeiro, nº 8, s.p., 30 maio. 1917.

SOARES, Manoel José. O Futuro da Patria. . *Futuro das Moças*, Rio de Janeiro, nº 32, 19 dez. 1917.

SOCEGO, Os que querem se casar. *Futuro das Moças*, Rio de Janeiro, nº 8, s.p., 23 maio. 1917.

SOUZA, De Castro e. O voto feminino. *Futuro das Moças*, Rio de Janeiro, nº 23. s.p., 5 set. 1917.

SOUZA, Nelson Pereira de. Chronica. *Futuro das Moças*, Rio de Janeiro, nº 21, 22 ago. 1917.

SUFFRAGISTA. Coisas e Causas. *O Futuro das Moças*. Rio de Janeiro, nº 37, s. p., 16 jan. 1918a.

SUFFRAGISTA. Coisas e Causas. *O Futuro das Moças*. Rio de Janeiro, nº 38, s. p., 23 jan. 1918b.

SUFFRAGISTA. Coisas e Causas. *O Futuro das Moças*. Rio de Janeiro, nº 39, s. p., 30 jan. 1918c.

SUFFRAGISTA. Coisas e Causas. *Futuro das Moças*. Rio de Janeiro, nº 40, s. p., 13 fev. 1918d.

SYLVIA. A mulher em face da sciencia. *Futuro das Moças*, Rio de Janeiro, nº 1, 4 abr. 1917.

THEDA BARA. Postaes. *Futuro das Moças*. Rio de Janeiro, nº 4, s. p., 25 abr. 1917.

Jornais e Revistas – Excertos

Acervo BNDigital. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital>. Acesso: de ago. 2021 a dez. 2022.

A “FUTURO DAS MOÇAS”. *A Razão*, Niterói, 4 abr. 1917, p.7.

BIBLIOGRAPHIA. *Estado do Para*. Belém, 17 maio 1917, p.2.

DIVERSOS. *A Razão*, Niterói, 16 nov. 1918, p.5.

ESTADO DO RIO, Nictheroy. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 29 abr. 1925, p.10.

HELENA, D' NOGUEIRA. *Jornal das Moças*, Rio de Janeiro, nº 65, s. p., 13 set. 1916.

INSTRUÇÃO PUBLICA, Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 3 mar.1915, p.8.

JARDIM ZOOLOGICO. *A Rua*, Rio de Janeiro, 31 ago. 1917, p.6.

NOTAS SOCIAES – Anniversarios. *Lanterna*, Rio de Janeiro, 13 fev. 1917, p.4.

O QUE A GUERRA SUGÉREE. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, nº 15, s. p. 19 maio 1917.

O TRABALHO FEMININO NO RIO. Vida Feminina. *Revista Feminina*, nº 71, s. p., maio, 1920.

PEQUENOS MERCADOS. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 2 jan. 1917, p.14.

RAUL WALDECK. *Jornal das Moças*, Rio de Janeiro, nº 94, p. 14, 5 abr. 1917.

RED CROSS DEPOT. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, nº 24, s. p., 2 jul. 1916.

THEATRO REPUBLICANO. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 1º jan. 1917, p.16.

Legislação

BRASIL. Código Civil dos Estados Unidos do Brasil, Lei n 3.071 de 1º de janeiro de 1916. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l3071.htm. Acesso em: 23 dez. 2022.

BRASIL. Código Penal de 1890. Decreto nº 847, de 11 de outubro de 1890. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1851-1899/d847.htm. Acesso em: 25 fev. 2023.

Livros

BELOUINO, Paul. *La femme: physiologie, histoire, morale*. 2ª ed. Paris: Perisse Frères Libraires-Éditeurs, 1853. Disponível em: <https://books.google.com.br/books>. Acesso em: 28 ago. 2022.

BLUTEAU, Rafael; SILVA, Antonio de Moraes. *Diccionario da língua portuguesa*. 2 v. Lisboa: Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br>. Acesso em: 15 out. 2022.

FIGUEIREDO, Candido de. *Novo diccionario da língua portuguesa*. Nova edição. 2 v. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1913. Disponível em: <http://www.gutenberg.org/files/31552/31552-pdf.pdf> . Acesso em: 10 dez. 2022.

MOURA, Maria Lacerda. *A mulher é uma degenerada*. 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira Editora, 1932.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Amanda de Lima de. *Agulha, novelo, tecido e muito mais: lições de economia doméstica na Revista Feminina (São Paulo, 1915-1918)*. 128 f. Dissertação (Mestrado em Educação), Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2020.

ALMEIDA, Jane Soares de. *Mulher e Educação: a paixão pelo possível*. São Paulo: Editora da Unesp, 1998.

ALMEIDA, Nukácia M. Araújo de. *Jornal das Moças – leitura, civilidade e educação feminina (1932-1945)*. Tese (Doutorado em Educação Brasileira), Fundação Cearense de Pesquisa, Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2008.

AVANZINI, Claudinéia Maria V. *As origens do Hospital de Crianças*. Saúde e educação em Curitiba, 1917-1932. Dissertação (Mestrado em Educação), Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2011.

AYRES, Lilian Fernandes Arial. *As enfermeiras visitadoras da Cruz Vermelha Brasileira e do Departamento Nacional de Saúde Pública no início do século XX*. Dissertação (Mestrado em Enfermagem), Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

AZZI, Riolando. *O estado leigo e o projeto ultramontano*. São Paulo: Paulus, 1994.

BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In: PRIORE, Mary del (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 5ª ed. São Paulo: Contexto, 2001, p. 607-639.

BASTOS, Maria Helena Camara. *Jornal das famílias: balizas de um ideário à mulher brasileira (1863-1878)*. In: CAVALCANTI, Maria. J. Maia.; HOLANDA, Patrícia Carvalho; QUEIROZ, Zuleide F. (Org.) *História de mulheres: amor, violência e educação*. Fortaleza: Edições UFC, 2015,

BERTUCCI, Liane Maria. Herbs, amulets, and prayers in the practices of “Saint” Vicente and other healers in São Paulo in the 1910s. In: ARMUS, Diego; GOMEZ, Pablo F. (Ed.) *The gray zones of medicine. Healers & history in Latin America*. Pittsburg: University of Pittsburg Press, 2021, p. 108-122.

BERTUCCI, Liane Maria. *Influenza, a medicina enferma*. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

BERTUCCI, Liane Maria. Para a saúde da criança. A educação do trabalhador nas teses médicas e nos jornais operários (São Paulo, início do século XX). *Revista Mundos do Trabalho*, Florianópolis, nº 7, p. 27-42, 2015.

BERTUCCI, Liane Maria. Remédios, charlatanices... e curandeirices, práticas de cura no período da gripe espanhola em São Paulo. In: CHALHOUB, Sidney et al (Org.) *Artes e ofícios de curar no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003, p.197-227.

BERTUCCI, Liane Maria. *Saúde: arma revolucionária*. São Paulo, 1891/1925. Campinas: Publicações CMU/Unicamp, 1997.

BNF DATA. *Paul Belouino*. Bibliothèque Nationale de France. Disponível em: https://data.bnf.fr/10462800/paul_belouino/. Acesso em: 18 mar. 2023.

BONILHA, Luís R. C. M.; RIVORÊDO Carlos R. S. F. Puericultura: duas concepções distintas. *Jornal de Pediatria*, Rio de Janeiro, n 81, p. 7-13, 2005.

BOTTOMERE, Tom. Elites, Teoria das. In: OUTHWAITE, William; BOTTOMORE, Tom (Dir.). *Dicionário do pensamento social do século XX*. Rio de Janeiro: Zahar, 1996, p.235-237.

BOUTIER, Jean e JULIA, Dominique. Em que pensam os historiadores? In: BOUTIER, Jean e JULIA, Dominique (orgs.). *Passados recompostos: campos e canteiros da História*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Editora FGV, 1998, p.21-61.

BITONI, Dulcília Helena Schroeder. *Imprensa Feminina*. 2 ed. São Paulo: Ática, 1990.

BITONI, Dulcília Helena Schroeder. *Mulher de papel: representação da mulher pela imprensa feminina brasileira*. 2 ed. São Paulo: Sumus Editorial, 2009.

CAIRUS, Henrique F.; RIBEIRO JR, Wilson A. *Textos hipocráticos*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.

CAPELATO, Maria. Helena. *Imprensa e história do Brasil*. São Paulo: Contexto; EDUSP, 1988.

CAPONI, Sandra. *Loucos e Degenerados: Uma genealogia da psiquiatria ampliada*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2012.

CAVALCANTI, Pedro. *A presidência Wenceslau Braz (1914-1918)*. Brasília: Universidade de Brasília, 1983.

CERTEAU, MICHEL de. *A invenção do cotidiano: Artes de fazer*. 19ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim*. 2ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

CHARTIER, Roger. Cultura escrita, *literatura e história*: conversas de Roger Chartier. Porto Alegre: ArtMed, 2001a.

CHARTIER, Roger. Do livro à leitura. In: CHARTIER, R. (org.) *Práticas de Leituras*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001b.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 5, n. 11, p. 173-191, abr. 1991. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8601>. Acesso em: 5 maio 2022.

CONCEIÇÃO, Sarasvati Z. Y. *Educando mulheres, vendendo saúde*: Propagandas e outros textos de jornais Curitibanos dos anos 1920. 162f. Dissertação (Mestrado em Educação), Setor de Educação. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2012.

CORBIN, Alain. O segredo do indivíduo. In: ARIÈS, Philippe; DUBY, Georges (Dir.) *História da vida privada*. Volume 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p.419-501.

COURTINE, Jean-Jacques; HAROCHE, Claudine. *História do rosto*. Petrópolis: Vozes, 2016.

D'ABREU, Maria Lúcia D. Ayres. Uma visita (uma virtual, outra real), um museu, um editor de jogos e livros – a Editorial Infantil Majorca. In: FERREIRA, J. Carlos Viana, et al (ed.). *A Scholar for all Seasons*: Homenagem a João de Almeida Flor. Lisboa: CEAUL, 2013, p. 707-717.

D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: PRIORE, Mary Del (Org.) *História das mulheres no Brasil*. 5ª ed. São Paulo: Contexto, 2001, p.223-240.

DARÓZ, Carlos. O Brasil na Primeira Guerra Mundial: a longa travessia. São Paulo: Contexto, 2016.

DAVIS, Natalie Zemon. As mulheres por cima. In: DAVIS, Natalie Z. *Culturas do povo*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990, p. 107-127.

DAY, Chris. The Representation of the People Act 1918: Votes for (some) women, finally. *The National Archives blog*. London, Tuesday 6 February 2018. Disponível em: <https://blog.nationalarchives.gov.uk/representation-people-act-1918-votes-women-finally/>. Acesso em: 28 fev. 2024.

DEL PRIORE, Mary. *Do outro lado*. A história do sobrenatural e do espiritismo. São Paulo: Planeta, 2014

DEL PRIORE, Mary. *Histórias e conversas de mulher*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2013.

DOURADO, Rosiane de Jesus. As formas modernas da mulher brasileira (1920 -1939) Dissertação (Mestrado em Artes e Desing) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2005.

DUARTE, Constância Lima. L. Feminismo e literatura no Brasil. *Estudos Avançados*. São Paulo, v. 17, n. 49, 151-172, 2003. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9950>. Acesso em: 7 jul. 2022.

DUARTE, Luiz Fernando. O nervosismo como categoria nosográfica no começo do século XX. *História, ciências, saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.17, Supl.2, p. 313-326, dez. 2010.

FERREIRA, Luiz Otávio; FONSECA, Maria Rachel Fróes da; EDLER, Flávio Coelho. A Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro no século XIX. In: DANTES, Maria Amélia M. (Org.). *Espaços da ciência – 1800-1930*. Rio de Janeiro: Editora da Fiocruz, 2001, p.59-77.

FERREIRA, Nilce V. C. Gênero e educação: A formação em economia doméstica. In: Reunião da Anped-Sul, 37ª, Florianópolis. *Anais*. Florianópolis, 2015, p. 1-15.

FLAUBERT, Gustave. *Madame Bovary*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

FREIRE, Maria Martha de Luna. *Mulheres, mães e médicos*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

FURET, François; OZOUF, Mona. *Dicionário crítico da Revolução Francesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

GARAMBONE, Sidney. *A primeira Guerra Mundial e a imprensa brasileira*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

GODINEAU, Dominique. A mulher. In: VOVELLE, Michel (Dir.) *O homem do iluminismo*. Lisboa: Editorial Presença, 1997, p.309-334.

GOLDMACHER, Marcela. A “greve Geral” de 1903 – Rio de Janeiro nas décadas de 1890 a 1910. Tese (Doutorado), 177f, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.

GRIMAL, Pierre. *Dicionário da mitologia grega e romana*. 5 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

HAHNER, June E. *A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

HAHNER, June E. Honra e distinção das famílias. In: PINSKY, Carla Bassanezi & Pedro, Joana Maria (Org.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013.

HOBSBAWM, Eric J. *A era das revoluções*, Europa: 1789-1948. 8ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

HOBSBAWM, Eric J. *A era do capital*, 1848-1875. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

HOUBRE, Gabrielle. Inocência, saber, experiência: as moças e seu corpo fim do século XVIII/comoço do século XX. In: MATOS, Maria Izilda Santos de; SOIHET, Rachel. (Org.). *O corpo feminino em debate*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

KARAWAJCZYK, M. Os primórdios do movimento sufragista no Brasil: o feminismo “pátrio” de Leolinda Figueiredo Daltro. *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, v. 40, n 1, p. 64-84, 17 dez. 2014.

LAGRAVE, Rose-Marie. Uma emancipação sob tutela. Educação e trabalho das mulheres no século XX. In: DUBY, G.; PERROT, M. (Dir.). *História das mulheres no Ocidente*. v. 5. Porto, Afrontamento, 1993, p.505-543.

LEBRUN, Gérard. O conceito de paixão. In: NOVAES, Adauto (Org.) *Os sentidos da paixão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

LEITE, Miriam L. Moreira. Maria Lacerda de Moura, uma feminista utópica. Florianópolis: Editora Mulheres, 2005.

LIMA, Nísia Trindade de; HOCHMAN, Gilberto. Condenado pela raça, absolvido pela medicina: o Brasil descoberto pelo movimento sanitarista da Primeira República. In: MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura (Org.) *Raça, Ciência e Sociedade*. Rio de Janeiro: Editora da Fiocruz, 1996, p.23-40.

LOPREATO, Christina Roquette. *O espírito da revolta*. São Paulo: Annablume, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary Del (Org.) *História das mulheres no Brasil*. 5ª ed. São Paulo: Contexto, 2001, p.443-481.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2008, p. 111-154.

MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do mundo feminino. In: NOVAIS, Fernando A. (dir.) *História da vida privada no Brasil*. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p.367-421.

MANOEL, Ivan Aparecido. *O pêndulo da história: tempo e eternidade no pensamento católico (1800-1960)*. Maringá: Eduem, 2004.

MARCÍLIO, Maria Luiza. *História social da criança abandonada*. São Paulo: Hucitec, 1998.

MARTINS, Ana Luiza. Da fantasia à História: folheando páginas revisteiras. *História*, Franca, v. 22, n 1, p. 59-79, 2003.

MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista*. Imprensa e práticas culturais em tempo e república. São Paulo (1890-1922). São Paulo: Edusp; Fapesp, 2008.

MARTINS, Ana Paula Vosne. *Visões do feminino: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Editora Fio Cruz, 2004.

MATOS, Maria Izilda; BORELLI, Andrea. Trabalho: espaço feminino no mercado produtivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi; Pedro, Joana Maria (Org.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013, p. 126-147.

MEYER, Michel. Prefácio. In: ARISTÓTELES. *Retórica das paixões*. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. XVII-LI.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 2013.

MONTELEONE, Joana de Moraes. Costureiras, mucamas, lavadeiras e vendedoras: o trabalho feminino no século XIX e o cuidado com as roupas (Rio de Janeiro, 1850-1920). *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 27, n1, 2019. Disponível em: scielo.br/j/ref/a/6kxbrTgBwDptJJz9t9RCjRB/?lang=pt . Acesso em: 10 nov. 2022.

MOTT, Maria Lúcia; TSUNECHIRO, Maria Alice Os cursos de enfermagem da Cruz Vermelha Brasileira e o início da enfermagem profissional no Brasil. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 55, nº 5, p. 592-599, set./out. 2002.

MOURA, Esmeralda Blanco B. *Mulheres e menores no Trabalho Industrial*. Petrópolis: Vozes, 1982.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. A imprensa periódica como uma empresa educativa no século XIX. *Cadernos de Pesquisa*, n. 104, p. 144-161, 1998. Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/723>. Acesso em: 17 ago. 2020.

OLIVEIRA, Cláudia de. Mulheres de estampa: o folhetim e a representação do feminino no Segundo Reinado. In: KNAUSS, Paulo *et al* (Org.). *Revistas ilustradas. Modos de ler e ver no segundo reinado*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2011, p.157-172.

PAOLI, Maria Célia Pinheiro M. O trabalhadores urbanos na fala dos outros: tempo, espaço e classe operária brasileira. LOPES, José Sérgio L. (Coord.) *Cultura e Identidade Operária: Aspectos da Cultura da Classe Trabalhadora*. Rio de Janeiro: Ufrj/Marco Zero, 1987, p. 53-101.

PATTO, Maria Helena Souza. Estado, ciência e política na Primeira República: a desqualificação dos pobres. *Estudos Avançados*, v. 13, n 35, p. 167-198, 1999. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-40141999000100017>. Acesso em: 13 ago. 2022.

PEREIRA. Charles Antônio. Contrastando feminilidades no discurso publicitário da imprensa feminina. *Revista Eletrônica de Ciências Sociais, Juiz de Fora*, nº 23, 2017.

PERROT, Michelle. As mulheres, o poder, a história. In: PERROT, Michelle. *Os excluídos da história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p.177-196.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.

PERROT, Michelle. O elogio da dona-de-casa no discurso dos operários franceses no século 19. In: PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru: EDUSC, 2005, p.171-195.

RAGO, Elisabeth Juliska. A ruptura do mundo masculino da medicina: médicas brasileiras no século XIX. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 15, p. 199–225, 2015.

RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade In: DEL PRIORE, Mary Del (Org.) *História das mulheres no Brasil*. 5ª ed. São Paulo: Contexto, 2001, p.578-606.

RANQUETAT JÚNIOR, Cesar Alberto. A campanha cívica de Olavo Bilac e a criação da Liga da Defesa Nacional. *UEPG Humanit. Sci., Linguist., Lett. Arts*, Ponta Grossa, nº 19, 9-17, jan./jun. 2011, p. 9-17.

RISI JUNIOR, João Baptista; NOGUEIRA, Roberto Passos (Coord.). As condições de saúde no Brasil. In: FINKELMAN, Jacobo (Org). *Caminhos da saúde pública no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora da Fiocruz, 2002, p.117-234.

ROCHA, Ariza Maria. A educação intelectual, física e moral das normalistas no Futuro das Moças. *Caderno Espaço Feminino*, Uberlândia, v.32, nº 1, p.45-63, jan.-jun. 2019.

ROCHA, Heloísa Helena P. A educação sanitária como profissão feminina. *Cadernos Pagu*. Campinas, nº 24, p. 69-104, jun. 2005.

SANGLARD, Gisele, et al (Org.) *Filantropia da nação*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2015.

SANT'ANNA; Mara Rúbia; HERNANDES, Maria Júlia Zarpelão. A disseminação de padrões femininos através dos anúncios da Lugolina e da Juventude Alexandre na "Fon-Fon!", 1910. *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 11, n 21, p. 93-116, jul./dez. 2017.

SCHWARCZ, Lília Moritz. *O Espetáculo das raças*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos no Rio. In: NOVAIS, Fernando A. (Dir.) *História da vida privada no Brasil*. Volume 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 513-619.

SILVA, Alexandra Lima da. Culturas letradas, experiência e ensino: uma análise a partir de livros didáticos de História do Brasil (1890-1924). *Projeto História*, São Paulo, n51, p. 140-173, dez. 2014.

SILVA, Sérgio. *Expansão cafeeira e origens da indústria no Brasil*. 6ªed. São Paulo: Alfa-Ômega, 1985.

SOARES, Ana Caroline Eiras Coelho.; BARROS, Neide Célia Ferreria. As propagandas da Revista Feminina (1914-1936): a invenção do mito da beleza. *Oficina do Historiador*, [S. l.], v. 7, n. 1, 2014, p. 106-120.

SOARES, Cristiane.; MELO, Hildete Pereira.; BANDEIRA, Lourdes. O trabalho das mulheres brasileiras: uma abordagem a partir dos censos demográficos de 1982 a 2010. XIX Encontro Nacional de Estudos Populacionais, São Pedro (SP), novembro 2014. In: *Anais...*, São Paulo: ABEP, 2014.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOIHET, Rachel. Condição feminina e formas de violência. *Mulheres pobres e ordem urbana, 1890-1920*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

SOIHET, Raquel. Mulheres Pobres e Violência no Brasil Urbano. DEL PRIORE, Mary. (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012.

SOUZA, Hevelin Cordeiro de. *Entre milk shake e sorvete: um estudo da representação das crianças nos contos “Tchau”, de Lygia Bojunga, e “Passeio”, de Fernando Sabino*. Trabalho de Conclusão de Curso (Letras), Universidade Estadual do Paraná. Paranaguá, 2019.

SOUZA, Rosa Fátima de. *História de organização do trabalho escolar e do currículo no século XX* (ensino primário e secundário no Brasil). São Paulo: Cortez, 2008.

STEPAN, Nancy Leys. Eugenia no Brasil, 1917-1940. In: HOCHMAN, Gilberto; ARMUS, Diego (Org.). *Cuidar, controlar, curar*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004, p. 331-391.

STIKER, Henri-Jacques. Nova percepção do corpo enfermo. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Dir.). *História do corpo*. Volume 2. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008, p.347-374.

TANURI, Leonor Maria. História da Formação de Professores. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, nº 14, p. 61-88, maio-ago, 2000.

TRINDADE, Elaine Alves. [Conversa]. In: BENEDETTI, Ivone C.; SOBRAL, Adail (Org.). *Conversas com tradutores: balanços e perspectivas da tradução*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003, p.181-190.

URRY, John. Classe média. In: OUTHWAITE, William; BOTTOMORE, Tom (Dir.). *Dicionário do pensamento social do século XX*. Rio de Janeiro: Zahar, 1996, p.97-99.

APÊNDICES

**APÊNDICE A – REDATORES, DIRETORES, GERENTE – COLEÇÃO REVISTA
FUTURO DAS MOÇAS (1917-1918), VOL. 1 E 2 – BBM-USP**

NÚMERO DA REVISTA	DATA	Redator chefe	Redator secretario	Diretor	Gerente
01	04/04/1917				
02	11/04/1917	Raul Waldeck	Nestor Guedes	--	--
03	18/04/1917	Raul Waldeck	Nestor Guedes	--	--
04	24/04/1917	Raul Waldeck	Nestor Guedes	--	--
05	02/05/1917	Raul Waldeck	Nestor Guedes	--	--
06	09/05/1917	Raul Waldeck	Nestor Guedes	--	--
07	16/05/1917	Raul Waldeck	Nestor Guedes	--	--
08	23/05/1917	Raul Waldeck	Nestor Guedes	--	--
09	30/05/1917	Raul Waldeck	Nestor Guedes	--	--
10	06/06/1917	Raul Waldeck	Nestor Guedes	--	--
11	13/06/1917	Raul Waldeck	Nestor Guedes	--	--
12	20/06/1917	Raul Waldeck	A. Dardeau	--	--
13	27/06/1917	Raul Waldeck	A. Dardeau	J. Guimarães	J. Guimarães
14	04/07/1917	Raul Waldeck	Mario da Veiga Cabral	Ismael Loureiro	J. Guimarães
15	11/07/1917	Raul Waldeck	Mario da Veiga Cabral	Ismael Loureiro	J. Guimarães
16	18/07/1917	Raul Waldeck	Mario da Veiga Cabral	Ismael Loureiro	J. Guimarães
17	25/07/1917	Raul Waldeck	Mario da Veiga Cabral	Ismael Loureiro	J. Guimarães
18	01/08/1917	Raul Waldeck	Mario da Veiga Cabral	Ismael Loureiro	J. Guimarães
19	08/08/1917	Raul Waldeck	Mario da Veiga Cabral	Ismael Loureiro	J. Guimarães
20	15/08/1917	Raul Waldeck	Mario da Veiga Cabral	Ismael Loureiro	J. Guimarães
21	22/08/1917	Raul Waldeck	Mario da Veiga Cabral	Ismael Loureiro	J. Guimarães
22	29/08/1917	Raul Waldeck	Mario da Veiga Cabral	Ismael Loureiro	J. Guimarães
23	05/09/1917	Raul Waldeck	Mario da Veiga Cabral	Publio Pinto	M. Lavrador Filho
24	12/09/1917	Raul Waldeck	Mario da Veiga Cabral	Publio Pinto	M. Lavrador Filho

25	19/09/1917	Raul Waldeck	Mario da Veiga Cabral	Publio Pinto	M. Lavrador Filho
26	26/09/1917	Raul Waldeck	Mario da Veiga Cabral	Publio Pinto	M. Lavrador Filho
27	03/10/1917	Raul Waldeck	Mario da Veiga Cabral	--	J. Guimarães
28	10/10/1917	Raul Waldeck	Mario da Veiga Cabral	--	J. Guimarães
01 (29*)**	13/11/1917	Raul Waldeck	--	Publio Pinto	--
02 (30*)**	20/11/1917	Raul Waldeck	--	Publio Pinto	--
33 (31*)***	12/12/1917	--	--	Publio Pinto	--
34 (32*)***	19/12/1917	--	--	Publio Pinto	--
35 (33*)***	26/12/1917	--	--	Publio Pinto	--
36 (34*)***	09/01/1918	--	--	Publio Pinto	--
37 (35*)***	16/01/1918	--	--	Publio Pinto	--
38 (36*)***	23/01/1918	--	--	Publio Pinto	--
39 (37*)***	30/01/1918	--	--	Publio Pinto	--
40 (38*)***	13/02/1918	--	--	Publio Pinto	--

* Numeração incluída manualmente na revista.

** A revista circulou com o título *O Futuro*.

***A revista circulou com o título *O Futuro das Moças*.

**APÊNDICE B – COLEÇÃO REVISTA *FUTURO DAS MOÇAS*, N. 1 AO 19 (1917),
VOL. 1 – BBM-USP**

N. DA REVISTA	DATA	PÁGINAL INICIAL NO PDF	PÁGINA FINAL NO PDF
01	04/04/1917	5	40
02	11/04/1917	41	74
03	18/04/1917	75	108
04	24/04/1917	109	140
05	02/05/1917	141	174
06	09/05/1917	175	208
07	16/05/1917	209	242
08	23/05/1917	243	276
09	30/05/1917	277	310
10	06/06/1917	311	344
11	13/06/1917	345	378
12	20/06/1917	379	412
13	27/06/1917	413	446
14	04/07/1917	447	478
15	11/07/1917	479	512
16	18/07/1917	513	548
17	25/07/1917	549	582
18	01/08/1917	583	616
19	08/08/1917	617	650

APÊNDICE C – COLEÇÃO REVISTA *FUTURO DAS MOÇAS*, N. 20 AO 40 (1917-1918) VOL. 2 – BBM-USP

nº DA REVISTA	DATA	PÁGINAL INICIAL NO PDF	PÁGINA FINAL NO PDF
20	15/08/1917	5	37
21	22/08/1917	38	69
22	29/08/1917	70	102
23	05/09/1917	103	136
24	12/09/1917	137	170
25	19/09/1917	171	204
26	26/09/1917	205	238
27	03/10/1917	239	272
28	10/10/1917	273	306
01 (29*) **	13/11/1917	307	342
02 (30*) **	20/11/1917	343	376
33 (31*) ***	12/12/1917	377	406
34 (32*) ***	19/12/1917	407	440
35 (33*) ***	26/12/1917	441	574
36 (34*) ***	09/01/1918	475	508
37 (35*) ***	16/01/1918	509	542
38 (36*) ***	23/01/1918	543	576
39 (37*) ***	30/01/1918	577	610
40 (38*) ***	13/02/1918	611	644

* Numeração incluída manualmente na revista.

** A revista circulou com o título *O Futuro*.

***A revista circulou com o título *O Futuro das Moças*.